

P A L E S T R A S

PÚBLICAS



Federação Espírita do Paraná



À GUIA DE APRESENTAÇÃO

Allan Kardec, o insigne Codificador da Doutrina Espírita, esclarece-nos ¹: *“para os que compreendem o Espiritismo filosófico e nele vêem outra coisa, que não somente fenômenos mais ou menos curiosos, diversos são os seus efeitos.*

*“O primeiro e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso até naquele
que, sem ser materialista, olha com absoluta indiferença para as questões espirituais.*

“O segundo efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida.

“O terceiro efeito é o de estimular no homem a indulgência para com os defeitos alheios”.

Aqui neste livreto apresentamos 52 temas como sugestão para palestras principalmente àqueles que estejam vindo à Casa Espírita pelas primeiras vezes, buscando o consolo, o esclarecimento e melhor orientação para suas vidas, segundo as luzes do Espiritismo.

Para este trabalho melhor servir aos seus propósitos junto ao palestrante, além dos 52 temas, reunimos para cada um deles: itens a serem abordados, sugestão bibliográfica e texto auxiliar.

Com este novo trabalho, a Federação Espírita do Paraná cumpre mais uma etapa de seu quase centenário labor no tocante à divulgação espírita, que, em última análise, significa difundir o senti-

¹ O Livro dos Espíritos, Conclusão, VII.

mento religioso, o convite à resignação e o estímulo à indulgência, uma vez que, segundo Joanna de Ângelis, Espírito, *“a palavra evangélica e espírita é cimento de luz para a construção do altar do bem e templo da felicidade humana para todo o sempre”*.

No entanto, dirigimo-nos especialmente aos palestrantes, citando-os ao continuado e nobre trabalho de colaborar no apostolado libertador do Espiritismo, cada vez mais em quantidade e qualidade, transcrevendo o pensamento esclarecedor de Emmanuel: *“Fala e escreve, age e trabalha, quanto possível, pela expansão do pensamento espírita, no entanto, para que o pensamento espírita produza frutos de alegria e concórdia, renovação e esclarecimento, é necessário vivas de acordo com as verdades que ele te ensina.*

“A cada minuto, surge alguém que te pede socorro para o frio da própria alma, contudo, para que transmitas o calor do pensamento espírita é imperioso estejas vibrando dentro dele. Diante da sombra, não adianta ligar o fio da tomada sem força, nem pedir luz em cadeia morta”.

Diretoria Executiva

Índice

01. ANJOS DE GUARDA. ESPÍRITOS PROTETORES	5
02. A MENSAGEM DA IMORTALIDADE	9
03. A ORAÇÃO	13
04. A CARIDADE EM NOSSAS VIDAS	17
05. EDUCAÇÃO DE FILHOS.	21
06. PROFISSÃO.	25
07. O AMOR AOS INIMIGOS	29
08. OS TALENTOS QUE DEUS NOS DEU	33
09. JUSTIÇA	37
10. ESPERANÇA	41
11. CASAMENTO	47
12. GRATIDÃO	51
13. A INVEJA	57
14. A ENFERMIDADE EM NOSSAS VIDAS	61
15. ORGULHO E HUMILDADE	65
16. REENCARNAÇÃO: CASTIGO OU OPORTUNIDADE?	71
17. A DOR EM NOSSAS VIDAS.	75
18. GENIALIDADE: O PASSADO SE REFLETE NO PRESENTE	79
19. MORTES INFANTIS	83
20. FIDELIDADE	87
21. RESPEITO	91
22. PARÁBOLA DO SEMEADOR	95
23. NOSSOS PRECONCEITOS	99

24. FAMÍLIA _____	103
25. PRESENTIMENTOS _____	109
26. CANSAÇO _____	113
27. PATERNIDADE _____	117
28. DESGOSTO DA VIDA. SUICÍDIO _____	121
29. NOSSOS SONHOS _____	125
30. O AMOR EM NOSSAS VIDAS _____	129
31. EGOÍSMO. _____	133
32. MATERNIDADE _____	137
33. COMEMORAÇÃO DOS MORTOS _____	141
34. DESCULPISMO _____	145
35. EDUCAÇÃO PARA A MORTE _____	149
36. A PRECIOSIDADE DO TEMPO _____	153
37. PROVIDÊNCIA DIVINA _____	157
38. SERVIÇO DESINTERESSADO _____	161
39. JESUS, O HOMEM INTEGRAL _____	165
40. INSTRUMENTO DIVINO, NOSSO CORPO _____	169
41. ESTUDO _____	173
42. PÁTRIA _____	177
43. RIQUEZA E POBREZA _____	181
44. A INFÂNCIA _____	185
45. FILHOS ADOLESCENTES _____	189
46. A MEDIUNIDADE EM NOSSAS VIDAS _____	193
47. AFLIÇÕES _____	197
48. PROVAS E EXPIAÇÕES _____	201
49. NATAL _____	205
50. LAR – UM LUGAR PARA CRESCER _____	209
51. MISSÕES DOS ESPÍRITOS _____	213
52. ANO NOVO – PROPOSTA PARA RENOVAÇÃO _____	217



ANJOS DE GUARDA. ESPÍRITOS PROTETORES.

- os anjos na visão espírita
- os anjos de guarda e os espíritos protetores
- atuação dos anjos de guarda em nossas vidas

Texto auxiliar:

A palavra anjo desperta geralmente a idéia da perfeição moral. Mas é freqüentemente aplicada a todos os seres, bons e maus, que não pertencem à humanidade. Diz - se o bom e o mau anjo, o anjo da luz e o anjo das trevas.

Na Bíblia encontra-se muito o termo , às vezes com o sentido de criaturas humanas exercendo a função de mensageiros, embaixadores, profetas.

O uso mais freqüente se aplica a criaturas já existentes antes da criação do mundo, mas igualmente criadas por Deus. Distinguem-se do homem pela superioridade da inteligência, sabedoria e poder.

Alguns críticos julgam ver nessas entidades angelicais resíduos, em Israel, do politeísmo dos povos vizinhos, sobretudo na Pérsia.

É assim que eles aparecem em descrições bíblicas falando aos homens na forma e linguagem humana e são mostrados com graus hierárquicos entre si.

Observa-se que no Novo Testamento as referências aos anjos são menos freqüentes do que no Antigo Testamento.

A existência de seres humanos exercendo as funções de mensageiros da divindade aos homens é admitida como realidade entre religiões não bíblicas, também. Encontramos descrições de anjos

no Maometismo, nas mitologias gregas e orientais e em algumas formas do Budismo. O Corão é extraordinariamente rico em referências aos anjos.

A Doutrina Espírita ensina que os anjos são seres criados como todos os espíritos. Por já terem percorrido todos os graus e reunirem em si todas as perfeições se tornaram espíritos puros.

Como existem espíritos dessa categoria muito anteriores ao homem, este acreditou que eles haviam sido criados assim, perfeitos.

Entre os anjos, existem aqueles que se dedicam a proteger: são os anjos da guarda. São sempre superiores ao homem. Estão ali para aconselhar, sustentar, ajudar a escalar a montanha escarpada do bem. São amigos mais firmes e mais devotados do que as mais íntimas ligações que se possam contrair na terra.

Esses seres ali estão por ordem de Deus, que os colocou ao lado dos homens. Ali estão por seu amor. Cumprem junto aos homens uma bela mas ao mesmo tempo penosa missão.

Seja nos cárceres, nos hospitais, nos antros do vício, na solidão, eles se encontram ao lado dos seus protegidos.

É deles que a nossa alma recebe os mais doces impulsos e ouve os mais sábios conselhos.

Eles nos auxiliam nos momentos de crise. Quantas vezes nos salvam dos maus espíritos. Para os que pensam ser impossível os espíritos verdadeiramente elevados se restringirem a uma tarefa tão laboriosa, e de todos os instantes, é bom lembrar que eles nos influenciam a milhões de léguas de distância. Para eles, o espaço não existe. Podem estar vivendo em outros mundos e conservar a ligação com os seus protegidos.

Gozam de faculdades que não podemos compreender.

Cada anjo da guarda tem o seu protegido e vela por ele, como um pai vela pelo filho. Sente-se feliz quando o vê no bom caminho, chora quando os seus conselhos são desprezados.

O anjo da guarda é ligado ao indivíduo desde o nascimento até a morte. Frequentemente o segue depois da morte e mesmo através de numerosas existências corpóreas.

Para o espírito imortal, essas existências não são mais do que fases bem curtas da vida.

Observações:

Foi Gregório Magno o primeiro a introduzir a concepção da angelologia na Teologia Cristã no Ocidente. Surgiram assim além dos anjos e arcanjos, duas outras classes: a dos querubins e serafins, jamais mencionadas em toda a Bíblia como seres angelicais.

No Novo Testamento os anjos são apresentados como sujeitos a Cristo , o espírito maior.

Sugestão bibliográfica

- 01.KARDEC, Allan. Intervenção dos espíritos no mundo corpóreo. In:____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo: LAKE, 1980. pt. 2, cap. IX, pergs. 489 a 521.
- 02._____. Coletânea de preces espíritas. In:____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. XXVIII, itens 11 e 14.
- 03.FRANCO, Divaldo Pereira. Anjos guardiães. In:____. **Momentos enriquecedores**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1994. cap. 20.
- 04._____. Os amigos espirituais. In:____. **Sob a proteção de Deus**. Por diversos espíritos. Salvador:LEAL, 1994. cap. 11.
- 05.PEREIRA, Yvonne A.Amigo ignorado. In:____. **Recordações da mediunidade**. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1976. cap. 7.
- 06.SIMONETTI, Richard. A ajuda do céu. In:____. **Viver em plenitude**. 3. ed. Bauru:SÃO JOÃO, 1996. cap. 11.
- 07._____. A melhor ajuda. In:____. **Op. cit.** cap. 12
- 08.XAVIER, Francisco Cândido. Espíritos protetores. In:____. **Reportagens de Além-túmulo**. Pelo espírito Humberto de Campos. 6. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1982. cap. 4.
- 09.ANJO. In:____. **Enciclopédia Mirador Internacional**. São Paulo. Encyclopaedia Britânica do Brasil, 1986. v. 2. p. 600.



A MENSAGEM DA IMORTALIDADE

- os espíritos criados por Deus imortais
- provas da imortalidade da alma
- Jesus e a mensagem da imortalidade

Texto auxiliar:

O século XVIII o conheceu como grande músico. Deu seu primeiro concerto aos 7 anos e aos doze apresentou sua primeira composição significativa.

Muito triste foi sua vida. O pai, cantor da corte, usava de brutalidade com ele, especialmente quando, após exaustivas horas de estudo ao piano, o garoto errava uma nota. Criança, ele recebia muitos safanões também nas noites em que o pai se embriagava e chegava ao lar em péssimo humor.

Quando tinha 17 anos, sua mãe morreu e ele assumiu os cuidados dos dois irmãos menores.

Viena, a cidade da música, o recebeu de braços abertos e costumava ouvi-lo embevecida. Aprendeu a tocar trompa, viola, violino, clarinete para melhor poder escrever músicas para orquestra.

A fama do seu talento rápido se espalhou e muitos foram os concertos que deu, inclusive em benefício da viúva e filhos de Mozart.

Mas, aos 27 anos um zumbido incômodo o obrigou a consultar um médico para ouvir a pior sentença de sua vida: estava ficando surdo.

Ludwig Van Beethoven, o compositor, o maestro passou a evitar as reuniões sociais e isolou-se no campo.

“As árvores parecem me falar de Deus”, ele dizia. Em uma carta, confessou aos irmãos:” **Não posso pedir às pessoas que falem mais alto, porque sou surdo. Se outra fosse minha profissão, mas um músico deve ter este sentido mais perfeito do que os outros.”**

Embora tentado à depressão, ele não se deixou dominar por ela. Não desistiu. Sua produção musical foi adquirindo qualidade muito diferente dos demais compositores e, por incrível que pareça, as composições que mais se conhecem e adquiriram maior notoriedade são justamente as que ele compôs após diagnosticada a sua surdez.

Os sons pareciam morrer a pouco a pouco, na sequência dos dias, para sua audiência física , contudo ele parecia ouvir sons imortais.

Apesar da tristeza que o rodeou e no isolamento que se impôs, registrou em sua última sinfonia, a nona, uma ode à alegria.

É um cântico da alma que exalta o Criador pela sua criação.

Não há quem a ouça e permaneça indiferente.

Possivelmente, seu espírito estava a adivinhar que em breve partiria para a pátria espiritual e já exalava seu hino de felicidade, pela libertação.

Em 1827, depois de uns anos finais tristes, ele morreu, deixando como legado seu testemunho da certeza imortalista: **“No céu, vou tornar a ouvir.”** (A partir da obra **O livro das virtudes/ vol. II/O compasso moral/ Editora Nova Fronteira/ William J. Bennett - cap. O triunfo de Beethoven).**

Observações:

A certeza da imortalidade se encontra no íntimo de todos os seres. Mesmo quando as criaturas afirmam que nada deve existir para além da vida física, deixam escapar vez ou outra alguma frase como:” Quando eu me for desta para uma melhor...”

Esta certeza é fruto da essência imortal que somos.

Entre os povos mais primitivos, o culto aos mortos registra que eles acreditavam em uma vida depois da vida física, embora não tivessem a exata ciência de como ela seria.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Dos espíritos. In:____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. I, pergs. 76 a 78, 81, 88 a 92 a.
- 02._____. Encarnação dos espíritos. In:____. **Op. cit.** pt. 2, cap. II, pergs. 134 a 134 b.
- 03.DELANNE, Gabriel. Estudos experimentais sobre o desprendimento da alma humana. In:____. **A alma é imortal**. 4. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978. pt. 2, cap. I.
- 04.FRANCO, Divaldo Pereira. Espírito. In:____. **Estudos espíritos**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Rio de Janeiro:FEB, 1982. cap. 3.
- 05._____. Túmulo e sobrevivência. In:____. **Momentos de iluminação**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1990. cap. 19.
- 06._____. Problema de crença. In:____. **Panoramas da vida**. Pelo espírito Ignotus. 2. ed. Salvador:LEAL, 1971. cap. 2.
- 07.TEIXEIRA, J. Raul. A exuberante vida. In:____. **Vozes do infinito**. Por diversos espíritos. Niterói:FRÁTER, 1991. cap. 6.



A ORAÇÃO

- diálogo com as Forças Espirituais Superiores
- gratidão, louvor, súplica
- ação da prece

Texto auxiliar

A prece tem sido definida como o diálogo com a Divindade. Desde os tempos mais recuados, as notícias históricas nos asseveraram que o homem, mesmo antes de compreender a existência de um Ser Criador, buscava aplacar as Potestades com invocações e sacrifícios.

Entendia que algo superior a si mesmo havia, que se manifestava no troar dos céus em revolta, nas danças aceleradas dos ventos em rebuliço, na chuva implacável que arrasava suas moradas e levava seus poucos bens, no frio que lhe dilacerava as carnes, enregelando-o.

Por isso, buscava se comunicar com tais forças, e fazia tentativas diferentes a ver o que as poderia acalmar.

Eram os rudimentos da prece, do buscar o Superior, de tentar a comunicação.

Embora, ainda nos dias atuais, muitos interpretem a oração como um simples repetir de palavras ou como fraqueza dos que não têm a quem buscar, senão o invisível, a oração é arma poderosa, que tem o poder de nos alçar a regiões de tranquilidade e paz, de lá haurindo a calma e a força de que carecemos para prosseguir nos combates diários, que a vida nos impõe.

Os que nos afeiçoamos a uma religião, que portamos a fé em

Deus infinitamente bom e misericordioso, utilizamo-nos da oração para rogar, pedir, suplicar.

Os que além da misericórdia e bondade divinas, divisamos igualmente o Esteta, o Pai amoroso que tudo dispôs para os Seus filhos, na face do planeta, habituamo-nos a orar em louvor. Desta forma, ao sentirmos o sol radioso , o firmamento em azul celeste, as nuvens em formas esbeltas e artísticas, a brisa que refresca a canícula do dia escaldante, a profusão das cores tão bem dispersas, em espetacular quadro na natureza, recordamo-nos de alçar o espírito e louvarmos o Criador de tanta beleza e harmonia.

Quem, senão um Excelso Artista pensaria em tantas cores, em tantos sons para seus amados?

Quem, senão um Sábio Cientista pensaria em leis tão sábias, tão extraordinárias que nos regem a vida? A semente que mergulha na escuridão do solo e se transforma em árvore, flor, fruto, alimento.

Duas gotículas d'água que se encontram na intimidade da trompa de Falópio e se transformam em um novo ser, em nome do amor.

Os que já exercitamos em nós, algumas virtudes, além de pedir, louvar, aprendemos a agradecer. Assim, a prece, em nossos lábios se transforma em um poema de gratidão, pela luz, pelo dia, pelas estrelas, pela noite enlutarada.

Baixamos o olhar e, maravilhados, pelas dádivas que nos chegam a mãos cheias todas as horas, agradecemos a este Artista, Poeta, Criador, Pai que nos plenifica de graças todos os dias.

Oração é louvor, é súplica, é gratidão. Depende de nós a utilizarmos em nossas vidas, em sua amplitude ou somente na par-

ticularidade de um aspecto.

Entendê-la e servir-se dela, com sentimento, é atitude que somente nos trará felicidades desde o hoje, mesmo ante as dores e tormentas que nos chegam, como apelos dos Céus a que nos afeiçoemos ao bem.

Observações:

A oração pode ser comparada ao arado que trabalha laboriosamente o solo, onde se pretende estender a sementeira. É necessário conduzi-la bem.

A prece constrói a ponte entre o filho e o Pai. Compreendida em sua essência e bem utilizada, faculta intensa conversação entre ambos, conversação que vai muito além da simples petição do necessitado ao Criador. É o diálogo íntimo de um coração ferido a outro, infinitamente pleno de amor.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Lei de adoração. In:____. **O livro dos espíritos**. 40.ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 3, cap. II, pergs. 658 a 666.
- 02._____. Pedi e obtereis. In:____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. XXVII, itens 4 a 17, 22 e 23.
- 03.FRANCO, Divaldo Pereira. Recursos terapêuticos. In:____. **Luz viva**. Pelos espíritos Joanna de Ângelis e Marco Prisco. Salvador:LEAL, 1984. cap. 1.
- 04._____. Entre duas atitudes. In:____. **Op. cit.** cap. 19.
- 05.PALHANO JUNIOR, L. Prece. In:____. **A carta de Tiago**. Niterói:FRÁTER, 1992. cap. 5.
- 06._____. O poder da prece. In:____. **Op. cit.** cap. 24.
- 07.SCHUBERT, Suely Caldas. Resgatando almas – o franciscano. In:____. **O semeador de estrelas**. Salvador:LEAL, 1989. cap. 15.
- 08._____. A moça de Catanduva. In:____. **Op. cit.** cap. 16.
- 09.VIEIRA, Waldo. Perante a oração. In:____. **Conduta espírita**. Pelo espírito André Luiz. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1961. cap. 26.
- 10.XAVIER, Francisco. Cândido. A oração. In:____. **Missionários da luz**. Pelo espírito André Luiz. 9. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1973. cap. 6.



A CARIDADE EM NOSSAS VIDAS

- a caridade segundo Paulo de Tarso
- verdadeiro sentido da palavra caridade
- benefícios da caridade a quem a exercita

Texto auxiliar

Após a morte de Jesus, Simão Pedro foi para Jerusalém e, junto a corações amigos do amigo que partira, fundou uma casa de assistência.

O seu objetivo era atender aos órfãos, viúvas e doentes. Chamou-a Casa do Caminho. Se o objetivo era nobre e necessário, manter aquele atendimento era bastante difícil.

Os necessitados chegavam todos os dias, batendo àquela porta de misericórdia e poucos eram os recursos.

Por isso mesmo, todas as manhãs, o Apóstolo Pedro saía a pedir, em nome do Cristo, batendo às portas de conhecidos e comerciantes. Pedia comida para os seus asilados, roupas, enfim, o que tivessem para lhe ceder.

Ao final da tarde, retornava com os braços carregados de donativos, cansado, extenuado. Na manhã seguinte, tudo se repetia.

Paulo de Tarso, que há pouco abraçara o Cristianismo, após a visão magnífica da estrada de Damasco, em visitando a obra assistencial verificou que muito se fazia ali pelo corpo físico das criaturas. Mas o espírito não era alimentado.

Pedro retornava tão cansado das suas jornadas que não conseguia se deter para lhes falar de Jesus.

“Onde estava a mensagem”, perguntava Paulo, “em nome da qual se erguera aquela casa?”

Aqueles seres necessitavam sim do pão, das vestes, da cama limpa e de medicamentos. Muito mais que isso, precisavam de alimento para as suas almas. E esse se chamava Boa Nova, o Evangelho de Jesus.

Assim, pensando em resolver a problemática da Casa do Caminho, propôs ao velho Apóstolo Pedro que aqueles abrigados que tivessem condições poderiam aprender uma profissão e trabalhar para auxiliar no sustento.

Ele mesmo, Paulo, se propôs a ensinar a sua profissão. Ele era tecelão, sabendo manejar muito bem os fios de cabra, de camelo, a lã das ovelhas.

Animado por essa idéia, outro companheiro de Paulo, de nome Barnabé, que era oleiro, se dispôs a ensinar o seu ofício.

Logo mais, a Casa do Caminho se auto sustentava pelo trabalho dos que ali recebiam as suas bênçãos. E Pedro pôde se voltar para a tarefa de levar conforto aos corações, espalhando a palavra de Jesus a todos.

Graças a essa medida, a Casa do Caminho sobreviveu por anos, atendendo os seus objetivos assistenciais. Sobretudo, esclarecendo os espíritos dos homens, que tinham dessa forma a sua sede de justiça saciada, a sua fome de amor atendida.

Esclarecidos, os que dali partiam, curados das suas mazelas físicas, retornavam ao mundo com novos valores nos seus corações, mais aptos para as lutas de cada dia.

Para que a obra prosseguisse no tempo, ele procurou em

seguida braços fortes. Eram pessoas que diziam seguir Jesus mas não saíam de suas casas. Nada faziam para melhorar a situação do mundo.

Ele as buscou e as convidou ao trabalho pelo bem do próximo.

Com tal atitude, Paulo de Tarso inaugurou na Terra a era da caridade.

Observações:

A palavra caridade foi cunhada por Paulo de Tarso e seu significado é amor em ação.

O Divino Mestre falou intensamente a respeito do amor : amor ao próximo, amor aos inimigos, amor entre os seus seguidores.

Paulo, tomando de todos esses ensinamentos, os sintetizou em uma palavra: caridade.

Sugestão bibliográfica:

01. KARDEC, Allan. Lei de conservação. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo: LAKE, 1980. pt. 3, cap. V, perg. 707.
02. _____. Lei de justiça, amor e caridade. In: _____. **Op. cit.** cap. XI, pergs. 886 a 889.
03. _____. Fora da caridade não há salvação. In: _____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987. cap. XV, itens 4 a 7 e 10.
04. FRANCO, Divaldo Pereira. Perfil da caridade. In: _____. **Perfis da vida**. Pelo espírito Guaracy Paraná Vieira, Salvador: LEAL, 1993. cap. 22.
05. _____. Caridade em todo lugar. In: _____. **Sob a proteção de Deus**. Por diversos espíritos. Salvador: LEAL, 1994. cap. 21.
06. _____. Caridade real. In: _____. **Suave luz nas sombras**. Pelo espírito João Cléofas. Salvador: LEAL, 1993. cap. 36.
07. _____ e PEREIRA, Nilson de Souza. O espiritismo em Portugal. In: _____. **A serviço do espiritismo**. Salvador: LEAL, 1982. cap. 1. p. 75 – 78.
08. TEIXEIRA, J. Raul. Práticas a caridade? In: _____. **Revelações da luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói: FRÁTER, 1994. Cap. 18.
09. XAVIER, Francisco Cândido. Iluminação. In: _____. **O consolador**. Pelo espírito Emmanuel. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1970. pt. 2, cap. IV, perg. 225.
10. _____. Evolução. In: _____. **Op. cit.** pt. 2, cap. V, pergs. 256 e 259.



EDUCAÇÃO DE FILHOS

- responsabilidade dos pais no processo da educação dos filhos
- a força do exemplo
- a idade mais propícia à educação

Texto auxiliar:

No concerto da vida, um dos graves problemas com que se defrontam os pais, é a delicada questão da educação dos filhos. Educadores, psicólogos e tantos outros estudiosos se esmeram em estabelecer fórmulas de comportamento mais adequado, mais correto, criando, vezes muitas, nas mentes de pais que se sentem despreparados, dramas conscienciais e muitos dilemas.

Não existem, no entanto, fórmulas mágicas ou totalmente prontas para o processo educativo, mesmo porque cada ser humano é um ser diferente, com um psiquismo e uma herança especialmente individual. Como asseverou o célebre psiquiatra austríaco, Dr. Bruno Bettelheim, não podem os pais almejar a perfeição na sua condição de educadores, mas sim, o serem bons o bastante para seus filhos, transformando-os em cidadãos do mundo, úteis, dignos.

Estriba-se a educação no exemplo. Talvez resida, justamente aí, a falha nos processos educativos que não alcançam seus altos objetivos.

Importante que à palavra se alie o ato condizente, pois que mais que tudo a criança é uma imitadora. Não a vemos, vezes inúmeras, tomando do sapato do papai, das roupas da mamãe, dos utensílios de ambos e, à guisa de imitação, personificá-los ?

A criança, ao nascer, não é uma página em branco em que se pretenda insculpir o homem do amanhã. Traz a herança de si própria, como espírito imortal que já viveu transatas existências, onde amealhou virtudes e se acumpliciou com o erro. A detectar e examinar tais tendências, positivas e negativas, devem se esmerar os pais.

No cotidiano, na vivência familiar, no processo da educação informal é que as crianças aprendem as noções primeiras da honestidade, do trabalho, retidão. Na intimidade do lar é que se passam, igualmente, as noções primeiras da mentira, da corrupção, da “lei de Gerson”.

É quando tilinta o telefone e a mãe, atarefada, recomenda ao petiz que corre para atendê-lo : “Se for fulano, diga que não estou.” Melhor seria dizer : “... fale que agora não posso atender”.

No momento seguinte, o pai observa o carro imundo de poeira e lama e pede ao filho que o lave. O garoto se dispõe, impondo seu preço... que o pai acata, desde que o serviço seja bem feito, tarefa que significa simplesmente sua cooperação na comunidade familiar, portanto, seu dever .

Filhos assim conduzidos, do ninho doméstico saltam para a

vida pública, transformando-se nos tiranos da comunidade, no servidor público indolente, no político corrupto, que somente agirão se vantagens maiores se lhes acrescerem.

O espírito que chega ao nosso coração e se embosca na carne, na condição de filho, vem com o objetivo de crescer na escala evolutiva, ascender.

Eis porque imperiosa se faz a ação educadora, desde os dias primeiros, porque é na infância, esse período de repouso para o espírito, conforme asseveram os luminares da Espiritualidade Maior que o espírito “...é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.”

Sugestão bibliográfica

- 01.KARDEC, Allan. Retorno à vida corporal. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. VII, perg. 383.
- 02.AMORIM, Deolindo e MIRANDA, Hermínio C. Educação – o aprendizado da vida. In: _____. **O espiritismo e os problemas humanos**. São Paulo:USE, 1985. pt. 2, cap. X.
- 03.DENIS, Léon. A educação. In: _____. **Depois da morte**. 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978. pt. 5, cap. LIV.

- 04.FRANCO, Divaldo Pereira. A respeito de seu filho. In:____.
Crestomatia da imortalidade. Por diversos espíritos.
Salvador:LEAI, 1969. cap. 37.
- 05._____. Educação. In:____. **Estudos espíritas.** Pelo espírito
Joanna de Ângelis. Rio de Janeiro:FEB, 1982. cap. 23.
- 06.TEIXEIRA, J. Raul. Cuidemos das crianças. In:____. **Vereda fa-
miliar.** Pelo espírito Thereza de Brito. Niterói:FRÁTER,
1991. cap. 11.
- 07._____. Educação doméstica. In:____. **Op. cit.** cap. 19.
- 08._____. Filhos difíceis. In:____. **Op. cit.** cap. 17.
- 09._____. Na formação dos filhos. In:____. **Op. cit.** cap. 15.
- 10._____. Quem é o responsável? In:____. **Op. cit.** cap. 16.



PROFISSÃO

- oportunidade de serviço e crescimento
- a necessidade de aperfeiçoamento
- a nobreza das profissões

Texto auxiliar:

Qual será a profissão mais nobre? Quem será mais importante: o médico que salva vidas ou o motorista do coletivo que conduz centenas de vidas, todos os dias, em segurança?

Quem terá maiores méritos perante a divindade? O professor que ensina à criança as primeiras letras, descortinando-lhe o mundo encantado do alfabeto ou o professor universitário que prepara os jovens para o mercado de trabalho, para a sociedade, ensinando-lhes da sua própria experiência?

Analisando as tantas profissões que existem no mundo, conclui-se que nenhuma pode ser descartada. ao menos não enquanto vivemos a situação de planeta de provas e expiações.

Senão vejamos: o escritor utiliza dos seus recursos e escreve livros que renovam o pensamento do mundo.

A sua é a possibilidade de encantar, de proporcionar viagens fantásticas pela imaginação, de utilizar sabedoria, arte e beleza, dentro da vida.

Contudo, uma vassoura simples faz a alegria da limpeza e, sem limpeza, o poeta não consegue trabalhar.

As máquinas agrícolas abrem sulcos profundos na terra, revolvendo-a e a preparam para o plantio. Logo mais, as linhas que ela traça no solo transbordarão de milho, arroz, batata, trigo, en-

chendo os celeiros e as mesas.

O marceneiro trabalha com cuidado a madeira e lhe confere formas que cooperam na construção do lar.

O pedreiro ergue muros, coloca alicerces para os edifícios grandiosos. Organiza o seu pensamento e os seus esforços e faz surgirem obras fenomenais.

Mas por mais belo seja o edifício, os seus mármore, cristais, tapetes luxuosos não dispensarão a mão amiga da faxineira que lhes dará brilho.

Os magistrados usam da pena e da justiça e sentenciam. Das suas sentenças dependem vidas. Vidas que prosseguirão a ter alegrias ou se encherão de tristezas.

Os políticos orientam e governam, elaboram leis e as votam, decidindo o que seja melhor para o povo.

Entretanto, todos eles necessitam das mãos hábeis que conduzem as máquinas que lhes tecem as roupas que os defendem do frio.

Se os juízes se reúnem nas mesas de paz e justiça, os lavradores e agricultores são os que lhes ofertam os recursos para as refeições.

Ninguém suponha que perante Deus, os grandes homens sejam somente aqueles que usam a autoridade intelectual.

Que seria da humanidade se de repente não tivéssemos mais cozinheiros, recepcionistas, lavadeiras, arrumadeiras, babás?

Que fariamos sem esta gama enorme de servidores da humanidade?

Observações:

Todos somos chamados a servir, na obra do Senhor, de maneira diferente.

Cada trabalhador, em seu campo de ação, pode se considerar honrado pelo bem que possa produzir. Cada empregador ou empregado nos convençamos de que a maior homenagem que podemos prestar ao Criador é a correta execução do nosso dever, onde estivermos.

Sugestão bibliográfica:

01. TEIXEIRA, J. Raul. Juventude e profissões. In: _____. **Cântico da juventude**. Pelo espírito Ivan de Albuquerque. 2. ed. Niterói:FRÁTER, 1995.
02. _____. Trabalhe para o bem. In: _____. **Para uso diário**. Pelo espírito Joanes. Niterói:FRÁTER, 1999. cap. 11.
03. VIEIRA, Waldo. No trabalho. In: _____. **Conduta espírita**. Pelo espírito André Luiz. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1961. cap. 8.
04. XAVIER, Francisco Cândido. Somos chamados a servir. In: _____. **Alvorada cristã**. Pelo espírito Néio Lúcio. 4. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1971. cap. 44.
05. _____. Ciências aplicadas. In: _____. **O consolador**. Pelo espírito Emmanuel. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1970. pt. 1, cap. V, pergs. 92 a 94.
06. _____. Chefia e subalternidade. In: _____. **Sinal verde**. Pelo espírito André Luiz. 11. ed. Uberaba:CEC, 1982. cap. 16.
07. _____. Dever e trabalho. In: _____. **Op. cit.** cap. 17.
08. _____. Em torno da profissão. In: _____. **Op. cit.** cap. 18.
09. _____. Nos compromissos do trabalho. In: _____. **Op. cit.** cap. 19.



O AMOR AOS INIMIGOS

- inimigos de fora e os da intimidade
- verdadeiro sentido do “amor aos inimigos”
- o não revide

Texto auxiliar:

Alguns dos ensinamentos do Senhor Jesus por vezes nos surpreendem. Principalmente porque não conseguimos ainda, apesar de passados quase dois mil anos, entender verdadeiramente o sentido das palavras que Ele enunciou.

Uma das afirmativas do Mestre Nazareno que se refere ao amor aos inimigos tem sido alvo de muitas controvérsias, ao longo do tempo.

Como, perguntam as pessoas, poderemos amar a quem nos faz o mal? A quem nos agride?

O Divino Amigo, contudo, é enfático: “Se somente amardes os que vos amam, que mérito se vos reconhecerá, uma vez que as pessoas de má vida também amam os que as amam?”

Como, no entanto, se poderá amar alguém que nos trai, que nos prejudica? Alguém que, de forma maldosa e intencional, semeia a calúnia a nosso respeito, destruindo-nos a imagem perante companheiros de trabalho, parentes ou amigos?

Ainda uma vez é bom nos recordarmos ser muito importante nos entendermos acerca do verdadeiro sentido das palavras.

Aqui, como em todas as exortações do Cristo, importa se extrair o espírito da letra.

Assim procedendo, verificaremos que o que Jesus recomen-

da é que não se queira mal, nem se planeje vingança para quem nos agrediu, moral ou fisicamente.

Naturalmente, o sábio Jesus que nos recomendou que fôssemos prudentes como as serpentes, não pediria nos entregássemos em total confiança a quem é mau e planeja o mal. Não haveria de nos recomendar entregar o pescoço ao carrasco, por não ser norma de prudência.

Queria sim afirmar que o mal não nos merece consideração em tempo algum. Que perdoar o mal recebido é regra de sabedoria. Que retribuir o mal recebido com o bem que a criatura necessita é a verdadeira conduta do cristão.

Muitas vezes, ao sermos feridos por ditos amigos ou desafetos, afirmamos não lhes desejar mal nenhum. Basta, entretanto, que saibamos que aquele que nos magoou, sofre tal ou qual situação para exclamarmos: “Só podia acabar assim mesmo. Tanta maldade precisava receber o troco.”

Ou então dizemos não desejar mal algum ao nosso desafeto, mas concluímos: “Deus está vendo. Ele haverá de pagar por esta injustiça!”

Ora, toda vez que assim expressamos nosso pensamento, estamos afirmando que ficamos no aguardo que ele pague e bem caro pelo que nos fez. Não deixa de ser uma forma de vingança.

O amor aos inimigos não vibra com as dificuldades que os alcançam. Antes, fica à espreita de auxiliar o que errou, agrediu, machucou.

Não entrega o coração ao arquiteto da maldade, mas não se arvora em juiz, acusador e executor da sentença.

O amor aos inimigos começa com a tentativa de desculpar,

cresce na conjugação do verbo perdoar, estende as mãos para amparar, auxiliar e erguer.

Bibliografia sugerida:

- 01.KARDEC, Allan. Amai os vossos inimigos. In: _____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. XII, itens 1 a 4, 7 a 10.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Jesus e inimigos. In: _____. **Jesus e atualidade**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. 10. ed. São Paulo:PENSAMENTO, 1995. cap. 20.
03. _____. A regra de ouro. In: _____. **Luz do mundo**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador:LEAL, 1971. cap. 4.
04. _____. A era do amor. In: _____. **Pelos caminhos de Jesus**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador:LEAL, 1988. cap. 8.
05. _____. A lição difícil. In: _____. **Quando voltar a primavera**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador:LEAL, 1977. cap. 10.



OS TALENTOS QUE DEUS NOS DEU

- a vida, a inteligência, a família
- as dores, os reencontros
- boa utilização de todos os talentos

Texto auxiliar:

Na vida, é bastante comum as pessoas invejarem umas às outras. Algumas apreciariam ter facilidade de se expressarem em público, porque afinal para tantos isto parece tão fácil. Outras gostariam de ser admiradas pela sua beleza à semelhança de criaturas que o são, parecendo atraírem os olhares onde quer que estejam.

Enfim, é um desfilar contínuo de desejos de ser como o outro, de ter o que o outro tem.

Uma cantora e estrela da TV americana teve oportunidade de narrar uma de suas experiências de vida. Algo, diz ela, que lhe aconteceu em torno de seus treze anos de idade e que influenciou definitivamente sua carreira e seu modo de ser.

Foi nessa época que ela recebeu a chance de realizar uma turnê por várias cidades americanas com uma famosa cantora. Apresentando-se em ambientes fechados de igrejas, elas atraíam público sempre entusiasta.

Della Reese afirma que toda vez que se apresentava dava o máximo de si. Buscava entoar as notas mais altas, sustentava-as por tempo mais longo, enfim, o seu era um show em que se exibia.

Esquecia-se muitas vezes que estava cantando em templos religiosos e entoando hinos que deveriam ter o objetivo único de louvar ao Senhor e sensibilizar as criaturas para as coisas espirituais.

Com o tempo ela foi observando que o seu modelo, a famosa Mahalia Jackson inspirava ao povo sentimentos diferentes dos que ela conseguia. As pessoas a ouviam com respeito e assombro.

Afinal, o que será que ela tinha que Della Reese não tinha? Foram necessárias muitas apresentações para ela descobrir.

Aconteceu afinal que em uma determinada localidade, encontraram uma garota, uma lavradora de tranças longas que cantava maravilhosamente. Foi o suficiente para a jovem sentir-se enciumada. Com certeza, ela seria preterida.

No entanto, quando manifestou seu mau humor e sua raiva à famosa Mahalia, esta lhe deu em poucas palavras a lição: “Não se trata de cantar melhor, de sustentar por mais tempo as notas ou de alcançar tonalidades mais agudas.

Trata-se de sentir a presença de Deus. Não estamos numa competição. Estamos a serviço de Deus.

E concluiu: “Fique feliz por ele ter chamado você. Mas, lembre-se de que você não é a única a quem Ele chamou.

“Saibamos observar e descobrir como Deus coloca talentos nos lugares mais estranhos.”

Della Reese afirma que jamais conseguiu cantar como cantoras extraordinárias que a inspiraram, mas conseguiu ser ela mesma. Cantar como ela mesma, dar o que tinha de seu.

E considerou que a presença daquela mulher em sua adolescência foi a dose exata da Providência Divina se manifestando para que ela aprendesse a ser grata e valorizasse o que possuía e bem utilizasse.

Observações:

Todos somos filhos de Deus e todos possuímos dádivas que nos foram dadas por Ele.

Todos trazemos a este mundo talentos que nos cabe bem aproveitar. Uns possuímos a inteligência aguçada, a sabedoria, recursos materiais. Outros a facilidade para as artes, a comunicação.

Cada um de nós está colocado estrategicamente em um lugar especial para ali crescer e auxiliar a outros crescerem, para progredir e ajudar o progresso dos que convivem conosco. *(A partir da revista Reader's Digest Seleções /abril 1998 – artigo O toque de um anjo).*

Sugestão bibliográfica:

- 01.CALLIGARIS, Rodolfo. Parábola dos talentos. In: _____. **Parábolas evangélicas**. 3. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1983.
- 02.GODOY, Paulo Alves. A parábola dos talentos. In: _____. **O evangelho pede licença**. 2. ed. São Paulo:FEESP, 1990. cap. IV.
- 03.RODRIGUES, Wallace Leal V. Relógio marcando duas horas. In: _____. **Remotos cânticos de Belém**. 2. ed. Matão:O CLARIM, 1986. p. 59 – 64.
- 04.SCHUTEL, Cairbar. Parábolas dos talentos e das minas. In: _____. **Parábolas e ensinos de Jesus**. 9. ed. Matão:O CLARIM, 1972.



JUSTIÇA

- justiça humana e justiça divina
- ações que traduzem justiça no cotidiano
- Jesus e a justiça

Texto auxiliar:

Conta-se que em um país oriental, uma mulher foi surpreendida roubando um pão. De imediato, foi conduzida à frente do governante do país para ser julgada.

Colocada em meio à sala, todos os ministros do reino se fizeram presentes. Na qualidade de juízes maiores, optaram pela pena máxima.

Afinal, o país trabalhava pela sua moralização e todo crime devia ser duramente castigado.

“A sua punição serviria de exemplo a outros”, argumentou o ministro da justiça. E pediu que a sua morte se desse logo após a sentença, não permitindo que, eventualmente, a opinião pública viesse a se condoer do destino da pobre mulher e interferisse.

O governante supremo ouviu e ouviu com serenidade. Ao final, depois de todos os juízes manifestarem unanimidade na condenação daquela criatura, que olhava aterrada para os seus julgadores impiedosos, falou:

“Senhores, vocês julgaram a ladra. Digam, pois, de que forma deverá ser executada a pena máxima? Como deverá morrer a condenada?”

Novamente falou o ministro da justiça, manifestando o pensamento de todos: “A sua pena é a morte pelo apedrejamento.”

“Concedido”, falou rápido o governante. “No entanto, desejo que a sentença seja cumprida imediatamente e neste local.”

“No palácio?” exclamaram todos quase que num coro. “No salão real?”

“Por que não?”, falou o soberano. “Vocês assinalaram o destino dela nesta sala, pois que seja cumprida a sentença aqui mesmo.”

“Mas não existem pedras aqui”, lembrou um ministro mais idoso e pensador.

“Como não? Olho para os seus turbantes e os vejo com pedras reluzentes. Nos pescoços, vocês trazem colares de pedras preciosas, nos dedos, anéis.

Executem a sentença, usando as pedras que têm.”

Um tanto acanhados e meio sem vontade, os ministros começaram a jogar na mulher curvada e cheia de vergonha, todas as suas jóias. Afinal, temiam que em sendo assim jogadas, ao caírem pudessem estragar.

Terminado o triste espetáculo, a mulher apresentava lesões nos braços, no rosto, nas costas e tremia, esperando a morte.

Então, o governante se aproximou dela e sentenciou:

“Mulher, ergue-te. Ajunta as pedras que te jogaram os teus juízes. Leva-as contigo. São tuas. Desta forma, durante muito tempo, terás com que saciar a tua e a fome dos teus filhos.”

Depois, voltando-se para os ministros surpresos, assinalou: “Senhores, vocês julgaram uma mulher por roubar um pão. Agora verdadeiramente fizeram o que é correto: deram dos seus tesou-

ros para acalmar a miséria dela. E fiquem sabendo que todos nós nos devemos envergonhar de estar administrando um país em que alguém deve roubar para não morrer à fome.” *(A partir de história narrada por Divaldo Pereira Franco, em palestra pública)*

Observações:

Os espíritos superiores, na obra *O livro dos espíritos*, lecionam que numa sociedade baseada na lei de Deus e na justiça, o forte deve prover à vida do fraco.

Ensina ainda que a sociedade deve se preocupar pelos necessitados, por aqueles que não podem trabalhar, mas têm o direito à vida e a dignidade.

Lembremos que nós formamos a sociedade. Cabe-nos, pois, trabalhar para assegurar a existência dos fracos, pobres, indefesos, não os deixando à mercê do acaso e da boa vontade.

Mesmo porque a linguagem do Evangelho é de amor. E o amor prescreve atenção e cuidados, mais especialmente com os seres frágeis e indefesos. *(A partir da obra O livro dos espíritos/Editora Feb/Allan Kardec - pergs. 888 e 888 a).*

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Lei de justiça, amor e caridade. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 3, cap. XI, pergs. 873 a 879.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Jesus e justiça. In: _____. **Jesus e atualidade**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. 10.ed. São Paulo: PENSAMENTO, 1995. cap. 7.
- 03._____. Perfil da Justiça. In: _____. **Perfis da vida**. Pelo espírito Guaracy Paraná Vieira. Salvador:LEAL, 1993. cap. 10.
- 04.GODOY, Paulo Alves. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque eles serão fartos. In: _____. **Os quatro sermões de Jesus**. 4. ed. São Paulo:FEESP, 1995.
- 05._____. Bem-aventurados os que sofrem perseguição pelo amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. In: _____. **Op. cit.**
- 06.TEIXEIRA, J. Raul. Enfoques da pena. In: _____. **Justiça e amor**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1996. cap. I, item 4.



ESPERANÇA

- as várias facetas da esperança
- benefícios do cultivo da esperança em nossas vidas
- o cristão e a esperança

Texto auxiliar:

Você é uma pessoa otimista? Acredita que tudo pode se resolver com esforço, calma e perseverança?

Ou você já desacredita de muitas coisas? Acha que existem muitas situações contra as quais não adianta lutar?

O Apóstolo Marcos registrou em seu Evangelho que “Tudo é possível ao que crê.” Será mesmo?

Narra uma antiga lenda que na Idade Média havia um homem extremamente religioso. Aconteceu que um crime bárbaro agitou a cidade. Uma mulher fora brutalmente assassinada.

O autor era uma pessoa influente do reino. Por isso mesmo, logo se tratou de procurar alguém a quem pudesse ser colocada a culpa.

O homem religioso foi o escolhido e levado a julgamento. Ao ser preso, ele pressentiu que não poderia se salvar. Seu destino seria a forca. Tudo conspirava contra ele.

Sabia que o desejavam culpar. O próprio juiz estava com tudo acertado para simular um julgamento e o condenar.

Resolveu orar, rogando socorro e inspiração para enfrentar o interrogatório e sair-se bem.

Em certo momento, o juiz lhe propôs o seguinte: “Por ser um homem de profunda religiosidade, vou deixar que o Senhor Deus decida o seu destino. Vou escrever em um pedaço de papel a palavra culpado e em outro a palavra inocente. Você sorteará um dos papéis. O que você escolher, será o seu veredicto. Deus decidirá a sua sorte.”

O pobre homem suou frio. De imediato ele percebeu que uma armadilha lhe estava sendo preparada. Naturalmente, o juiz, que o desejava condenar, prepararia os dois papéis com a mesma e única palavra: “culpado”.

Como ele se poderia salvar? Não havia alternativa para ele. Nenhuma saída.

O juiz, finalmente, colocou os dois papéis sobre a mesa e mandou o acusado escolher um deles. Um enorme silêncio se fez na sala.

Podia-se ouvir a respiração acelerada do acusado. Todas as cabeças presentes se voltavam para ele, à espera da sua escolha, sua decisão.

O homem pensou alguns segundos. Depois, aproximou-se confiante da mesa, estendeu a mão e pegou um dos papéis. Rapidamente o colocou na boca e o engoliu.

Os presentes ao julgamento reagiram indignados com a atitude dele.

Como saber agora qual o seu veredicto?

“Simples”, respondeu ele. “Basta olhar o outro pedaço de papel, o que sobrou em cima da mesa. Naturalmente, aquele que eu engoli é o contrário.”

Imediatamente, o homem foi libertado. (*A partir de história de autor ignorado*).

Observações:

A esperança sempre acalma o desespero e contorna a dificuldade. A sua voz nunca pára de cantar. A sua música abençoada luariza a noite do sofrimento, acalmando o infortúnio.

Ninguém consegue avançar, nos caminhos rudes da vida, sem a sua presença.

Ninguém a pode dispensar.

Onde quer que apareça, a esperança altera a paisagem, inspirando coragem, tudo embelezando com cor, perfume e beleza. (*A partir da obra Perfis da vida/ Editora Leal/Divaldo PereiraFranco/espírito Guaracy Paraná Vieira - cap. 19*).

Texto auxiliar: (02)

Conta uma escritora ter como hábito ler nos jornais o chamado “Correio Sentimental”. Feliz no casamento, o seu não é o propósito de encontrar um novo amor mas , simplesmente lê por ficar fascinada por esses anúncios.

Certo dia, um desses lhe chamou a atenção de forma muito especial. Dizia: “Henrietta, lembra de termos namorado em 1938? Nunca me esqueci de você. Por favor, me telefone. Irving.”

A curiosidade não a deixou em paz enquanto não tomou do

telefone e ligou para Irving. A voz que atendeu era uma voz madura e depressa ela foi dizendo que não era Henrietta.

Porque mostrasse interesse, Irving contou que em 1938 ele conhecera Henrietta e se haviam apaixonado. A família dela, contudo, achava que ela era muito nova para casar.

Por isso, logo mandaram a jovem para a Europa por alguns anos. Ela acabou casando com um outro homem que conheceu naquele Continente.

Irving também se casara. Estava viúvo há 3 anos e só. Pensou que, se Henrietta também estivesse só, talvez pudessem reatar aquele doce amor da juventude.

A escritora ficou muito comovida com a esperança que revelava aquele homem. Durante dois anos acompanhou as buscas por Henrietta, sem nenhum resultado.

Então, um dia, no ano de 1993, no metrô de Nova York, enquanto lia o Correio Sentimental, foi interrompida por uma voz feminina que perguntou:

“Procurando um novo marido, querida?”

“Não”, respondeu. “Leio por curiosidade. Nunca teve vontade de ler tais anúncios?”

“Absolutamente”, disse a senhora. “Acredito que há muito sofrimento nessas páginas.”

A conversa evoluiu e a jornalista acabou por concordar com a desconhecida que havia muito sofrimento naquelas páginas. Contou-lhe, na sequência, a história de Irving e Henrietta. Ao finalizar,

falou: “Gostaria de dizer que Irving encontrou o seu amor. Infelizmente, isso não aconteceu. Ou ela morreu, ou mora em outra cidade ou então não lê o Correio Sentimental.”

A mulher falou baixinho: “É a terceira opção. Acredite, eu tenho certeza.” E logo em seguida: “Você ainda tem o número do telefone?”

E aquele rosto enrugado, revelando uma beleza que já não dispunha de brilho agora, iluminou-se quando a jornalista lhe entregou o número do telefone de Irving.

Henrietta fora encontrada. *(A partir da obra Pequenos milagres/ Editora Sextante/Yitta Halberstam e Judith Leventhal – p. 15 – 18).*

Observações:

A esperança se constitui em apoio dos fracos e dos fortes, dos pobres e dos ricos, dos poderosos e dos necessitados.

A esperança é uma mensageira divina que ante o ardor do verão, quando tudo resseca, fala com suavidade do outono que se avizinha.

Na doença, ela fala sobre as bênçãos da saúde, inspirando coragem.

Na soledade ou no abandono ela faculta a ligação com Deus e sempre oferece uma palavra de bom ânimo.

A força da esperança é tão grande que vence o tempo. Ven-

ce também a morte porque descobre a imortalidade que fala dos afetos que, embora sem o corpo físico, vivem e continuam a amar. (A partir da obra *Perfis da vida*/ Editora Leal/Divaldo Pereira Franco/ espírito Guaracy Paraná Vieira – cap. 19).

Sugestão bibliográfica:

- 01.FRANCO, Divaldo Pereira. Convite à esperança. In:____. **Convites da vida**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1972. cap. 18.
- 02._____. Convite à perseverança. In:____. **Op. cit.** cap. 39.
- 03._____. Convite à tranquilidade. In:____. **Op. cit.** cap. 58.
- 04._____. Perfil da esperança. In:____. **Perfis da vida**. Pelo espírito Guaracy Paraná Vieira. Salvador:LEAL, 1992. cap. 19.



CASAMENTO

- a união permanente de dois seres
- responsabilidade afetiva
- esforço mútuo para harmonia e entendimento

Texto auxiliar:

Qual será o segredo dos casamentos duradouros? Casais que convivem há anos falam de paciência, renúncia, compreensão.

Em verdade, cada um tem sua fórmula especial. Recentemente lemos as anotações de um escritor que achamos muito interessantes.

Ele afirma que um bom casamento deve ser criado. No casamento, as pequenas coisas são as grandes coisas.

É jamais ser muito velho para dar-se as mãos, diz ele. É lembrar de dizer “te amo”, pelo menos uma vez ao dia.

É nunca ir dormir zangado. É ter valores e objetivos comuns.

É estar unidos ao enfrentar o mundo. É formar um círculo de amor que una toda a família.

É proferir elogios e ter capacidade para perdoar e esquecer.

É proporcionar uma atmosfera onde cada qual possa crescer na busca recíproca do bem e do belo.

É não só casar-se com a pessoa certa. É ser o companheiro perfeito.

E para ser o companheiro perfeito é preciso ter bom humor

e otimismo. Ser natural e saber agir com tato.

É saber escutar com atenção, sem interromper a cada instante.

É mostrar admiração e confiança, interessando-se pelos problemas e atividades do outro. O que o atormenta? O que o deixa feliz? Por que está de cenho carregado?

É ser discreto, sabendo o momento de deixar o companheiro a sós para que coloque em ordem seus pensamentos.

É distribuir carinho e compreensão, combinando amor e poesia, sem esquecer galanteios e cortesia.

É ter sabedoria para reprisar os momentos do namoro. Aqueles momentos mágicos em que a orquestra do mundo parecia tocar somente para os dois.

É ser o apoio diante dos demais. É ter cuidado no linguajar. Que as respostas sejam firmes, mas leais.

É ter atenção além do trivial e conseguir descobrir quando um se tiver esmerado na apresentação para o outro.

Um novo corte de cabelo, uma vestimenta diferente. Detalhes pequenos mas importantes.

É saber dar atenção para a família do outro pois que sempre, ao se unir o casal, as duas famílias formam uma unidade.

É cultivar o desejo constante de superação.

É responder dignamente e de forma justa por todos os atos.

É não permitir que falte gratidão por tudo o que um significa

na vida do outro. (A partir da obra *Um presente especial*/Editora Aquariana/Roger Patrón Luján – cap. A arte do matrimônio; cap. Na mulher o homem aprecia; cap. No homem a mulher aprecia).

Observações:

○ amor real, por manter as suas raízes no equilíbrio, se vai afirmando dia a dia, por intermédio da convivência que se vai estreitando.

○ amor, nascido de uma vivência progressiva e madura, não tende a acabar-se, mas a ampliar-se, uma vez que os envolvidos passarão a conhecer vícios e virtudes de um e de outro, manias e costumes.

○ equilíbrio do amor promove a prática da justiça e da bondade, da cooperação e do senso de dever, da afetividade e adverteência amadurecida. (A partir da obra *Vereda familiar*/Editora Fráter/J. Raul Teixeira/espírito Guaracy Paraná Vieira - cap. 2).

Sugestão bibliográfica

- 01.KARDEC, Allan. Lei de reprodução. In:____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 3, cap. IV, pergs. 695 a 697.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Família. In:____. **Estudos espíritas**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Rio de Janeiro:FEB, 1982. cap. 24.
- 03._____. Responsabilidade no matrimônio. In:____. **S O S Família**. Pelo espírito Joanna de Ângelis e outros espíritos. Salvador: Leal, 1994.
- 04.PERALVA, Martins. Espiritismo e lar. In:____. **Estudando a mediunidade**. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1971. cap. XVIII.
- 05._____. Casamento e sexo. In:____. **O pensamento de Emmanuel**. Rio de Janeiro:FEB, 1973. cap. 27.
- 06.TEIXEIRA, J. Raul. A liberdade conjugal. In:____. **Vereda familiar**. Pelo espírito Thereza de Brito. Niterói: FRÁTER, 1991. cap. 7.
- 07._____. A respeito dos esponsais. In:____. **Op. cit.** cap. 6.
- 08._____. Cerimônias esponsalícias. In:____. **Op. cit.** cap. 5.



GRATIDÃO

- gratidão como dever
- benefícios da gratidão a quem a manifesta e a quem a recebe
- cultivo da gratidão em nossas vidas

Texto auxiliar:

A gratidão é um dever. Contudo, poucos ainda a cultivamos.

Por temperamento, por vezes, nos retraímos quando deveríamos exteriorizar o sentimento.

Por não traduzirmos os tesouros da boa palavra e da gentileza, esses tesouros vão enferrujando nos cofres do nosso coração.

Quantas dádivas, oportunidades, bênçãos, favores recolhemos sem dizermos nada além de uma formal expressão de reconhecimento.

E a gratidão não faz bem somente a quem lhe recebe a manifestação, aquecendo-lhe o coração. Também reconforta quem a oferece.

Conta-se que quando os Estados Unidos lutavam contra a Inglaterra, um nobre francês de nome Lafayette foi ajudar a nação americana. Logo se tornou amigo de George Washington e o tomou por ideal.

Em 1824, já idoso, Lafayette visitou cada Estado e Território da União, recebendo muitas honrarias. Eram recepções, bailes, jantares que se sucediam.

Numa das recepções, apresentou-se na fila de convidados para saudar o velho nobre francês, um soldado vestido com um

uniforme todo roto.

Nas mãos trazia um mosquete e ao ombro um pedaço de cobertor.

Quando chegou frente a Lafayette, o veterano bateu continência e perguntou:

“Sabe quem eu sou?”

“Na verdade”, foi a resposta franca, “não posso dizer que sim”.

“Pois vou lhe avivar a memória, general. Numa noite gélida, o senhor fazia a ronda. Encontrou um sentinela com roupas leves e sem meias. Estava quase morrendo congelado. O senhor lhe tomou das mãos a arma e ordenou: “Vai a minha cabana. Lá encontrarás meias, um cobertor e fogo. Depois de te aqueceres, traze o cobertor para mim. Enquanto isso, eu ficarei de guarda.”

O soldado obedeceu às ordens. Quando voltou para o posto, o senhor rasgou o cobertor em dois pedaços. Ficou com uma das partes e deu a outra ao sentinela.

General, aqui está uma das metades daquele cobertor, pois eu sou o sentinela cuja vida o senhor salvou.”

A regra de ouro é sempre bendizer aqueles que nos ofertam assistência, auxílio.

Não nos cabe desconsiderar valores - gratidão como o gesto de ternura, a palavra cálida, a atenção gentil, o sorriso expressivo de afeto espontâneo.

Doemos sempre nossa expressão de reconhecimento aos que se tornam nossos protetores na terra, não esquecendo que eles

representam a materialização do amor de nosso pai, na dura jornada que nos cabe trilhar. (A partir de *O livro das virtudes/O compasso moral/volume II*/Editora Nova Fronteira/William J. Bennett - cap. *Fraternidade de longa data* e da obra *Convites da vida*/Editora Leal/Divaldo Pereira Franco/ espírito Joanna de Ângelis - cap. 26).

Observações:

Lafayette tinha somente 19 anos de idade quando deixou o seu país para lutar pela liberdade americana.

Ao chegar aos Estados Unidos disse que fora para aprender, não para ensinar.

Em nome da amizade que devotou a George Washington deu ao próprio filho o nome de Washington.

Texto auxiliar 2:

A ingratidão é o fruto amargo da árvore do egoísmo. O homem, porque possui a faculdade de pensar, atribui-se direitos que está longe de merecer, embora por vezes os tenha.

Como consequência, tudo aquilo que recebe da vida lhe parece insignificante em relação ao que espera conquistar.

Facilmente se afasta do afago gentil, do coração generoso, da família, esquecido de ser grato.

Uma senhora americana, de nome Faith Bedford conta como sempre se esmerou para cultivar a gratidão no coração

dos seus filhos.

Toda vez que eles recebiam um presente, via correio, ela insistia para que escrevessem de próprio punho, uma frase de agradecimento à pessoa que o enviara.

Chegou a cronometrar, certo dia, com as crianças, o tempo que se leva para sair de casa, tomar o carro, chegar ao shopping e escolher um presente para alguém.

Depois, o tempo despendido em fazer o embrulho, em endereçar, levar ao correio. Chegou ao tempo de duas horas e 34 minutos.

Ela mesma se recorda de seu tio Arthur, o irmão caçula de seu bisavô.

Embora não o conhecesse, todo Natal ele lhe mandava um presente. Era um cheque de 5 dólares, preenchido por uma sobrinha, pois que ele era cego.

Faith sempre escrevia, agradecendo e dizendo como gastara o dinheiro. Já crescida, foi estudar em Massachusetts e teve oportunidade de visitar tio Arthur.

Cego e idoso ele lhe falou de como gostava de receber os seus cartões de agradecimento.

Pedindo que ela apanhasse a caixa com o maço de cartas guardadas, ele foi falando das que mais lhe agradavam.

Faith encontrou, então, entre tantas, uma carta sua que leu em voz alta:

“Querido tio Arthur: estou debaixo do secador, no salão de

beleza, escrevendo para o senhor.

Hoje à noite é o baile de fim de ano da escola e estou gastando seu presente de Natal fazendo o cabelo para a festa. Muito obrigada.

Sei que vou ter uma noite maravilhosa, em parte por causa da sua gentileza. Com carinho. Faith.”

Hoje, ao narrar este fato aos seus filhos, Faith recorda que naquela noite, naquele baile, ela encontrou um belo jovem que lhe entregou um buquê.

Ele foi seu par naquela noite e continua a ser até hoje, passados 36 anos de um casamento, em que geraram três filhos.

“Sim”, ela diz, “devo ser muito grata ao tio Arthur. Foi mesmo um baile muito especial para minha vida.” *(A partir da revista Reader’s Digest Seleções maio/2000 – artigo Uma nova atitude de gratidão, da autoria de Faith Andrews Bedfor).*

Observações:

A gratidão é sentimento que demonstra que a criatura passou do estágio de primitivismo espiritual para os patamares da razão.

Lembrar-se de agradecer sempre pelos benefícios recebidos dos amigos, irmãos, pais e mestres é sinal de boa envergadura moral.

Mas a verdadeira gratidão é aquela que não esquece, no tempo, os que serviram no anonimato, os que permitiram o nosso crescimento individual, os que contribuíram para nossa formação. Mes-

mo que, em algum momento, por algum motivo, eles tenham buscado outros caminhos, distantes e diversos dos nossos.

Onde estejam, não esqueçamos de lhes traduzir gratidão por tudo que representaram em nossas vidas. (*A partir da obra Suave luz nas sombras/Editora Leal/Divaldo Pereira Franco/espírito João Cléofas - cap. 42*).

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Honrai a vosso pai e a vossa mãe. In: _____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. XIV, item 9.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Convite à gratidão. In: _____. **Convites da vida**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1972. cap. 26.
03. _____. Poema da gratidão. In: _____. **Sol de esperança**. Por diversos espíritos. Salvador:LEAL, 1978. cap. 44.
04. _____. Primitivismo da ingratidão. In: _____. **Suave luz nas sombras**. Pelo espírito João Cléofas. Salvador:LEAL, 1993. cap. 42.



A INVEJA

- elemento destruidor
- malefícios da inveja
- valorização do que somos e do que possuímos

Texto auxiliar:

Conta-se que um monge eremita viajava através das aldeias, ensinando o bem.

Chegando a noite e estando nas montanhas, sentiu muito frio. Buscou um lugar para se abrigar. Um discípulo jovem ofereceu-lhe a própria caverna.

Cedeu-lhe a cama pobre, onde uma pele de animal estava estendida.

O monge aceitou e repousou. No dia seguinte, quando o sol estava radiante e ele deveria prosseguir a sua peregrinação, o monge desejou agradecer ao jovem pela hospitalidade.

Então, apontou o seu indicador para uma pequena pedra que estava próxima e ela se transformou em uma pepita de ouro.

Sem palavras, o velho procurou fazer que o rapaz entendesse que aquela era a sua doação, um agradecimento a ele. Contudo, o rapaz se manteve triste.

Então, o religioso pensou um pouco. Depois, num gesto inesperado, apontou uma enorme montanha e ela se transformou inteiramente em ouro.

O mensageiro, com um gesto significativo fez o rapaz entender que ele estava lhe dando aquela montanha de ouro em gratidão.

Porém, o jovem continuava triste. O velho não pode se conter e perguntou:

“Meu filho, afinal, o que você quer de mim? Estou lhe dando uma montanha inteira de ouro.”

O rapaz apressado respondeu: “Eu quero o vosso dedo.”

A inveja é um sentimento destruidor e que nos impede de crescer.

Invejamos a cultura de alguém, mas não nos dispomos a permanecer horas e horas estudando, pesquisando. Simplesmente invejamos.

Invejamos a capacidade de que dispõem alguns de falar em público com desenvoltura e graça. Contudo, não nos dispomos a exercícios de voz e postura, na tentativa de conseguirmos sermos semelhantes a eles.

Invejamos aqueles que produzem textos bem elaborados, que merecem destaque em publicações especializadas. No entanto, não nos dispomos ao estudo da gramática, muito menos a longas leituras que melhoram o vocabulário e ensinam construção de frases e imagens poéticas.

Enfim, somos tão afoitos quanto o jovem da história que desejava o dedo do monge para dispor de todo o ouro do mundo, sem se dar conta de que era a mente que fazia as transformações. E esta era produto elaborado de anos de reflexão, estudo e disciplina. *(A partir de história narrada por Divaldo Pereira Franco em palestra pública e da obra Rosângela/Editora Fráter/J. Raul Teixeira/esprito Rosângela - cap. 2).*

Observações:

Pensar é construir. Pensar é semear. Pensar é produzir.

Vejamos bem o que semeamos, o que produzimos, nas construções de nossas vidas, com as nossas ondas mentais.

No lugar da inveja, manifestemos a nossa vontade de lutar para crescer, com a certeza de que cada um de nós é inigualável. O que equivale a dizer que somos únicos e que ninguém poderá ser igual ao outro.

Cada um tem seus tesouros íntimos a explorar, descobrir e mostrar ao mundo.

Quando pensamos, projetamos o que somos. Pensemos melhor. Pensamento é vida.

Sugestão bibliográfica:

- 01.Franco, Divaldo Pereira. A inveja. In: _____. **Depoimentos vivos**. Por diversos autores espirituais. Salvador:LEAL, 1975. cap. 4.
02. _____. Urdiduras da inveja. In: _____. **Depois da vida**. Por diversos espíritos. Salvador:LEAL, 1984. pt. 2, cap. 10.
- 03.SCHUTEL, Cairbar. Parábola do filho pródigo. In: _____. **Parábolas e ensinoss de Jesus**. 9. ed. Matão: O CLARIM, 1972.
- 04.TEIXEIRA, J. Raul. O pensamento. In: _____. **Rosângela**. Pelo espírito Rosângela. Niterói: FRÁTER, 1996. cap. 2.



A ENFERMIDADE EM NOSSAS VIDAS

- conquista da saúde e da paz
- a cura real
- a recomendação de Jesus

Texto auxiliar:

Quando o assunto é doença, todos temos uma história para relatar. Não existe quem não a conheça, por si mesmo, ou através da experiência dos amigos, parentes, familiares, colegas.

Alguns a temem e não desejam sequer pronunciar a palavra, como se tal fato pudesse ter o condão de atrair a enfermidade.

O de que mais se fala é a respeito das enfermidades do corpo. Conversamos sobre infecções, contágios, epidemias, traumatismos físicos, acidentes.

Também mencionamos as várias enfermidades da mente, em seu quadro de fenômenos psicológicos e psiquiátricos, que se apresentam como insatisfação, desajustes, conflitos, alienações.

Contudo, nos esquecemos das doenças do espírito. É a indiferença que nos permite ouvir relatos assombrosos de dores cruciantes e continuar impassíveis; de saber de crianças apartadas de seus pais, de pequeninos entregues a trabalhos árduos para sua tenra idade e não nos deixarmos tocar a sensibilidade.

A enfermidade da impiedade que nos leva a arquitetar planos de vingança, espalhando dor e desesperança.

A doença do ódio que tanto mais nos consome quanto mais lhe fornecemos combustível, permitindo-nos tornar seres destruidores da paz alheia, semeando calúnias, difamando, envenenando

pessoas umas contra as outras.

Enfermidade do ciúme que nos infelicita as horas e nos torna insuportáveis para aqueles a quem afirmamos amar de forma total.

É a falta de finalidade aplicada à existência, que cria a ociosidade perniciosa, que fomenta maldades, mal gastando a preciosidade do tempo.

Sem ideais a perseguir não há ações nobres a realizar e as horas passam com lentidão, sempre sem ter algo proveitoso que as honre.

Doença da soberba que nos faz acreditarmos que somos melhores do que os outros, que ninguém mais do que nós merece a felicidade, as compensações da vida, tudo de bom que se possa imaginar. Portadores de tal vírus, desprezamos afeições, esquecemos da gratidão e do quanto necessitamos uns dos outros para viver.

Todas as enfermidades do espírito, em resumo, nos levam a esquecer e desrespeitar as leis humanas e as divinas.

E seria tão fácil acabar com todas essas doenças. Bastaria que colocássemos em pauta a nossa vontade e eliminássemos do mapa dos nossos comportamentos o egoísmo, a raiva, o medo, o ódio, a ansiedade.

O conhecimento e conseqüente respeito aos mecanismos de funcionamento da vida nos haverão de alterar a maneira de ser. Nesse dia, possuiremos a saúde real, aquela que emana do espírito para o corpo, refletindo a nossa harmonia interior. *(A partir da obra Momentos de Alegria/Editora Leal/Divaldo Pereira Franco/espírito Joanna de Ângelis - cap. 17).*

Observações:

Jesus jamais adoeceu. Mestre por excelência, a sua era a vida do amor para o amor.

Com seus atos e palavras demonstrou a grandeza da saúde verdadeira, convidando-nos a todos a vencer as nossas paixões inferiores e nos tornarmos semelhantes ao Pai que nos criou, perseguindo a perfeição.

Bibliografia sugerida:

01. FRANCO, Divaldo Pereira. Enfermidades da alma. In: _____. **Dias gloriosos**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador: LEAL, 1999. cap. 6.
02. _____. Pensamento e doenças. In: _____. **Op. cit.** cap. 5.
03. _____. Recuperação e cura. In: _____. **Op. cit.** cap. 7.
04. _____. Jesus e sofrimentos. In: _____. **Jesus e atualidade**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. 10. ed. São Paulo: PENSAMENTO, 1995. cap. 18.
05. _____. A cura real. In: _____. **Luz do mundo**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador: LEAL, 1971. cap. 25.
06. _____. Multidão de sofrimentos. In: _____. **Op. cit.** cap. 11.
07. TEIXEIRA, J. Raul. Perigosa enfermidade. In: _____. **Cintilação das estrelas**. Pelo espírito Camilo. Niterói: FRÁTER, 1992. cap. 12.
08. _____. Estás doente? In: _____. **Revelações da luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói: FRÁTER, 1994. cap. 30.
09. _____. Enfermidade na família. In: _____. **Vereda familiar**. Pelo espírito Thereza de Brito. Niterói: FRÁTER, 1991. cap. 26.



ORGULHO E HUMILDADE

- orgulho e humildade
- malefícios do orgulho para a economia pessoal
- verdadeira humildade

Texto auxiliar:

Um príncipe, muito orgulhoso de sua realeza, foi certo dia cavalgar por seus domínios. Suas terras eram bastante vastas e ele cavalgou através de vales e montanhas. Andou por colinas e prados, gozando a vaidade de ser senhor de tão larga faixa de terra.

A certa altura de seu caminho, viu um velho eremita, sentado diante de uma gruta. Trazia nas mãos uma caveira humana e a contemplava com atenção.

O príncipe passou pela frente da gruta e ficou indignado por não ter o velho ao menos levantado os olhos para observar a rica caravana que acompanhava o príncipe.

Rude e zombeteiro, aproximou-se a figura real e disse:

“Levanta-te quando por ti passa o teu senhor! Que podes ver de tão interessante nessa pobre caveira, que chegas a não perceber a passagem de um príncipe e seus poderosos acompanhantes?”

O eremita ergueu para ele os olhos mansos e respondeu em voz clara e sonora:

“Perdoa, senhor. Eu estava procurando descobrir se esta caveira tinha pertencido a um mendigo ou a um príncipe. Por mais observe, não consigo distinguir de quem seja.

Nestes ossos nada há que me diga se a carne que os revestiu repousou em travesseiros de plumas ou nas pedras das estradas.

Não há na caveira nenhum sinal que me aponte, com certeza, se ela já carregou um chapéu de fidalgo ou se suportou o sol ardente, na rudeza dos trabalhos de camponês.

Por isso, eu não sei dizer se devo levantar-me ou me conservar sentado diante daquele que em vida foi o dono deste crânio anônimo.”

O príncipe baixou a cabeça e prosseguiu o seu caminho, sem mais nada dizer. Mesmo quando a noite chegou e ele retornou ao seu castelo, continuou pensativo.

A lição da caveira lhe abatera o orgulho.

Que são títulos, honrarias, riquezas ante a enfermidade e a morte?

A enfermidade, ao estabelecer o seu reino no corpo humano, nunca indaga se a criatura é detentora de poder e glória ou se é um simples alguém, perdido na multidão.

A dor, ao fazer morada no coração do homem, jamais se importa se ele tem posses ou se é alguém que simplesmente perambula pelas ruas, sem teto e sem lar.

A morte, ao arrebatara a vida física, não faz distinção de contas bancárias, títulos financeiros ou bolsos vazios. (*A partir de texto intitulado A lição da caveira, de autor desconhecido*).

Observações:

O orgulho é um terrível inimigo da criatura humana. Torna o indivíduo insensível à piedade e ao sofrimento do próximo.

Cria fantasias de força e poder que o ser está longe de possuir.

A verdadeira grandeza está no fato de se reconhecer a própria pequenez.

Verdadeiramente grande é o ser que se sabe frágil, com possibilidade de errar. É o que luta por se manter nobre.

Se algo faz de errado, dá-se conta do erro e se esforça por reparar os danos causados e o mal estar que provocou. *(A partir da obra Sob a proteção de Deus/Editora Leal/Divaldo Pereira Franco/Espíritos diversos – cap. 19).*

Texto auxiliar (02):

Foi no século dezenove. O arcebispo de Viena resolveu fazer uma visita a alguns dos seus fiéis.

Preparada sua comitiva, aprestou-se para a viagem e o primeiro local que deveria visitar seria o castelo de Vivarais.

Ora, os donos do castelo, avisados antecipadamente, passaram a aguardar o ilustre visitante, esmerando-se em detalhes, a fim de que tudo transcorresse sem qualquer transtorno.

Ao cair da tarde daquele mês de março, apresentou-se no palácio um pobre sacerdote pedindo pousada.

Como todos os aposentos já se encontravam reservados para os visitantes, os donos do castelo pediram aos criados que conduzissem o pedinte para um dos alpendres, junto às cavalariças.

Algum tempo depois, chegaram ao solar os vigários que constituíam a comitiva do arcebispo. Foram recebidos, regamente, pelo fidalgo e família, mas logo se admiraram em não ver

Sua Excelência.

Perguntando por ele, receberam dos senhores do castelo a resposta de que ele ainda não aparecera.

“Não é possível”, falou um dos padres. “Fomos obrigados a nos retardar um pouco e ele tomou a dianteira. Devia ter chegado, à nossa frente.”

Foi então que os anfitriões se recordaram do sacerdote recolhido próximo às cavalariaças. Imaginando que ele poderia ter cruzado, em sua jornada, com o arcebispo, resolveram pedir aos criados que lhe fossem indagar a respeito.

Quando alguns dos integrantes da comitiva ouviram a referência a um outro sacerdote, perguntaram:

“Quem é o religioso a quem se refere o nobre senhor?”.

“Ora”, respondeu o senhor de Vivarais, “é um sacerdote muito pobre que nos bateu à porta, pedindo agasalho por uma noite.”

A um só tempo, falaram os vigários presentes: “É ele.”

Verdadeiramente, o pobre recebido, por caridade, no luxuoso castelo não era outro senão o grande Daivan, o arcebispo de Viena.

Assim portava-se e tão humilde era, que não se apresentava jamais com seus títulos e roupas elegantes.

Os homens essencialmente grandes não se importam com honrarias, e suntuosidades. Delas não necessitam para mostrarem seu va-

lor, eis que este é intrínseco e aflora, onde quer que se encontrem.

Assim Jesus, o Divino Mestre, escolheu a quietude de uma noite silenciosa para nascer, num estábulo, tendo como teto a abóbada celeste, como primeiras harmonias as vozes celestiais e como primeiros visitantes os homens simples que pastoreavam no campo.

Nada que lhe denunciasse a glória aos olhos mundanos. E Ele era a luz, o modelo, o guia. *(A partir de lenda de autoria de Malba Tahan intitulada A humildade).*

Observações:

A humildade legítima não se deixa atingir pela vaidade dos elogios, nem se permite humilhar pela zombaria dos que não a entendem.

Por isso mesmo é inatingível pelo mal, de qualquer forma que ele se apresente.

Bibliografia sugerida:

- 01.KARDEC, Allan. Bem-aventurados os pobres de espírito. In:____.
O evangelho segundo o espiritismo. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. VII, itens 11 e 12.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Zaqueu, o rico de humildade. In:____.
As primícias do reino. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Rio de Janeiro: SABEDORIA, 1967.
- 03._____. Orgulho. In:____. **Panoramas da vida.** Pelo espírito Ignotus. 2. ed. Salvador:LEAL, 1971. cap. 2.
- 04._____. Falta e reparação.In:____. **Sob a proteção de Deus.** Por diversos espíritos. Salvador:LEAL, 1994. cap. 19.
- 05.SCHUTEL, Cairbar. Parábola do fariseu e do publicano. In:____.
Parábolas e ensinios de Jesus. 9. ed. Matão: O CLARIM, 1972.
- 06.TEIXEIRA, J. Raul. Jesus e Zaqueu. In:____. **Vida e mensagem.** Pelo espírito Francisco de Paula Vitor. Niterói: FRÁTER, 1993. cap. 21.



REENCARNAÇÃO: CASTIGO OU OPORTUNIDADE?

- Jesus e o ensino da reencarnação
- objetivos da reencarnação
- a multiplicidade das experiências carnis

Texto auxiliar:

Quando a temática da multiplicidade das vidas é trazida à discussão, ouvem-se observações estranhas.

Imaginem alguns que o fato de sabermos que tornaremos a reencarnar pode nos conduzir ao amolentamento, deixando para a próxima vida a solução de dificuldades do presente.

Tais formas de pensar nada têm a ver com o verdadeiro ensino dos espíritos.

O retorno à carne, em novo corpo, obedece sempre à lei do progresso. O objetivo é de melhoramento contínuo.

Nada de estagnação, portanto.

Conscientizados de que a felicidade está na conquista da perfeição, é natural que os espíritos primem por galgar com rapidez os degraus evolutivos.

Dívidas a pagar? Por que não ressarcir-las logo? Não é este o nosso proceder perante prestações e contas a pagar? Como nos sentimos aliviados ao concluir o pagamento de um bem adquirido, como nos satisfazemos com a nota promissória ou duplicata quitada, em mãos.

Não é diferente no que diz respeito a débitos do passado.

Ansiamos por resgatá-los desde que, libertos da problemáti-

ca, poderemos estabelecer metas mais arrojadas de crescimento.

Conquistar a sabedoria, progredir é o que almejamos.

Nesse compasso, nosso empenho é sempre crescer, aprender mais. Aqueles que pensamos de forma diversa, mais cedo ou mais tarde, nesta vida ou na espiritual, nos daremos conta do tempo perdido.

Exatamente como o aluno relapso que, chegado ao fim do ano letivo, e não tendo conquistado as notas devidas, sente-se entristecido ante a perspectiva de ter que repetir o mesmo aprendizado, que desprezou.

Nada na Lei Divina que não seja perfeito.

O planejamento divino estabeleceu para todos nós uma escalada de progresso e venturas.

Ninguém que escape ao contexto.

E quanto mais nos adiantarmos na vida presente, menos longas e penosas nos serão as vidas futuras. A cada dia construímos o nosso amanhã.

Os que desejarmos chegar antes ao topo da montanha, certamente não nos permitiremos descanso exagerado, comodismo, desculpismo.

Trabalharemos com afinco para galgar com maior rapidez os degraus da ciência e do amor, do saber e do sentimento.

Observações:

A marcha dos espíritos, através das várias existências corporais, é progressiva.

A vida corporal é uma espécie de crivo, de depurador pelo qual passam os espíritos para chegarem à perfeição.

Isto quer dizer que a vida do espírito se constitui de uma série de experiências corporais, como cada vida humana se constitui de uma série de dias, nos quais o homem adquire maior experiência e instrução. (*A partir da obra O livro dos espíritos/Editora FEB/ Allan Kardec - pergs. 191,195*).

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Pluralidade das existências. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. IV, pergs. 166 a 171.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Nicodemos, o amigo. In: _____. **As primícias do reino**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Rio de Janeiro:SABEDORIA, 1967.
03. _____. Renascer. In: _____. **Estudos espíritas**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Rio de Janeiro:FEB, 1982. cap. 8.
04. _____. Reencarnação – dádiva de Deus. In: _____. **Temas da vida e da morte**. Pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda. Rio de Janeiro:FEB, 1989. cap. 1.
- 05.SIMONETTI, Richard. O que viemos fazer. In: _____. **A presença de Deus**. Bauru:SÃO JOÃO, 1995. cap. 11.
- 06.XAVIER, Francisco Cândido. A lição a Nicodemos. In: _____. **Boa nova**. Pelo espírito Humberto de Campos. 8. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1963. cap. 14.



A DOR EM NOSSAS VIDAS

- a dor como agente de desenvolvimento e progresso
- significado da dor nos seres inferiores
- a dor moral aprimorando os sentimentos

Texto auxiliar:

Tudo que vive neste mundo, natureza, animal, homem, sofre.

O animal está sujeito à luta ardente pela vida. Entre as ervas do campo, as folhas e a ramaria dos bosques, nos ares, no seio das águas, por toda a parte ele se encontra enfrentando a dificuldade, a dor e a morte.

A história da humanidade não é diferente. Através dos tempos, por cima dos séculos, rola a triste cantiga dos sofrimentos humanos.

A dor segue todos os nossos passos. E nos perguntamos: por que existe a dor?

Em verdade, a dor é uma lei de equilíbrio e educação. Sem dúvida, as falhas do passado recaem sobre nós e determinam sofrimentos.

Mas também é agente de desenvolvimento e condição de progresso.

O sofrimento moral produz sentimentos. Quem passou por dores profundas, detém melhores condições de entender e auxiliar quem passe por dor semelhante.

A dor serve para polir a nossa alma como as ferramentas do artista servem para polir a pedra, esculpir o mármore, fundir o

vidro e martelar o ferro.

É interessante observar que à medida que avançamos na vida, as alegrias diminuem e as dores aumentam.

O corpo e o fardo da vida se tornam mais pesados. Quase sempre a existência começa na felicidade e finda na tristeza.

Para a maior parte dos homens, esse período de velhice traz enfermidades, abandonos.

As luzes se apagam. Os sonhos e as esperanças evaporam. Cada vez mais numerosas, as covas se abrem ao redor e os amigos vão desaparecendo no cenário do mundo.

É nessas longas horas de sofrimento, imobilidade que somos obrigados a refletir.

A dor, nessa quadra da vida, é uma prova necessária para a alma através da qual ela adquire maturidade.

Nesse momento da existência, os raios e as energias que eram disparados para todos os lados na juventude, se concentram. Agora convergem para as profundezas do ser, ativando a consciência e proporcionando ao homem mais sabedoria e juízo.

Desta forma, na velhice resignada há grandeza e uma serena beleza, nem sempre presente no brilho da mocidade ou no vigor da maturidade.

Sob a ação do tempo, a dor modela a alma humana. Exatamente como um artista habilidoso, a dor realiza um trabalho de escultura em nossa intimidade, tornando-nos mais sensíveis, estimulados ao perdão e à compaixão. (A partir da obra *O problema do ser, do destino e da dor*/Editora FEB/Léon Denis – cap. 26).

Observações:

Não procuremos a dor mas, quando ela se erguer inevitável em nosso caminho, aprendamos a vê-la como amiga.

Aprendamos a conhecê-la, a entender-lhe os ensinamentos.

Em vez de nos revoltarmos, de ficarmos acabrunhados e enfraquecidos, usemos a nossa vontade , o nosso pensamento tirando do sofrimento o melhor proveito para o nosso espírito e para o nosso coração.

Esforcemo-nos para sermos um exemplo para os outros. Pela nossa confiança no futuro, pelo modo voluntário e corajoso de encarar a dor, tornemos o sofrimento aceitável para nós e para os outros.

Sugestão bibliográfica:

- 01.DENIS, Léon. A dor. In:____. **O problema do ser, do destino e da dor**. 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1977. pt. 3, cap. XXVI.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Dor – reparação. In:____. **Desperte e seja feliz**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1996. cap. 21.
- 03._____. Técnicas de reabilitação. In:____. **Op. cit.** cap. 17.
- 04._____. Causas dos sofrimentos. In:____. **Dias venturosos**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador:LEAL, 1997.
- 05._____. A dor e suas bênçãos. In:____. **Fonte de luz**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. 3. ed. Araguari:MINAS, 2000.
- 06._____. O sofrimento. In:____. **Plenitude**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Niterói: ARTE E CULTURA, 1991. cap. I.
- 07._____. Origens do sofrimento. In:____. **Op. cit.** cap. III.
- 08._____. Motivos de sofrimentos. In:____. **Op. cit.** cap. VII.
- 09.TEIXEIRA, J. Raul. Jesus e o sofrimento. In:____. **Vida e mensagem**. Pelo espírito Francisco de Paula Vitor. Niterói:FRÁTER, 1993. cap. 11.



GENIALIDADE: O PASSADO SE REFLETE NO PRESENTE

- as conquistas das vidas anteriores
- intuições de conhecimentos anteriores à vida atual
- objetivos dos gênios na Terra

Texto auxiliar:

Conta-se que um jovem médico procurou o notável compositor Mozart e lhe perguntou como deveria proceder para escrever uma sinfonia.

O grande músico lhe respondeu que ele era muito jovem para pensar em escrever sinfonias e lhe sugeriu que tentasse antes escrever baladas.

Indignado com a observação, o rapaz retrucou: “Como pode me dizer que sou jovem, se o senhor escreveu sinfonias com apenas dez anos!”

“Realmente”, concluiu Mozart, “eu as escrevi com aquela idade mas, não perguntei a ninguém como fazê-lo.”

A resposta do alegre músico austríaco nos conduz a destacar o prodígio que são algumas crianças.

O famoso Rembrandt já era pintor antes de aprender a ler. Miquelângelo, a quem devemos a maravilha das pinturas da Capela Sixtina, no Vaticano, foi considerado um artista completo, aos oito anos, por seu mestre.

O célebre escritor francês Victor Hugo revelou-se literariamente aos treze anos.

Crianças outras demonstraram bem cedo sua genialidade, qual seja a de dominar várias línguas, como o alemão, francês, latim, grego e hebraico, aos 12 anos; compor, pintar; escrever poemas ou outras peças literárias.

Os espíritos nos explicam com clareza que tais fenômenos de prodígio são devidos ao progresso anterior da alma, a uma lembrança do passado, entendendo-se como passado as vidas anteriores do espírito.

Equivale pois a dizer que nada do que se aprenda é perdido, em tempo algum.

Plenamente concorde à lei do progresso, tais fatos nos remetem a mente a reflexões em torno dos talentos de que somos portadores, convidando-nos a atentar para o que possamos ter trazido de vidas pretéritas.

Descortina-se a razão pois que renascemos não somente para resgatar débitos, acertar problemas do ontem mas também para amadurecer avanços iniciados em outras encarnações.

Os que mais sabemos, os que trazemos melhores mensagens de vida e experiências maiores somos convidados a trabalhar em prol da vida mais bela e elevada.

É desta forma que benfeitores da humanidade retornam vez ou outra ao cenário da terra, revestidos de uma roupagem carnal diferente, para atenderem os seus irmãos.

Quem haja se evidenciado nas artes e tenha brindado o mundo com produções belíssimas, pode retornar para se dedicar ao bem do próximo, exercitando a sensibilidade de outra forma. Quem tenha se esmerado na ciência, pode retornar servindo à comunidade em outro campo, totalmente diverso, sem perder jamais, em

momento algum, o que aprendeu, exercitou, lecionou.

Isto também explica a facilidade de algumas pessoas para determinadas áreas do saber, das artes, da indústria, do comércio, das relações humanas.

Parafraseando Lavoisier: “Nada se perde... tudo se transforma”. E, diríamos, para o bem, sempre mais. (*A partir do Boletim SEI nº 1576/CAPEMI de 13.06.1998, p. 3*).

Bibliografia sugerida:

- 01.KARDEC, Allan. Pluralidade das existências. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. IV, pergs. 218 a 220.
- 02.Denis, Léon. As vidas sucessivas. As crianças-prodígio e a hereditariedade. In: _____. **O problema do ser, do destino e da dor**. 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1977. pt. 2, cap. XV.
- 03.TEIXEIRA, J. Raul. Evocação do passado.In: _____. **Correnteza de luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1991. cap. 30.
- 04.XAVIER, Francisco Cândido. Vida. In: _____. **O consolador**. Pelo espírito Emmanuel. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1970. pt. 2, cap. I, pergs. 116 a 118.



MORTES INFANTIS

- o porquê das mortes em tenra idade
- prova ou expiação para os pais

Texto auxiliar:

O casal se consorciara e desde os tempos do noivado haviam estabelecido em seus planos, o número de filhos. É como se pudessem, ver, através da tela mental, os rebentos a correrem e encherem a casa que juntos idealizaram.

Esmeraram-se no jardim, a fim de que os pequenos em chegando, logo tivessem contato com a natureza, o perfume e as cores das flores miúdas.

Deixaram uma pequena área para que, em tempo oportuno, pudessem colocar aparelhos próprios para as crianças brincarem. Olhando aquele espaço, de mãos dadas, já se imaginavam a ensinar aos pequenos subirem pela escada e descerem pelo escorregador, caindo no meio da areia. Podiam quase se ver a segurá-los, enquanto tentavam escalar as dificuldades dos degraus e engatinharem, através da casinha que seria um labirinto bem montado, a abrir portas e janelas, sorrindo felizes.

A gravidez não tardou e tudo se passou num clima de ansiedade e sonhos. O dia em que puderam ouvir pela primeira vez o coraçãozinho do filho bater, foi-lhes de pura emoção.

Cada mês era uma descoberta. Filmaram as diversas ecografias para que um dia, pudessem mostrar ao pequeno como ele começara a sua vida na terra, no carinho e aconchego do ventre materno.

Prepararam berço, quarto, rendas e roupinhas. Tudo tradu-

zia o imenso amor que dedicavam ao pequeno. O nascimento foi uma festa, os primeiros dias uma descoberta contínua, os meses que se seguiram de aprendizado para os pais, tentando traduzir o choro infantil, os primeiros balbucios, o código especial daquele palavreado todo especial.

Os primeiros passos foram filmados. Os sorrisos e cada toque das mãozinhas tenras era uma emoção diferente. Nos corações dos pais, a gratidão brotava espontânea e todas as noites, agradeciam a Deus pela dádiva preciosa que lhes havia mandado.

Orando ao pé do berço, em rogativa singela a Jesus pelo pequeno que dormia, sentiam-se sempre mais felizes.

Então, um dia, aconteceu a tragédia. Uma febre inexplicável tomou conta do garoto que até há pouco brincava feliz no caixão de areia, em plena tarde de verão.

Ele adentrara à cozinha, queixando-se de dor de cabeça. A mãe o acarinhou, sentiu-lhe a temperatura anormal e chamou o marido. Logo vieram os exames, o internamento, em poucas horas, a morte cruel.

O casal sentiu os corações esstraçalhados. Como era possível que uma criança tão cheia de vida, pudesse morrer em poucas horas? E nos dias de hoje, com tantos recursos? Nada lhe faltara.

O pai desesperou-se, agarrou-se ao corpinho ainda quente e começou a gritar: “Volta, volta. Não vá embora. Não nos deixes.”

Então, a mãe, vencendo a dor que lhe esmagava o coração, qual uma mão de ferro, aproximou-se do marido, abraçou-o ternamente e lhe segredou ao ouvido:

“Amado, deixa-o partir. Ele veio e somente nos deu alegrias.

Cumpriu o seu tempo. Deixa-o retornar em paz ao mundo de onde veio. Não o retenhas...”

Observações:

A morte em tenra idade é dentre os tipos de morte, possivelmente, a que mais indagações produz nos corações aflitos.

Contudo, elas ocorrem pois que espíritos existem que vêm à terra e tomam as vestes humanas, na qualidade de filhos, para fazerem felizes aos que amam. Deixam a sua mensagem de alegria e de paz e retornam ao mundo espiritual, cumprida a tarefa.

Outros espíritos necessitam de algum tempo apenas, como complementação de vidas anteriores não vividas em plenitude.

É sempre provação para os pais que sofrem a dor da separação. Mas, uma certeza deve permanecer: a morte não existe e os que se amam, prosseguem a se amar na espiritualidade.

Um dia, haveremos todos de nos reencontrar no mundo espiritual ou em vidas futuras, em algum lugar...

Bibliografia sugerida:

- 01.KARDEC, Allan. Pluralidade das existências. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. IV, pergs. 198 a 199 a .
- 02.SIMONETTI, Richard. Operação despertarmento. In: _____. **Endereço certo**. 6. ed. São Paulo:IDE, 1993. cap. 21.
- 03.XAVIER, Francisco Cândido. “As orações, para mim, funcionam por bálsamos”, ORLANDO Sebastião Duarte. In: _____. **Eles voltaram**. Por diversos espíritos. 7. ed. São Paulo:IDE, 1992. cap. 10.
04. _____. “Continuo sendo o seu menino que lhe tem tanto amor”, EVALDO Augusto dos Santos. In: _____. **Op. cit.** cap. 2.
05. _____. Ele escrevia *Edvaldo* no chão, nas paredes, onde pudesse. In: _____. **Op. cit.** cap. 7.
06. _____. “Estou de novo numa escola com muitos amigos”, EDVALDO Roel da Silva Júnior. In: _____. **Op. cit.** cap. 8.
07. _____. No rio Lambari, quatro jovens iniciaram vida nova. In: _____. **Op. cit.** cap. 9.
08. _____. Um pequeno grande cavaleiro. In: _____. **Op. cit.** cap. 1.
09. _____ e RAMACCIOTTI, Caio. **Crianças no além**. Pelo espírito Marcos.



FIDELIDADE

- fidelidade aos valores morais
- a Jesus
- coerência entre o falar e o fazer

Texto auxiliar:

Houve, em tempos passados, uma localidade denominada Sebastes. Situava-se entre a Judéia e a Síria. Foi ali que 40 legionários da 12ª legião romana deram sua vida por amor à verdade.

Presos por professarem o Cristianismo, os 40 jovens marcharam saindo da cidade, escoltados por outros tantos soldados.

À frente se desenhava o lago de águas tristes e frias. O sol se afundava na direção do poente e o vento soprava gelado.

Os tambores soavam, ditando o ritmo da marcha. E os prisioneiros foram entrando no lago. Um passo, dois, três, dez, vinte. Os pés foram chapinhando a água e eles entrando mais e mais. Só ficaram as cabeças descobertas fora d'água.

Os superiores haviam lhes decretado uma terrível forma de morrer. Ali parados, impassíveis e silenciosos iam morrer enregelados.

As luzes do crepúsculo se envolveram num manto dourado e se retiraram, deixando que a noite se apresentasse com seu cortejo de estrelas.

Ao redor do lago, nas margens, familiares e amigos oravam silenciosos. E silenciosos permaneciam os jovens dentro d'água.

Então, em nome de César, falou um oficial. Eles eram jovens

e levando em conta a sua inexperiência, seriam perdoados se jurassem fidelidade aos deuses protetores do Império.

Era tudo muito simples. Bastava queimar algumas ervas, perante o improvisado altar a Júpiter Olímpico, na outra margem do lago.

Dentro do lago, nem um mínimo movimento. O ar foi se fazendo mais frio e uma névoa começou a se erguer das águas.

Os guardas acendiam fogueiras nas margens, batiam as mãos, andavam para se aquecer. Mas os 40 legionários ficaram imóveis.

Então, eles começaram a cantar e mais forte do que o vento, o hino se ergueu como um grito vitorioso.

Era como uma cascata de esperanças feita de fé, ternura e renúncia.

Um a um, no transcorrer das horas, aquelas chamas foram se apagando na terra, para tremeluzirem na espiritualidade.

Quando nasceu o dia, somente um vivia. Um guarda se aproximou de uma mulher e lhe disse que seu filho vivia. Como ele vivera até então, teria sua vida poupada. Que ela o retirasse das águas, e em nome dele oferecesse sacrifício aos deuses romanos.

“Nunca, ” foi a resposta dela. “Se ele, consciente, não o fez, como poderia me aproveitar da sua agonia para traí-lo?”

Firmemente avançou para as águas e ali esteve com o filho até que o coração dele parou de bater. Depois, apertando-o firmemente nos braços, tomou o seu corpo e o veio depositar aos pés do oficial da guarda. (*A partir da obra A esquina de pedra/Editora O Clarim/ Wallace Leal V. Rodrigues - cap. XXVIII*).

Bibliografia sugerida:

- 01.FRANCO, Divaldo Pereira. Convite à fidelidade. In: _____. **Convites da vida**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1972. cap. 24.
02. _____ e SANTOS, Celeste.Primeiras experiências. In: _____. **A veneranda Joanna de Ângelis**. Salvador:LEAL, 1987. cap. 1.
03. _____. Objetivos de Joanna. A obra. In: _____. **Op. cit.** cap. 10.
- 04.TEIXEIRA, J. Raul. Escândalos e fidelidade. In: _____. **Cintilação das estrelas**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1992. cap. 24.
05. _____. A rama pujante. In: _____. **Quem é o Cristo?** Pelo espírito Francisco de Paula Vítor. Niterói:FRÁTER, 1997. cap. 28.
06. _____. Amor e fidelidade. In: _____. **Vida e mensagem**. Pelo espírito Francisco de Paula Vítor. Niterói: FRÁTER, 1993. cap. 18.
07. _____. Fidelidade e trabalho. In: _____. **Op. cit.** cap. 16.
- 08.VIEIRA, Waldo. Perante a codificação kardequiana. In: _____. **Conduta espírita**. Pelo espírito André Luiz. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1961.cap. 45.
09. _____. Perante Jesus. In: _____. **Op. cit.** cap. 47.
- 10.XAVIER, Francisco Cândido. Fidelidade a Deus. In: _____. **Boa nova**. Pelo espírito Humberto de Campos. 8. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1963. cap. 6.
11. _____. Joana de Cusa. In: _____. **Op. cit.** cap. 15.



RESPEITO

- respeito a si próprio
- respeito no lar
- respeito à vida (fauna, flora, humanidade)
- cortesia, boas maneiras, educação

Texto auxiliar:

Respeito foi definido por alguém como a capacidade do ser de se importar com o sentimento do outro. Talvez seja esta a mais plena das definições.

Normalmente, quando nos sentimos ofendidos, desprezados, dizemos apreciar o respeito. Mas, será que respeitamos os demais?

Fácil é de sabermos. Basta que nos perguntemos se somos daqueles que marcamos hora com o médico ou o dentista e à última hora, por questões de importância nenhuma, telefonamos desmarcando, sem nos preocuparmos com a agenda do profissional e muito menos com eventuais clientes que estariam aguardando em lista de espera por aquela hora que, agora, não será aproveitada por ninguém.

Acaso somos daqueles que apreciamos estabelecer preço para os serviços profissionais alheios? Somos dos que pensamos que tal ou qual profissional liberal ganha em demasia e bem pode nos fazer um grande desconto?

Mais do que isso. Verbalizamos, em pleno rosto, que o seu trabalho não vale mais do que a quantia que estipulamos?

Desrespeitamos o esforço que fez para chegar onde se encontra. Acaso somos conhecedores das inúmeras noites sem dormir que atravessou a estudar? Dos plantões intermináveis e exaus-

tivos, das horas de pesquisa, tensão?

Desrespeitamos inclusive os valores amoe-dados que dispendeu para completar o curso, para prosseguir em jornadas de aperfeiçoamento, mestrado, doutorado.

Desrespeitamos o trabalho do outro toda vez que lhe dizemos que seu ganho é fácil e rendoso, enquanto o nosso é árduo e pequeno.

Exercemos desrespeito quando manifestamos desconfianças absurdas, baseadas somente em nossa própria má fé ou má vontade.

E em se falando de serviçais outros, como domésticas, jardineiros, pedreiros, carpinteiros, quanta vez permitimos que o respeito se evada de nossas atitudes para com eles.

Sempre que estabelecemos jornadas de trabalho muito longas, que exigimos cumprimento de tarefas além do que se considera humanamente possível, que submetemos o outro a situações humilhantes, o estamos desrespeitando.

Respeito deve ser a atitude de todo cristão com o seu semelhante, seja ele superior ou inferior a si, na escala social e nos degraus da instrução.

Afinal, todos somos membros de uma única família, pois que criados pelo mesmo Deus, nosso Pai.

Acreditemos que se não aprendermos a respeitar o nosso semelhante, desde as coisas mínimas, não estaremos agindo dentro da Lei de justiça, amor e caridade.

Bibliografia sugerida:

- 01.KARDEC, Allan. Honrai a vosso pai e a vossa mãe. In:____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. XIV.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Respeito à vida. In:____. **Oferenda**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1980.
- 03.TEIXEIRA, J. Raul. A questão ambiental. In:____. **Educação e vivências**. Pelo espírito Camilo. Niterói: FRÁTER, 1993. cap. 1.
- 04._____. Ecologia e paradoxos humanos. In:____. **Op. cit.** cap. 2.
- 05._____. A ecologia e a educação. In:____. **Op. cit.** cap. 3.
- 06.VIEIRA, Waldo. No lar. In:____. **Conduta espírita**. Pelo espírito André Luiz. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1961. cap. 5.
- 07.XAVIER, Francisco Cândido. Ambiente caseiro. In:____. **Sinal verde**. Pelo espírito André Luiz. 11. ed. Uberaba:CEC, 1982. cap. 8.
- 08._____. Experiência doméstica. In:____. **Op. cit.** cap. 6.
- 09._____. Modos desagradáveis. In:____. **Op. cit.** cap. 28.
- 10._____. Na via pública. In:____. **Op. cit.** cap. 10.
- 11._____. No recinto doméstico. In:____. **Op. cit.** cap. 4.
- 12._____. Saudações. In:____. **Op. cit.** cap. 1.
- 13._____. Ver e ouvir. In:____. **Op. cit.** cap. 15.



PARÁBOLA DO SEMEADOR

- todos somos semeadores
- as sementes do bem em nós
- multiplicação das sementes

Texto auxiliar:

Narra o escritor Bruce Barton que na Palestina existem dois mares, bem distintos.

O primeiro deles é fresco e cheio de peixes. Possui margens adornadas com bonitas plantas e muitas árvores as rodeiam, debruçando seus galhos em suas águas, enquanto deitam suas raízes nas águas saudáveis para se dessedentarem.

Suas praias são acolhedoras e as crianças brincam felizes e tranqüilas. Esse mar de borbulhantes águas é constituído pelo rio Jordão. Ao redor dele, tudo é felicidade. As aves constroem os seus ninhos, enchendo com seus cantos a paisagem de paz e de risos. Os homens edificam suas casas nas redondezas para usufruírem dessa classe de vida.

Mas o rio Jordão prossegue para além, em direção ao sul, em direção a outro mar.

Ali tudo parece tristeza. Não há canto de pássaros, nem risos de crianças. Não há traços de vida, nem murmúrio de folhas.

Os viajantes escolhem outras rotas, desviando-se desse mar de águas não buscadas por homens, nem cavalgadas, nem ave alguma.

Se ambos os mares recebem as águas do mesmo rio, o generoso Jordão, por que haverá entre ambos tanta diferença?

Num deles, tudo canta a vida, noutro parece pairar a morte.

Não é o rio Jordão o culpado, nem causa é o solo sobre o qual estão, ou os campos que os rodeiam.

A diferença está em que o mar da Galiléia recebe o rio, mas não detém as suas águas, permitindo que toda gota que entre, também saia, adiante.

Nele, o dar e receber são iguais.

O outro é um mar avarento. Guarda com zelo todas as gotas que nele ingressam. A gota chega e ali fica. Nele não há nenhum impulso generoso.

O mar da Galiléia dá de forma incessante e vive de maneira abundante.

O outro nada dá e é chamado de mar Morto.

Tecendo um paralelo entre o coração humano e os dois mares descritos, podemos logo aquilatar se temos uma alma generosa qual o mar da Galiléia ou avarenta e ciosa qual o mar Morto.

Os que estamos habituados a distribuir os dons e talentos que a Divindade nos concede, somos os seres agraciados com a alegria de viver, farto círculo de amigos, flores de carinho e folhagens de ternura.

Se nos habituamos a viver sós, sem nada repartir, dividir ou partilhar, estamos semeando solidão à nossa volta, tristeza e desamparo, porque a vida é qual imensa seara que retribui a sementeira, de acordo com os grãos cultivados. *(A partir da obra Um presente especial/Editora Aquariana/Roger Patrón Luján – cap. Parábola dos dois mares).*

Observações:

O mar da Galiléia também é conhecido, no Antigo e no Novo Testamento, como o mar de Kinneret ou o Lago de Tiberíades.

Às margens do mar da Galiléia é que se estendiam as cidades de Magdala, Cafarnaum, Tiberíades e Betsaida, onde os Evangelhos registram a atuação de Jesus, quando de Seu Ministério entre os homens.

Bibliografia sugerida:

- 01.FRANCO, Divaldo Pereira. Semente de luz e vida. In:____. **As primícias do reino**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Rio de Janeiro:SABEDORIA, 1967.
- 02._____. **O semeador**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador:LEAL, 1981.
- 03.RIGONATTI, Eliseu. A parábola do semeador. In:____. **O evangelho dos humildes**.9.ed. São Paulo:PENSAMENTO, 1993. cap. XIII.
- 04.SCHUTEL, Cairbar. Parábola do semeador. In:____. **Parábolas e ensinios de Jesus**. 9. ed. Matão:O CLARIM, 1972.
- 05.TEIXEIRA, J. Raul. Jesus e Zaqueu. In:____. **Vida e mensagem**. Pelo espírito Francisco de Paula Vitor. Niterói:FRÁTER, 1993. cap. 21.



NOSSOS PRECONCEITOS

- realidade insofismável: somos filhos do mesmo Pai
- preconceito – filho da ignorância e do orgulho
- o preconceito como fruto da educação

Texto auxiliar:

Marcos e Antônio eram dois garotos que moravam bem próximos. Bastava atravessar um pequeno córrego e pronto: estavam um frente ao outro.

Embora vivessem tão perto, eles não brincavam juntos. Cada um ficava nos limites do terreno da própria casa e se entretinha com suas brincadeiras.

Como brincassem sozinhos, fantasiavam muito, dando vida a bonequinhos plásticos. Construíam cidades, vilas, indústrias, escolas e criavam histórias.

Certo dia, no entanto, cansados de se sentirem sós, venceram o portão das suas casas e andaram um em direção ao outro.

Próximo do córrego se encontraram. Marcos olhou Antônio, que era de cor negra e trazia os cabelos encarapinhados na cabeça luzidia.

Antônio observou Marcos que era louro, de imensos olhos azuis e uma pele muito alva.

A curiosidade os aproximou. Tocaram-se. Uniram as mãos.

Logo mais, estavam saltando pelo campo, subindo em árvores.

Cada qual se esmerou em ensinar ao outro o que de melhor

sabia. É como se, em uma única tarde, desejassem suprir os dias de solidão que haviam vivido.

Quando a boca da noite se anunciou e a lua principiou a se espreguçar no céu, cada qual voltou para sua casa, cheio de alegria.

Durante o jantar, Marcos narrou aos pais a sua aventura. Entusiasmado, não poupou detalhes.

Concluído o relato, os pais lhe falaram da inconveniência de travar amizade com aquele tipo de gente.

Antônio não somente era negro, como também pobre, o que equivalia a dizer de maus costumes. Quem poderia prever que maus hábitos possuía?

Enquanto isso, o entusiasmo de Antônio em seu lar também era esfriado pela reação paterna.

Marcos era filho de um rico industrial, cheio da grana. Um ambicioso que só pensava em si. Com certeza, o filho não deveria ser diferente. Antonio não deveria privar daquela amizade.

No dia seguinte, cada um dos meninos foi até o córrego. Ficaram se olhando de longe.

Recordaram da alegria da véspera, dos pulos e das brincadeiras.

Mas lembraram das advertências dos seus pais.

Então, cada um retornou sobre os próprios passos e voltou a brincar sozinho.

Os pais, como promotores da educação dos seus filhos, são os responsáveis pelos valores que lhes passam.

O preconceito, habilmente combatido nas conversas e nos discursos, vige e se arraiga no coração das criaturas. E os pequenos, absorvendo as informações, observando os exemplos, passam a agir consoante lhes é ensinado.

Observações:

O preconceito tentou agredir a Jesus, por mais de uma vez.

Quando se aproximou da samaritana, com o propósito de lhe socorrer a alma, houve quem perguntasse o que Ele pretendia em companhia de uma mulher que já tivera vários maridos.

E ao atender ao centurião cheio de fé, curando-lhe o servo, foi chamado de adulator de romanos.

Preconceito é sempre fruto da ignorância e da miopia dos que não conseguem enxergar para além das fronteiras do momento que passa. (*A partir da obra Luz acima/Editora FEB/Francisco Cândido Xavier/Espírito Irmão X – cap. 9*).

Bibliografia sugerida:

01. KARDEC, Allan. Bem-aventurados os pobres de espírito. In: _____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. VII, itens 3 a 6.
02. FRANCO, Divaldo Pereira. Zaqueu, o rico de humildade. In: _____. **As primícias do reino**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Rio de Janeiro:SABEDORIA, 1967.
03. _____. ...E expulsaram-nO dali. In: _____. **Pelos caminhos de Jesus**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador:LEAL, 1987. cap. 12.
04. _____. Marcados na alma. In: _____. **Terapêutica de emergência**. Por diversos espíritos. Salvador:LEAL, 1983. cap. 26.
05. MARTINS, Celso. Fraternidade. In: _____. **Espiritismo: obra de educação**. 2. ed. Capivari:EME, 1993. cap. 18.
06. XAVIER, Francisco Cândido. A lição inesquecível. In: _____. **Alvorada cristã**. Pelo espírito Néio Lúcio. 4. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1971. cap. 11.
07. _____. O burro de carga. In: _____. **Op. cit.** cap. 10.
08. _____. O poder da gentileza. In: _____. **Op. cit.** cap. 15.
09. _____. Apontamentos do ancião. In: _____. **Luz acima**. Pelo espírito Irmão X. 8. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1993. cap. 9.



FAMÍLIA

- constituição da família no mundo espiritual
- ajustes, encontros e desencontros no seio familiar
- família como sustentáculo e promotora do progresso do espírito

Texto auxiliar:

No último fim de semana de maio de 1995, o ator Christopher Reeve, mais conhecido por Super Homem, participava de uma competição hípica e sofreu uma queda.

Seu corpo de 1.93m e 97 quilos aterrissou de cabeça, quebrando as duas vértebras cervicais superiores.

Quando o médico lhe disse que deveria passar por uma delicada cirurgia e que talvez não sobrevivesse, ele pensou em morrer.

“Não seria melhor?”, pensou. “Afinal, pouparia a todos um monte de problemas.”

A vida se tornou difícil. Quando a família e os amigos chegavam, ele se sentia feliz. Mas quando todos iam embora e ele ficava ali, sozinho, deitado, olhando para as paredes, sentia-se muito triste.

Imóvel, conseguia adormecer e sonhar. Sonhar que estava de novo cavalgando, representando. Ao acordar, verificava que nada mais daquilo poderia fazer.

Sua esposa, com quem se casara há três anos, entrou um dia no quarto de hospital e lhe falou: “Quero que você saiba que estarei com você até o fim, não importa o que aconteça. Você ainda é

você e eu o amo.”

Ele moveu os lábios, respondendo: “Isso está muito além dos votos do casamento: na saúde e na doença.”

Neste dia, ele decidiu que viveria. Dias depois, seu filho de três anos também lhe trouxe novas esperanças.

Ele brincava no chão, quando de repente olhou para cima e disse:

“Mãe, o papai não mexe mais os braços.” “Sim”, concordou a mãe, “é verdade.”

“E o papai não pode mais correr”, continuou a criança. A mãe tornou a concordar.

Então o garoto fez uma pausa, franziu o rosto como se estivesse se concentrando e disse alegre: “Mas papai ainda pode sorrir.”

Isso fez com que o ator decidisse definitivamente não partir. Ele viveria. Aprenderia a respirar sem o auxílio da máquina. Viveria, mesmo que fosse para sempre em uma cadeira de rodas, sem se mover.

Ele tinha uma família, e esta família o amava.

Recentemente, teve oportunidade de narrar para uma revista: “Estou feliz por ter decidido viver. Os que estão próximos a mim também se sentem felizes. Em novembro de 1995, no dia de ação de graças, fui para casa passar o dia com minha família pela primeira vez desde o acidente. Quando revi nossa casa, soluzei, enquanto Dana, minha esposa, me abraçava.

“No jantar, cada um de nós disse algumas palavras sobre o

que estávamos agradecendo. Quando chegou a vez do pequeno de três anos, ele disse simplesmente: ‘Papai.’” *(A partir da revista Reader’s Digest Seleções de abril/2000 – A decisão de Christopher Reeve de autoria de Christopher Reeve do livro Ainda sou eu).*

Observações:

A família é de grande importância para o homem.

O amor é o poder criador mais vigoroso de que se tem notícias no mundo.

Seu vigor é responsável pelas obras grandiosas da humanidade.

Num lar onde reina o amor, todas as dificuldades podem ser superadas, porque este sentimento impulsiona o indivíduo para a frente e se faz refúgio para a vitória sobre todos os percalços. *(A partir da obra Joanna de Ângelis responde/Divaldo Pereira Franco/organizado por José Maria de M. Souza – pergs. 175 e 176).*

Texto auxiliar nº 2:

É comum se escutar, em especial por parte dos adolescentes e jovens, queixas a respeito de sua família.

Afinal, a família do amigo, do vizinho é sempre melhor. A mãe do amigo é compreensiva, o pai ouve o filho.

Alguns chegam a dizer que se sentem estranhos no seu lar, que prezariam imensamente serem filhos desta ou daquela família.

E levam tão a sério suas afirmativas, que não é raro se encontrar meninos e meninas a passar dias e dias em casa de amigos. Porque é lá, naquele ambiente, que se sentem muito bem.

Por que isso acontece? Primeiro, temos que considerar que os pais, como responsáveis pela educação dos seus rebentos, de contínuo estão a chamar a sua atenção para os seus deveres, suas obrigações. É a escola, o dever de casa, as pequenas tarefas do lar, a limpeza do quarto.

Tais questões habitualmente fazem que o jovem se sinta pressionado em seu lar, enquanto no do amigo, nada lhe é exigido, desde que ele é visita. E visita merece tratamento especial, mesmo porque a sua educação não é dever dos seus anfitriões.

Outro detalhe a se considerar é que alguns de nós, verdadeiramente nascemos em famílias não muito simpáticas a nós.

Tal ocorre como parte do nosso aprendizado, dentro da lei de causa e efeito, pois que, provavelmente em anteriores experiências na carne, descuramos dos afetos familiares, menosprezamos o seu convívio.

Retornamos assim, para viver entre seres indiferentes ou até antipáticos.

Mas, se podem imaginar que em tais circunstâncias, deve-se desconsiderar a família atual, enganam-se.

Para nossa própria edificação, é importante que essa família hoje somente unida pelos laços corporais se transforme em uma família verdadeira, unida pelos laços do afeto.

Cabe-nos, portanto, trabalhar para isto. Quando a situação parecer meio difícil, dentro do lar, recorrer à oração.

Se a conversa se encaminha para uma discussão, sair um pouco, esfriar a cabeça e retornar depois para um diálogo ameno.

Se um ou outro membro da família nos é antipático, meditemos que não é o acaso que nos reúne, que motivos muito graves nos levaram a estarmos juntos no hoje e comecemos a olhá-lo, buscando descobrir suas virtudes.

Se, ao sairmos desta vida, pudermos levar como trunfo em nossa bagagem espiritual, o termos conquistado um ou mais membros da nossa família, com certeza teremos realizado algo muito proveitoso para nossa vida como espíritos eternos.

Porque conquistar um espírito indiferente ou antipático, transformando-o em amigo é algo que jamais se perderá.

Bibliografia sugerida:

- 01.AMORIM, Deolindo e MIRANDA, Herminio C. A família como instrumento de redenção espiritual. In: _____. **O espiritismo e os problemas humanos**. São Paulo:USE, 1985. pt. 2, cap. XI.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Família. In: _____. **Estudos espíritas**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Rio de Janeiro:FEB, 1982. cap. 24.
03. _____. Vida em família. In: _____. **S O S Família**. Por Joanna de Ângelis e outros espíritos. Salvador:LEAL, 1994.
- 04.MARTINS, Celso. A família segundo o espiritismo. In: _____. **Espiritismo: obra de educação**. 2. ed. Capivari:EME, 1993. cap. 20.
- 05.PIRES, J. Herculano.Amor e família em novos tempos. In: _____. **Curso dinâmico de espiritismo, o grande desconhecido**. Matão:O CLARIM, 1979. cap. V.
06. _____. Relações familiares no espiritismo. In: _____. **Op. cit.** cap. VI.
07. _____. A família vai acabar? In: _____. **O homem novo**. 2. ed. São Bernardo do Campo:CORREIO FRATERNAL, 1985. cap. 5.
- 08.TEIXEIRA, J. Raul. Juventude e família. In: _____. **Cântico da juventude**. Pelo espírito Ivan de Albuquerque. 2. ed. Niterói:FRÁTER, 1995. cap. 5.



PRESENTIMENTOS

- os avisos dos espíritos amigos
- intuições das escolhas reencarnatórias
- objetivos dos pressentimentos

Texto auxiliar:

O dia dezenove de abril de 1995 foi marcado pelo maior ataque terrorista da história dos Estados Unidos. Potencialmente, porque muitas das vítimas eram bebês que brincavam, na creche do Edifício destruído pela explosão de um carro-bomba.

O interessante no meio da tragédia foi se saber, posteriormente, dos pressentimentos que livraram alguns deles da morte. Michel Butler, um loirinho de quatro anos, por exemplo, continua vivo porque sua mãe, Kari, não o deixou ir para a creche naquela manhã.

“Alguma coisa me disse para deixar o Michel em casa”, confessou ela a uma amiga.

A criança até chorou porque queria ir para a creche, queria ver o seu amigo Aaron. A mãe ficou firme porque alguma coisa continuava lhe dizendo : “Não, hoje não!” Graças à estranha coisa que falou a Kari, haverá muitos outros dias para Michel.

Com a menina Achley foi diferente. Nos seus quatro anos, pediu com insistência para a mãe : “Um abraço. Eu preciso de um abraço.”

“Mas eu já te dei um abraço enorme”, falou a mãe. A garotinha insistiu : “Mas eu quero outro, e quero um beijo também.”

Com um riso cheio de amor, a mãe ouviu a menina dizer: “Eu

gosto de você, mamãe. Eu amo você.”

Parecia despedida. E foi mesmo. Menos de duas horas depois, a mãe e os avós eram surpreendidos com as notícias da explosão. A menina foi encontrada morta.

Existe pressentimento? O que é isto? Pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um espírito que nos quer bem. É, portanto, um amigo espiritual que nos alerta a respeito de um perigo, no intuito de nos salvar. Isto explica o caso da mãe do pequeno Michel.

De outras vezes, é a intuição da escolha que se haja feito, antes de renascer. Antes de reencarnar, o espírito tem conhecimento e até escolhe o gênero de provas a que se submeterá.

Entre essas, o gênero de morte. Ora, ele conserva no seu íntimo uma espécie de impressão de tais provas e esta impressão, fazendo-se ouvir quando lhe chega o momento de sofrê-las, se torna pressentimento.

Isto explica o caso da pequena Achley e sua despedida especialmente carinhosa, naquele dia.

O pressentimento pode ser considerado como a voz do instinto. Os pressentimentos são algum tanto vagos, por vezes não se sabe bem o que fazer. Nesses momentos, é bom orar ao espírito protetor, ao anjo de guarda ou diretamente a Deus, para que possamos melhor discernir.

Os avisos dos espíritos protetores objetivam tanto o nosso procedimento moral como também o proceder em assuntos da vida particular. Eles nos ajudam com seus conselhos, mediante a voz da consciência que fazem ressoar em nosso íntimo. Como nem sempre ligamos a isso a devida importância, eles também se ser-

vem das pessoas que nos cercam. São elas os seus instrumentos para nos aconselhar.

Examinemos as diversas circunstâncias felizes ou infelizes da nossa vida. Veremos que, em muitas ocasiões, recebemos conselhos que não aproveitamos e que nos teriam poupado muitos desgostos, se os tivéssemos escutado. (A partir da obra *O livro dos espíritos*/Editora FEB/Allan Kardec – pergs. 522 a 524; da revista *Manchete* de 13.05.1995 e da obra *Conduta espírita*/Editora FEB/Waldo Vieira/Espírito André Luiz – cap. 39).

Observações:

Em 30.07.1876, o médium Ernesto Castro, na cidade de Silveiras, Minas Gerais, recebeu uma mensagem do espírito de Estevam Montgolfier, que dizia: “Vencer o espaço com a velocidade de uma bala de artilharia, em um motor que sirva para conduzir o homem, eis o grande problema que será resolvido dentro de pouco tempo.

“O missionário que traz esse aperfeiçoamento à Terra já se acha entre vós.”

Santos Dumont, o Pai da Aviação, contava apenas três anos de idade.

Bibliografia sugerida:

01. KARDEC, Allan. Intervenção dos espíritos no mundo corpóreo. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo: LAKE, 1980. pt. 2, cap. IX, pergs. 522 a 524.
02. _____. Dos médiuns escreventes ou psicógrafos. In: _____. **O livro dos médiuns**. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1986. pt. 2, cap. XV, item 184.
03. _____. Coletânea de preces espíritas. In: _____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987. cap. XXVIII, item 24.
04. DENIS, Léon. Sonhos premonitórios. Clarividência. Pressentimentos. In: _____. **No invisível**. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1973. pt. 2, cap. XIII.



CANSAÇO

- causas do cansaço físico e mental
- conseqüências para a vida diária
- maneiras de debelar o cansaço, revigorando-se

Texto auxiliar:

Você se encontra cansado. O dia nem bem despertou e você já sente o corpo todo a reclamar das canseiras que deverão chegar.

Você sente que as forças físicas devem entrar em pane a qualquer momento e que as suas forças psicológicas estão em queda.

Você se ergue da cama e anda arrastando os pés, como se o corpo pesasse uma tonelada. Vai até o espelho, olha-se e observa. As olheiras estão aí. É como se não tivesse dormido.

Incrível! As horas de sono parecem que não lhe bastam, que você precisa sempre mais e mais.

Talvez umas férias mais prolongadas, mais lazer.

Contudo, as horas reclamam agilidade. Você se prepara e sai para o trabalho. O stress do trânsito está terrível. Pior a cada dia. É o engarrafamento, o acidente, as buzinas, a chuva forte que dificulta a visão. Difícil estacionar. Que dia!

Finalmente você chega ao local de trabalho e começa a lamentar-se. A mesa está sempre mais atulhada de papéis. A impressão é que quanto mais você faz, mais serviço aparece.

E hoje o chefe parece estar mais irritado do que de costume. Você continua a se lamentar. Afinal, você está muito cansado. Aliás, vem dizendo isso há muito tempo.

Páre um momento. Observe como as pessoas reagem às suas queixas. Porque você se torna repetitivo, alguns para não o magoar, concordam com você. Outros silenciam, pensando no tempo que você está jogando fora, reclamando, sem tomar nenhuma providência.

Alguns se mostram indiferentes. Pensam que o problema é seu e quem deve resolvê-lo é você mesmo. Talvez alguém até chegue a se irritar com a sua cantilena de lamentações.

Pode ser que alguns se afastem para não mais ouvir você, porque toda vez que você reclama se torna excessivo, aborrecido, cansativo.

Pense um pouco. Se o cansaço é físico, tome uma providência. As leis divinas recomendam a lei do repouso. Se for demasiado o cansaço, talvez você esteja doente e precise de atendimento profissional. Procure um médico, realize exames, trate-se.

Se o seu cansaço o preocupa, tome o caminho mais conveniente. Mas, se por qualquer motivo não puder fazer isso, então silencie. Trabalhe e ore, buscando apoio e refazimento nas fontes espirituais.

Procure Jesus na intimidade de seu coração e entregue a Ele o seu cansaço e o seu descanso.

Ilumine os campos da alma com atividades que o enriqueçam espiritualmente, que o alegrem verdadeiramente.

Evite reclamações constantes, porque elas não melhorarão o seu cansaço, nem seu esgotamento.

Procure atividades que o refaçam. Escolha um local onde necessitem de braços amigos e se ofereça como voluntário. Mudan-

ça de atividade é também repouso.

Para o seu lazer escolha o que o possa refazer. Um passeio tranqüilo, a observação atenta de um quadro da natureza. Delicie-se com uma música. Desfrute o aconchego familiar. Ore e seja feliz. *(A partir da obra Para uso diário/Editora Fráter/J. Raul Teixeira/ Espírito Joanes - cap. 24).*

Observações:

O sono foi dado ao homem para a reparação das forças orgânicas e das forças morais.

Enquanto o corpo se recupera dos efeitos da atividade do dia, o espírito também se reabastece no mundo espiritual.

Por isso mesmo a prece, antes do sono físico, se faz tão importante. Com ela, sintonizamos com as mentes superiores com as quais, logo mais, quando dormirmos, poderemos nos encontrar para os diálogos que alimentam a alma e fortificam a disposição para as lutas. *(A partir da obra O evangelho segundo o espiritismo/ Editora FEB/Allan Kardec – cap. XXVIII, item 38).*

Bibliografia sugerida:

- 01.KARDEC, Allan. Lei do trabalho. In:____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 3, cap. III, pergs. 682 e 683.
- 02._____. Coletânea de preces espíritas. In:____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. XXVIII, itens 38 e 39.
- 03.FRANCO, Divaldo Pereira. A busca. In:____. **O despertar do espírito**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 2000. cap. I.
- 04.TEIXEIRA, J. Raul. A respeito do seu cansaço. In:____. **Para uso diário**. Pelo espírito Joanes. Niterói:FRÁTER, 1999. cap. 24.
- 05._____. Sentes-te frágil? In:____. **Revelações da luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1994. cap. 11.
- 06.XAVIER, Francisco Cândido. O estranho cansaço. In:____. **Respostas da vida**. Pelo espírito André Luiz. 19. ed. São Paulo:IDEAL, 1991. cap. 31.



PATERNIDADE

- a missão da paternidade
- deveres dos pais
- as alegrias da paternidade

Texto auxiliar:

Sabe, meu filho, até hoje não encontrei tempo para brincar com você.

Arranjei tempo para tudo, menos para vê-lo crescer. Nunca joguei dominó, xadrez ou empinei papagaio com você.

Sabe, sou muito importante. Não tenho tempo para sentar no chão com você. Não, não tenho tempo!

Certa vez você veio com o caderno da escola. Não liguei. Continuei lendo o jornal. Afinal, os problemas internacionais são mais sérios que os de minha casa.

Qual a importância de eu saber se hoje você venceu ou perdeu a corrida na escola? Amanhã, quando falar com os homens de negócio, o que eu preciso saber é a cotação da bolsa e como anda a política internacional.

São esses assuntos que me tornam importante aos olhos dos outros e que permitem que eu cresça no mundo dos negócios, sempre mais.

Nunca vi o seu boletim, nem sei qual foi a sua primeira palavra.

Você entende... não tenho tempo.

Eu não reparo em quase nada. Minha vida é muito corrida.

Sei que você se queixa, que sente falta de uma palavra minha, de um corre-corre, de um chute na sua bola.

Sei que você sente falta do meu abraço e do meu sorriso. Mas não tenho tempo.

Você entende, sou um homem muito importante.

Preciso dar atenção a muita gente, dependo delas.

Na verdade, sou um homem sem tempo.

Sei que você fica chateado, porque as poucas vezes que conversamos, só eu falo, e a maior parte é bronca.

Quero silêncio! Quero sossego! E você tem a péssima mania de pular sobre a gente, de agarrar, querer contar tudo que lhe acontece.

Filho, não tenho tempo para abraçá-lo, para ficar com papo-furado com criança.

Filho, o que você entende de comunicação, cibernética, racionalismo?

Você sabe o nome dos grandes economistas? Dos grandes investidores? Sabe quais são as ações que estão em alta?

Sabe qual é o melhor investimento a ser feito?

Sabe, filho, não tenho tempo. Tenho muitos cursos a frequentar, muitas coisas a aprender.

Mas o pior de tudo é que... se você morrer agora, já, neste instante, eu ficaria com um peso na consciência, porque até hoje não arrumei tempo para brincar com você.

E sei que nada iria preencher o vazio que sua ausência deixaria em nossa casa.

Oh, filho, por que eu não consigo arrumar tempo para estar com você? *(A partir da obra Momentos de luz/ vol. 1/Editora Kuarup/ Hiran Rocha - cap. Não tenho tempo).*

Observações:

O mundo sente falta de homens que sejam pais, de homens que, após o dia das tarefas exaustivas, saibam ser doces e se debruçar sobre o berço do pequeno que dorme e o acariciem.

Que tenham a ternura e o cuidado suficientes para se erguerem pela madrugada para acompanhar o filho que segue para a viagem de férias com amigos.

O mundo precisa de pais que saibam ouvir não somente o tilintar das moedas e os grandes empresários. Mas que fazendo-se pequenos, ouçam com atenção a narrativa ofegante do garoto que chega da rua, da escola e da creche.

Esses pais formarão cidadãos nobres, homens dignos que se preocuparão com os demais, porque desde cedo aprenderam que o amor e a dedicação são peças indispensáveis para o mundo melhor que todos desejamos.

Bibliografia sugerida:

- 01.KARDEC, Allan. Ocupações e missões dos espíritos. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. X, pergs. 582 a 583 a .
- 02.CAMARGO, Pedro de (Vinicius). Dever paterno. In: _____. **O mestre na educação**. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1977. cap. 21.
- 03.FRANCO, Divaldo Pereira. Perante a prole. In: _____. **Lampadário espírita**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1971. cap. 17.
- 04.TEIXEIRA, J. Raul. Carta aos pais. In: _____. **Vereda familiar**. Pelo espírito Thereza de Brito. Niterói:FRÁTER, 1991. cap. 30.
05. _____. Paternidade e confiança. In: _____. **Vozes do infinito**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1991. pt. III, cap. 7.
- 06.XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Carta a meu filho. In: _____. **O espírito da verdade**. Por autores diversos. Rio de Janeiro:FEB, 1962. cap. 27.



DESGOSTO DA VIDA. SUICÍDIO

- suicídio direto e indireto
- as conseqüências do suicídio
- maneiras de auxiliar o suicida

Texto auxiliar:

O suicídio continua em alta. Infelizmente. Apresenta-se das formas mais diversas. Desde o ser que, voluntariamente, agride sua integridade física, ao que deixa de cuidar da saúde, no intuito de apressar o fenômeno da morte. Neste particular, temos uma gama muito grande.

Portadores de determinadas enfermidades, com necessidade de dietas e cuidados, que desleixam. Não aceitam se furtar ao prazer disto ou daquilo. E a doença progride aceleradamente, advindo a morte prematura.

Seres vinculados ao vício do fumo, do álcool, da droga. Criaturas que na busca do prazer, esquecem as horas do sono. Desgastam a máquina orgânica em noites vazias. Acordam, no dia seguinte, a horas mortas, com distúrbios digestivos, cefaléia, intoxicações. O quadro se repete, se reprisa, levando aquele que assim se entrega a um desgaste orgânico, sem recomposição.

Pessoas que se desvitalizam no abuso sexual. Pessoas que não buscam o médico, não se submetem a exames, não aceitam conselhos. São todos suicidas indiretos.

O desejo de morrer pode resultar em enfermidades. A anorexia, por exemplo. O quadro clínico da anorexia contém mais sinais do que a simples recusa de comida. O corpo inteiro decreta um estado de “animação suspensa”. Nenhum sono. Nenhuma alimentação. Todas as funções vitais estão atrofiadas, reduzidas.

E as greves de fome? Há que se considerar da nobreza da causa, os objetivos que as orientam. Pode haver, por trás da decisão, o ardente desejo de buscar a morte. Neste caso, é suicídio lento.

O sacrifício da vida é meritório quando tem por fim salvar a de outros ou ser útil aos semelhantes. Mas “um sacrifício não é meritório senão pelo desinteresse. E antes de realizá-lo deve-se refletir se a vida não poderá ser mais útil do que a morte.”

“A mais trágica de todas as circunstâncias que envolvem a morte, a de consequências mais devastadoras, é o suicídio. Tormentos desabam sobre o suicida. Precipitado, de forma violenta, na espiritualidade, em plena vitalidade física, revive, sem cessar, por longo tempo, as dores e as emoções dos últimos momentos.”

Um dos grandes problemas é o lesionamento do corpo perispiritual. O suicida exhibe na organização perispiritual ferimentos correspondentes à lesão do corpo físico.

Podemos aquilatar das dores de quem desferiu um tiro no cérebro, ingeriu elemento corrosivo, atirou-se de grande altura. Tais efeitos se registrarão em nova reencarnação.

O tiro no cérebro originará dificuldades na fala, no raciocínio. O impacto da queda violenta poderá propiciar complexos quadros neurológicos. O veneno corrosivo implicará em ulcerações ou deficiências no aparelho digestivo.

E, na medida que a família mergulhe no desespero e na inconformação, mais sofrerá o suicida.

O bálsamo que se lhe pode oferecer é a oração. Ela lhe constituirá alento novo para os padecimentos no além. Também o auxiliará a se erguer.

Se você está a ponto de cometer a loucura do suicídio, pare! Pense! Espere! O problema pode parecer muito amargo ao coração. A sombra interior é tamanha que você tem a idéia de haver perdido o próprio rumo. Mas não se mate! Deus não nos abandona. Faça silêncio e ore. O socorro chegará. Por meios que você desconhece, Deus permanece agindo. (A partir da obra *O livro dos espíritos*/Editora FEB/Allan Kardec – perg 951; da obra *Quem tem medo da morte*/Editora São João / Richard Simonetti – cap. Fuga comprometedor e da obra *Suicídio, modo de usar*/Editora EMW/Claude Guillon e Yves Le Bonniec – cap. VI).

Observações:

Foi em setembro de 1995 que chegou à infeliz cifra de mil o número de suicidas que se lançaram da elegante Ponte Golden Gate, de San Francisco. A ponte foi inaugurada em 1937 e o seu construtor, Josef Strauss acreditava que ela era praticamente à prova de suicídio.

O primeiro suicídio aconteceu três meses depois. Câmeras foram colocadas na ponte para saber quem está com problemas. Uma linha funciona vinte e quatro horas para auxiliar os necessitados. Catorze telefones existem na ponte.

Mas as pessoas continuam buscando a pavorosa morte. São setenta e três metros de queda. À velocidade de 130 quilômetros, ao atingir a água é como atingir concreto. (A partir do jornal *A Gazeta do Povo* de 3.9.1995).

Bibliografia sugerida:

- 01.KARDEC, Allan. Penas e gozos terrenos. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 4, cap. I, pergs. 943 a 957.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Suicídio. In: _____. **Após a tempestade**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1974. cap. 18.
- 03._____. Suicídio sem dor. In: _____. **Temas da vida e da morte**. Pelo espírito Manoel P. de Miranda. Rio de Janeiro:FEB, 1989.
- 04._____. Suicídio – solução insolvável. In: _____. **Op. cit.**
- 05.PERALVA, Martins. Suicídios. In: _____. **Estudando a mediunidade**. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1971. cap. XXX.
- 06.SCHUTEL, Cairbar. O suicida do trem. In: _____. **O semeador de estrelas**. Salvador:LEAL, 1990. cap. 9.
- 07.TEIXEIRA, J. Raul. Queres matar-te? In: _____. **Revelações da luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1994. cap. 6.
- 08.XAVIER, Francisco Cândido. Suicídio. In: _____. **Religião dos espíritos**. Pelo espírito Emmanuel. 4. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978.



NOSSOS SONHOS

- que são os sonhos
- tipos de sonhos
- preparação para o sono

Texto auxiliar:

O sonho é o produto da liberdade que goza a alma, que se torna mais independente, pela suspensão da vida ativa.

O sonho pode ser dividido em três categorias principais. A primeira categoria é a do chamado sonho ordinário ou cerebral. É simplesmente o reflexo das impressões e imagens arquivadas no cérebro durante o período de vigília. Ao adormecermos, tais imagens se liberam sem direção consciente e então temos cenas indecisas, sem sentido, sem coordenação e que permanecem na memória.

Estados de sofrimento ou de doenças, facilitando mais o desprendimento do espírito, aumentam ainda mais a incoerência e a intensidade dos sonhos. As impressões e imagens se chocam e se confundem.

A segunda categoria se dá quando o espírito flutua na atmosfera, sem se afastar muito do corpo. Mergulha no oceano dos pensamentos e imagens que rolam, de todos os lados, pelo espaço. Aí colhe impressões confusas. Tem estranhas visões. Sonhos inexplicáveis. Também pode, nesse estado, mergulhar no passado, rever acontecimentos desta ou de anteriores vidas.

Esses sonhos, de uma infinita diversidade, conforme o grau de liberdade do espírito, afetam sobretudo o cérebro físico. É por isso que deles conservamos a lembrança ao despertar.

O sonho profundo ou sonho espírita se dá quando o espírito

fica mais livre do corpo. Desprende-se da matéria e vai ao encontro dos seres amados, seus parentes, seus amigos, seus guias espirituais.

Também pode se encontrar, nesse estado, com outras almas, no momento encarnadas na Terra. Desses sonhos, o espírito conserva impressões, que nem sempre afetam o cérebro físico, mas se gravam na consciência e depois surgem, no transcorrer dos dias, como pressentimentos, intuições, etc.

É por isso que o provérbio diz: “a noite é boa conselheira.”

Nesse tipo de sonho, a alma pode visitar outros mundos inferiores ou superiores, de acordo com suas paixões ou virtudes.

São também registrados, com freqüência, fenômenos de premonição durante os sonhos. A mulher de Júlio César sonha com o assassinio do marido e tudo faz para que ele não vá ao senado, naquele dia. Abraão Lincoln, presidente dos Estados Unidos, sonhou que se achava em uma calma como de morte. Ouviu soluços. Percorreu várias salas e no centro de uma delas viu um corpo deitado, vestido de preto, guardado por soldados. Enorme multidão chorava.

“Quem morreu na Casa Branca?” - perguntou.

Um soldado respondeu: “O presidente foi assassinado.”

Pouco tempo depois ele morria assassinado.

E os pesadelos? São produto dos nossos desejos, recordações ou experiências espirituais inferiores, devido a um estado mental conturbado.

O maior antídoto contra os pesadelos é buscar manter o pen-

samento e a vontade ligados no bem. Uma boa vivência diária, uma boa leitura antes de dormir, oração sentida são excelentes recursos para termos bons sonhos.

Ainda uma vez, quem vive o bem, também sonha o bem. (A partir da obra *O livro dos espíritos*/Editora FEB/Allan Kardec – pergs. 400 a 412 e da obra *No invisível*/Editora FEB/Léon Denis – cap. XIII).

Observações:

Os sonhos não são verdadeiros como entendem os leitores da sorte. É absurdo, pois, pensar que sonhar com uma coisa anuncia outra.

As preocupações do dia podem dar àquilo que se vê em sonhos, a aparência do que se deseja ou se tem medo. É um efeito da imaginação.

As interpretações supersticiosas que pretendem relacionar os sonhos com jogos de azar e acontecimentos mundanos devem ser repudiados. Gasta-se com isso preciosos recursos e oportunidades da existência. (A partir da obra *Conduta espírita*/Editora FEB/Waldo Vieira/Espírito André Luiz – cap. 30).

Bibliografia sugerida:

- 01.KARDEC, Allan. Emancipação da alma. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. VIII, pergs. 400 a 412.
- 02.DENIS, Léon. Sonhos premonitórios. Clarividência. Pressentimentos. In: _____. **No invisível**. 7. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1973. pt. 2, cap. XIII.
- 03.FRANCO, Divaldo Pereira. Desprendimento pelo sono. Sonhos – visitas entre espíritos. In: _____. **No limiar do infinito**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1977. cap. 8.
04. _____. Vida, sono e sonho. In: _____. **Temas da vida e da morte**. Pelo espírito Manoel P. de Miranda. Rio de Janeiro:FEB, 1989.
- 05.PERALVA, Martins. Sono e sonhos. In: _____. **O pensamento de Emmanuel**. Rio de Janeiro:FEB, 1973. cap. 22.
- 06.SIMONETTI, Richard. A influência maior. In: _____. **Quem tem medo da obsessão?** 8. ed. Bauru:SÃO JOÃO, 1995. cap. 6.
- 07.VIEIRA, Waldo. Perante os sonhos. In: _____. **Conduta espírita**. Pelo espírito André Luiz. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1961. cap. 30.



O AMOR EM NOSSAS VIDAS

- gradações do amor: fraterno, conjugal, maternal
- ação do amor em nossas vidas
- amor como alimento das vidas

Texto auxiliar:

O amor é o sentimento superior em que se fundem todas as qualidades do coração humano.

É a manifestação da alma de uma força que nos eleva acima das coisas terrenas até alturas divinas, unindo todos os seres e despertando nos que dela são portadores uma felicidade íntima.

O amor é o olhar de Deus por sobre todas as criaturas. É a expressão das virtudes máximas da doçura, da bondade, da caridade.

Se desejamos saber o que é amar, basta que consideremos alguns vultos da humanidade.

De todos, Cristo foi a maior expressão do amor, oferecendo-se em sacrifício, até à morte, em benefício dos seus irmãos.

É ele mesmo que nos conclama: “amai os vossos inimigos”.

Naturalmente, por essas palavras, não exige o Cristo da nossa parte uma afeição impossível, mas a ausência de todo ódio, de todo desejo de vingança, a sincera disposição para ajudar nos momentos precisos aqueles que se erguem como provocadores de distúrbios e dores em nossas vidas.

E se somos convidados a amar os que não nos querem bem, quanto mais não deveremos amar aos que se constituem

bênçãos em nossas vidas.

Nossos pais, cuja solicitude manteve a nossa infância, que trabalharam para aplainar as agruras das nossas vidas, que nos acalentaram e aqueceram em seu seio, que acompanharam nossos primeiros passos, nossas primeiras dores e fracassos; que se alegraram com nossas conquistas e nos incentivaram ao progresso.

Com quanto amor lhes devemos cercar a madureza e a velhice, reconhecendo-lhes a ternura e os cuidados constantes.

Amar os que ombreiam conosco, na vereda evolutiva, arcados, tanto quanto nós mesmos, pelos sofrimentos e as lutas consigo mesmos, no intuito de se melhorarem.

Somos todos filhos de Deus, membros da grande família dos espíritos.

Todos espíritos, assinalados com o sinal da imortalidade. Irmãos e destinados a nos conhecermos, unirmos na harmonia das leis e das coisas, longe das querelas ilusórias da Terra.

Deus é o foco do amor e como o sol, projeta seus raios, a todos envolvendo, sem exclusões. Derrama-se sobre todas as coisas e aquece as almas.

Criados por Deus por amor, fomos projetados para amar. Amemos e sintamos esta celeste atração das almas, que liga os mundos, os governa e fecunda. *(A partir da obra Depois da morte/Editora FEB/Léon Denis – cap. XLIX).*

Observações:

O amor tem sempre a função de unir, nunca a de separar.

Quando ama, o homem sublima os seus sentimentos.

O Apóstolo João, desde a sua mais verde juventude, arrebatado pelo amor de Jesus, serviu infatigável até anos avançados e não se cansava de repetir: “Filhinhos, amai-vos...amai-vos.” (*A partir da obra Repositório de sabedoria – vol 1/Editora Leal/Divaldo Pereira Franco/Espírito Joanna de Ângelis – verbete Amor*).

Bibliografia sugerida:

- 01.DELANNE, Gabriel. A alma animal. In: _____. **A evolução anímica.** 4. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1976. cap. II, itens: Amor conjugal. Amor materno.
- 02.DENIS, Léon. O amor. In: _____. **O problema do ser, do destino e da dor.** 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1977. pt. 3, cap. XXV.
- 03.FRANCO, Divaldo Pereira. Jesus e amor. In: _____. **Jesus e atualidade.** Pelo espírito Joanna de Ângelis. 10. ed. São Paulo: PENSAMENTO, 1995. cap. 4.
04. _____. A presença do amor. In: _____. **Terapêutica de emergência.** Por diversos espíritos. Salvador:LEAL, 1983. cap. 30.
05. _____. Com todo amor. In: _____. **Op. cit.** cap. 32.
06. _____. Programa de amor. In: _____. **Op. cit.** cap. 54.
- 07.TEIXEIRA, J. Raul. O sublime amor do Cristo. In: _____. **Quem é o Cristo?** Pelo espírito Francisco de Paula Vitor. Niterói:FRÁTER, 1997. cap. 13.
08. _____. Amor e equilíbrio. In: _____. **Vereda familiar.** Pelo espírito Thereza de Brito. Niterói:FRÁTER, 1991. cap. 2.



EGOÍSMO

- negação da caridade
- atitudes egoístas e infelicitadoras
- consequências do egoísmo

Texto auxiliar:

Os benfeitores espirituais nos ensinam que o egoísmo é a chaga que deve desaparecer da face da Terra. Graças a ele, nosso progresso moral anda a passo lento.

O homem egoísta pensa em si e somente em si. Tudo que vê, observa, acredita que deva lhe servir.

Negação da caridade, o egoísmo gera insegurança para os homens, porque como o egoísmo e o orgulho andam de mãos dadas, a vida será sempre uma corrida em que vencerá o mais esperto. Uma luta de interesses, em que nada nem ninguém merece respeito.

Observa-se, repetidas vezes, nos coletivos apinhados, a corrida por um banco para sentar. Não se respeitam idosos com dificuldade de equilíbrio, que são simplesmente empurrados. Não se respeitam deficientes, na sua marcha difícil, nem mulheres com crianças ao colo.

O que importa é que o egoísta esteja confortavelmente acomodado.

Dessa pequena amostra cotidiana passamos ao panorama do mundo, onde nações ricas contrastam com as misérrimas, com o povo a morrer de fome.

Isto nos recorda de uma grande fome que se abateu sobre

um país europeu, em determinada época.

Os pobres, e sobretudo as crianças sofriam muito.

Um homem abastado, chamou vinte crianças e lhes disse que todos os dias ele compareceria à praça com uma cesta com um pão para cada uma delas. Um pão por dia é o que receberiam, até que a fome se extinguisse no país.

As crianças, esfomeadas, partiram para cima da cesta e brigaram, cada uma querendo o pão maior.

Terminada a batalha, cada qual saiu a correr com o seu trunfo: o pão para matar a fome.

Foram-se todos, à exceção de uma garotinha. À distância, ficou a olhar o homem. Chegou devagar, pegou o último e menor pão que sobrara na cesta, agradeceu, sorriu e foi embora.

No dia seguinte, as crianças voltaram. Aos empurrões e tapas disputaram os pães maiores.

Para a pequenina restou um pãozinho fininho, nem metade do tamanho dos outros.

Quando ao chegar em casa, sua mãe abriu o pequeno pão, encontrou seis moedas de prata.

A garota correu a devolvê-las ao bom homem que lhe disse: “São suas. Não é engano. Mande cozinhar as moedas no menor pão para recompensar você.”

E concluiu a lição: “Lembre-se de que as pessoas que preferem o menor pedaço a disputarem, de forma egoísta e agressiva a maior parte, vão encontrar bênçãos bem maiores do que dinheiro

em seu caminho.” (A partir da obra *O livro das virtudes/vol. II/O compasso moral/ Editora Nova Fronteira/ William J. Bennett - cap. O pãozinho*).

Observações

Existem muitas almas solitárias simplesmente porque não se resolvem a arrebentar as amarras do egoísmo para serem úteis a alguém.

O egoísmo pode ser considerado como uma velha e inútil roupa que se conserva no lar do orgulho.

O melhor antídoto para o mal do egoísmo é o conhecimento da vida espiritual.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Perfeição moral. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 3, cap. XII, pergs. 913 a 917.
02. _____. Amar o próximo como a si mesmo. In: _____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. XI, itens 11 e 12.
- 03.DENIS, Léon. O egoísmo. In: _____. **Depois da morte**. 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978. pt. 5, cap. XLVI.
- 04.FRANCO, Divaldo Pereira.Inimigos morais. In: _____. **Dias venturosos**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador:LEAL, 1997.
- 05.XAVIER, Francisco Cândido. Egoísmo. In: _____. **Encontro de paz**. Por espíritos diversos. Araras:IDE, 1985. cap. 25.



MATERNIDADE

- a sublime missão da maternidade
- a educação dos rebentos da carne
- Maria, exemplo de mulher e mãe

Texto auxiliar :

O Bispo de La Serena, Chile, Dom Ramon Angel Jara, teve oportunidade de escrever um texto muito poético que diz:

“Uma simples mulher existe que, pela imensidão de seu amor, tem um pouco de Deus.

Pela constância de sua dedicação, tem muito de anjo. Que, sendo moça, pensa como uma anciã e, sendo velha, age com as forças todas da juventude.

Quando ignorante, melhor que qualquer sábio desvenda os segredos da vida.

Quando sábia, assume a simplicidade das crianças. Pobre, sabe enriquecer-se com a felicidade dos que ama. Rica, sabe empobrecer-se para que seu coração não sangre ferido pelos ingratos.

Forte, estremece ao choro de uma criancinha. Fraca, se revela com a bravura dos leões.

Viva, não lhe sabemos dar valor porque à sua sombra todas as dores se apagam.

Morta, tudo o que somos e tudo o que temos daríamos para vê-la de novo, e dela receber um aperto de seus braços, uma palavra de seus lábios.

Não exijam de mim que diga o nome dessa mulher, se não quiserem que ensope de lágrimas esse álbum. Porque eu a vi passar no meu caminho.

Quando crescerem seus filhos, leiam para eles esta página. Eles lhes cobrirão de beijos a fronte. Digam-lhes que um pobre viandante, em troca da suntuosa hospedagem recebida, aqui deixou para todos o retrato de sua própria mãe.”

Na atualidade, a mulher assumiu muitos papéis. Lançou-se no mundo e se transformou na operária, juíza, cientista, professora, militar, policial, secretária, empresária, presidente, general e tudo o mais que no passado era privilégio do homem.

A mulher se tornou em verdade uma super-mulher que, além dos afazeres domésticos, conquistou o seu espaço no mercado de trabalho. Naturalmente, não para competir com o homem, mas para somar com ele, pois dos esforços de ambos resulta o sustento e o bem-estar da família.

A rainha do lar se transformou na mulher que atua e decide na sociedade.

Das quatro paredes do lar para o palco do mundo. Contudo, essa mulher senadora, escriturária, deputada, médica, administradora de empresa não perdeu a ternura.

Ela prossegue a acolher em seu ninho afetivo o esposo e os filhos.

Equilibrada e consciente, ela brilha no mundo e norteia o lar. Embora interprete muitos papéis, ela não esqueceu do seu mais importante papel: o de ser mãe. *(A partir do jornal Correio Fraternal do ABC – maio de 2000, artigo de Cirso Santiago, intitulado “Um poético e autêntico retrato de uma genitora – nossa homenagem à toda*

mulher-mãe e de texto de Dom Ramon Angel Jara, Bispo de La Serena, Chile, traduzido para o nosso idioma por Guilherme de Almeida: “Retrato de mãe”).

Observações:

Dentre todas as mulheres que se projetaram no mundo, realizando grandes feitos, a nossa lembrança recua no tempo buscando uma mulher especial.

A história não lhe registra grandes discursos, mas o Evangelho lhe aponta gestos e palavras que valem muito mais.

Mãe de um filho muito especial, que revolucionou a História, manteve-se firme na adversidade, na dor, exemplificando o que Ele ensinara.

Não deixou testamento, riquezas ou haveres mas legou à humanidade a excelente lição da mulher que gera o filho, alimenta-o e o entrega ao mundo para servir ao mundo.

Seu nome era Maria... de Nazaré.

Sugestão bibliográfica:

- 01.FRANCO, Divaldo Pereira. A respeito de seu filho. In:____. **Crestomatia da imortalidade**. Por diversos espíritos. Salvador:LEAL, 1969. cap. 37.
- 02._____. Bênção maternal. In:____. **Terapêutica de emergência**. Por espíritos diversos. Salvador:LEAL, 1983. cap. 2.
- 03._____. Gratidão. In:____. **Op. cit.** cap. 5.
- 04.MARTINS, Celso. O bem não ambiciona recompensas. In:____. **Espiritismo: obra de educação**. 2. ed. Capivari:EME, 1993. cap. 29.
- 05.VIEIRA, Waldo. Da mulher. In:____. **Conduta espírita**. Pelo espírito André Luiz. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1961. cap. 1.
- 06.XAVIER, Francisco Cândido. Jesus e o precursor. In:____. **Boa nova**. Pelo espírito Humberto de Campos. 8. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1963. cap. 2.
- 07._____. Maria. In:____. **Op. cit.** cap. 30.
- 08._____. Sentimento. In:____. **O consolador**. Pelo espírito Emmanuel. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1970. pt. 2, cap. II, perg. 189.



COMEMORAÇÃO DOS MORTOS

- nossos mortos vivem
- a saudade recíproca
- conduta espírita perante as comemorações dos mortos

Texto auxiliar:

A comemoração dos mortos, hoje denominada Dia de Finados, teve origem na Gália Antiga, no território europeu.

Era no dia primeiro de novembro que eles celebravam a festa dos espíritos. Não nos cemitérios - os gauleses não honravam os cadáveres -, mas sim em seus lares, onde os médiuns, os videntes falavam com as almas dos que haviam partido.

Eles acreditavam que os bosques, os pântanos eram povoados por espíritos errantes.

É comum no dia de hoje a intensa visitação aos túmulos. E se observam cenas interessantes. Há os que se sentam sobre os túmulos dos seus amados, e ali passam o dia, para lhes fazer companhia, como se, em verdade, eles ali estivessem encerrados.

Outros lhes levam comidas e bebidas, para que se alimentem, como se o espírito disso necessitasse.

Outros ainda gastam verdadeiras fortunas em flores raras e ornamentações vistosas. Decoram o túmulo como se devesse ser a morada do seu afeto.

Tais procedimentos podem condicionar o espírito, se não for de categoria lúcida, consciente, mantendo-o ligado aos seus des-

pojos, ao seu túmulo.

Como cristãos, aprendemos com Jesus que a morte não existe. Assim, nossos mortos não estão mortos, nem dormem.

Cumprem tarefas e distendem mãos auxiliaadoras aos que permanecem no casulo carnal. Prosseguem no seu auto - aprimoramento, construindo e reformulando o mundo íntimo, na disciplina das emoções.

E continuam a nos amar.

A mudança de estado vibratório não os furta aos sentimentos doces, cultivados na etapa terrena.

São pais e mães queridas, arrebatados pelo inesperado da desencarnação. Filhos, irmãos, esposos - seres amados. O vazio da saudade alugou as dependências de nosso coração e a angústia transferiu residência para as vizinhanças de nossa alma.

É hora de nos curvarmos à majestade da Lei Divina e orarmos. A prece é perfume de flor que se eleva e funde abraços e beijos, a saudade e o amor.

Para os nossos afetos que partiram para o mundo espiritual, a melhor conduta é a lembrança das suas virtudes, dos seus atos bons, dos momentos de alegria juntos vividos. A prece que lhes refrigera a alma e lhes fala dos nossos sentimentos.

Não há necessidade de se ter dinheiro para honrar com fervor cristão os nossos mortos. Nem absoluta necessidade de nossas presenças ao lado das suas tumbas. Eles não estão lá. Espíritos libertos, vivem no mundo espiritual tanto quanto estão ao nosso lado, muitas vezes, nos dizendo da sua igual saudade e de seu amor.

Observações:

Foi no ano de 998 que o Dia de Finados começou a ser comemorado nos Mosteiros Beneditinos, na França.

Entretanto, somente no ano de 1915 se tornou data oficial.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Vida espírita. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40.ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. VI, pergs. 320 a 329.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Sobrevivência e libertação. In: _____. **Desperte e seja feliz**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1996. cap. 29.
- 03._____.Velórios. In: _____. **Florações evangélicas**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. 3. ed. Salvador:LEAL, 1987. cap. 25.
- 04._____. Culto aos mortos. In: _____. **Op. cit.** cap. 57.
- 05.VINICIUS. O dia dos mortos. In: _____. **Nas pegadas do mestre**. 6. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1982.
- 06.XAVIER, Francisco Cândido. No grande adeus. In: _____. **Justiça divina**. Pelo espírito Emmanuel. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1970. cap. 70.



DESCULPISMO

- desculpas necessárias e inúteis
- providências para evitar o desculpismo
- reparação dos equívocos

Texto auxiliar:

Enquanto educadores, nos esmeramos em passar valores positivos aos nossos filhos. Por isso, mal começam a falar, lhes ensinamos as importantes palavras da cortesia: por favor, obrigado, com licença.

Ao lado dessas, igualmente os ensinamos a pedir desculpas. É uma forma delicada de se reconhecer um ato grosseiro, uma palavra rude, um gesto impensado, enfim, uma forma equivocada de tratamento que magoou alguém.

Se é louvável o uso das desculpas, bem verdade que quando em excesso, se torna inconveniente.

Por vezes, as desculpas servem para disfarçar a desatenção e o descuido constantes.

Lembramos de uma garota bem estabuada que não atentava para os próprios atos. Era comum quebrar, derrubar, estragar o que lhe viesse à mão.

Pedia desculpas e desculpas, mas logo mais tornava a repetir o erro, esmagando, torcendo, rasgando.

Certo dia, mal a mãe lhe servira a xícara com café, ela tentou alcançar o pão e esbarrou na xícara.

A toalha branca ficou com uma enorme mancha escura. As demais pessoas, à mesa, passaram a colocar guardanapos sobre a toalha, evitando que o líquido lhes sujasse as roupas.

A garota rapidamente olhou para a mãe, sorriu e pediu desculpas. A senhora, conhecedora do caráter da filha, não se perturbou. Apanhou uma outra toalha branca, na gaveta próxima, e a enrolou como se fosse um turbante, na cabeça da menina.

Tomou depois de uma vareta e a colocou na mão da filha.

“Agora”, falou, “você bata várias vezes com a vareta sobre a mancha e vá dizendo: desculpe, desculpe. Vamos ver se você consegue retirar a mancha.”

A criança achou aquilo muito estranho. Olhou para os demais que estavam tão sérios quanto sua própria mãe. Devia ser importante fazer aquilo.

Compenetrada, bateu com a vareta repetidas vezes, falando: “Desculpe, desculpe.”

Já chateada com a situação, que começava a achar ridícula, a menina olhou para a mãe, devolvendo a vareta e o turbante e disse: “Não aconteceu nada!”

“Ah, não?” respondeu a senhora. “Isso significa que ‘desculpe’ não é uma palavra mágica. A mancha somente sairá com uma boa lavagem, que exigirá tempo e cuidado. Um pouco de sol também.

Não é interessante? um ‘desculpe’ não pode fazer desaparecer, em dois minutos, uma mancha de café que a gente, com apenas dois segundos de atenção pode evitar.

A partir de agora, vigie seus atos. Em vez de ter sempre um desculpe na ponta da língua, tenha mais cuidado com o seu agir. Pense. Observe. Fique atenta.” (A partir da obra *E*, para o resto da vida/Editora O Clarim/Wallace Leal V. Rodrigues – cap. A desculpa).

Observações:

Em todo processo educativo, é necessário que o faltoso, de alguma forma, corrija as conseqüências do erro praticado.

Desde cedo, devemos nos habituar a ensinar esta preciosa regra para os nossos filhos.

Deus, nosso Pai, que é justiça e bondade, age conosco exatamente assim.

Concede-nos a bênção do recomeço na carne, através do processo da reencarnação, para que consertemos os estragos realizados no passado.

Quem sonegou os valores da cultura, retorna para os distribuir fartamente. Quem destruiu, volta para reconstruir. Quem odiou, vem para aprender a conjugar, em todos os tempos, o verbo amar.

Sugestão bibliográfica:

01.KARDEC, Allan. Sede perfeitos. In:____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. XVII, item 7.

02.DENIS, Léon. O dever. In:____. **Depois da morte**. 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978. pt. 5, cap. XLIII.

03.FRANCO, Divaldo Pereira. Homem de fé. In:____. **Panoramas da vida**. Pelo espírito Ignotus. 2. ed. Salvador:LEAL, 1971. cap. 32.

04._____. Dever – prazer. In:____. **Sementeira da fraternidade**. Por diversos espíritos. 2. ed. Salvador:LEAL, 1972. cap. 54.



EDUCAÇÃO PARA A MORTE

- causas do temor da morte
- preparação para a morte
- morte – transição para a vida verdadeira

Texto auxiliar:

Uma determinada reportagem televisiva apresentou o resultado de enquête realizada junto a adolescentes de populosa capital do nosso país, em que 51% deles revelaram que seu maior temor é a morte.

Ao ouvirmos o resultado da pesquisa, de imediato nos pusemos a pensar acerca do quanto necessitam de orientação religiosa os nossos jovens.

Porque o que dá causa ao medo da morte é o receio da destruição total, portanto, a noção insuficiente acerca da vida futura.

À proporção que o homem compreende melhor o que o espera para além da tumba, o temor da morte diminui. Arrefece, até desaparecer.

Ciente de que a vida terrena é transitória e de que o aguarda outra vida, vibrante, verdadeira, após o decesso físico, com tranqüilidade enfrentará a morte.

A certeza da vida futura lhe dá outro curso às idéias. Outro objetivo ao trabalho.

Tudo o que ofereça o mundo material é considerado como ensanha de progresso, de experiência. As coisas materiais, como bens de que deve se utilizar, com sabedoria, cômico de que não os levará consigo.

A certeza de que, após a morte, poderá reencontrar seus amigos, reatar relações que teve na Terra e de que o fruto do seu trabalho não se perde, pois prosseguirá a se engrandecer em inteligência, perfeição, confere ao ser humano calma no momento da morte.

Afinal, ela não é uma megera que vem destruir a felicidade, ceifando a vida mais preciosa, o ser mais amado, numa sistemática de puro prazer.

É, sim, dentro da Lei de destruição, lei instituída pela Divindade que opera com sabedoria a sua ação.

Reeducarmo-nos e educarmos os nossos filhos se faz urgente. Desde cedo, ensinar aos pequenos que a morte não existe, senão no tocante ao físico.

Que ninguém morre, senão na roupagem carnal. O espírito imortal prossegue a viver, como antes de renascer, vivia na espiritualidade e já enfrentou outras tantas vidas na carne.

Também preciso se faz que passemos a enfrentar a circunstância da morte de forma diversa.

Até os dias da atualidade, a passagem da Terra para a espiritualidade é rodeada de cerimônias lúgubres, que verdadeiramente infundem terror.

Os emblemas da morte lembram somente a destruição do corpo, mostrando-o descarnado.

A partida dos seres para o outro mundo se faz acompanhar

somente de lamentos dos sobreviventes, como se morrer fosse uma desgraça.

As despedidas são de adeuses eternos.

É necessário mudar toda esta panorâmica.

Em vez de recordar a destruição do corpo, mostrar a alma se desembaraçando, radiosa, dos grilhões terrestres.

Em lugar de lamentações e de adeuses, a saudação de quem sabe que logo mais também realizará a grande viagem, e por isso simplesmente, diz: “Até breve. Até logo!”

Sem dúvida, muito tempo será preciso para o homem se desfazer desses preconceitos acerca da morte. No entanto, há que se começar a educação, pois que à medida que se conceber uma idéia mais sensata da vida espiritual, desaparecerão os temores. *(A partir da obra O céu e o inferno/Editora FEB/Allan Kardec - 1ª parte - cap. 2).*

Observações:

Os homens verdadeiramente sábios não temem a morte.

Fartos exemplos encontramos em Gandhi, que se deixou imolar em nome da não violência. De Francisco de Assis que afirmou continuar a trabalhar em seu jardim, mesmo se soubesse que algumas horas após morreria.

E o maior exemplo foi o Cristo que nos ensinou a morrer com dignidade. Na hora final, suas palavras foram: “Pai, em Tuas mãos, entrego o meu espírito.”

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Penas e gozos terrenos. In:____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 4, cap. I, pergs. 941 e 942.
- 02.DENIS, Léon. A morte. In:____. **O problema do ser, do destino e da dor**. 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1977. pt. 1, cap. X.
- 03.FRANCO, Divaldo Pereira. Sobreviverás. In:____. **Momentos enriquecedores**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1994. cap. 17.
- 04._____. Treino para a morte. In:____. **Sob a proteção de Deus**. Por diversos espíritos. Salvador:LEAL, 1994. cap. 3.
- 05.SIMONETTI, Richard. Diálogo sobre a morte. In:____. **Endereço certo**. 6. ed. São Paulo:IDE, 1993. cap. 33.
- 06._____. e LOURENÇO, Sergio e OLIVEIRA, Therezinha.Como acabar com o medo de morrer? In:____. **Em busca do homem novo**. 4. ed. Bauru:SÃO JOÃO, 1992.
- 07.TEIXEIRA, J. Raul. Educação para a desencarnação. In:____. **Educação e vivências**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1993. cap. 20.
- 08._____. Temes a morte? In:____. **Revelações da luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1994. cap. 8.



A PRECIOSIDADE DO TEMPO

- tempo – oportunidade de progresso
- a correta utilização do tempo
- o tesouro das horas e a preciosidade dos minutos

Texto auxiliar:

Se existisse um banco que nos creditasse em conta 86.400 moedas todas as manhãs mas que não transferisse o saldo de um dia para o seguinte, que não nos permitisse conservar esse capital e, no final do dia, cancelasse a parte dessa quantia que não tivéssemos usado, o que é que faríamos?

Possivelmente, a nossa atitude seria de sacar até o último centavo cada dia e aproveitar todo o dinheiro, adquirindo o que desejamos, investindo em jóias, livros, imóveis, viagens. Enfim, em tudo aquilo que se constitui os nossos sonhos.

Pois bem. Tal banco existe e se chama tempo.

Cada dia nos deposita 86.400 segundos e toda noite dá por perdidos todos aqueles que deixamos de aplicar com proveito.

Jamais transfere os saldos, nem permite que se gaste, diariamente, além dos segundos que se dispõe.

Quando não utilizamos o disponível no dia, quem perde somos somente nós mesmos.

Não existe possibilidade da recuperação dos fundos perdidos e não há condição alguma de se passar um cheque pré-datado, isto é, sequer para o dia seguinte.

A maioria dos homens não percebemos ainda os valores do tempo.

Existem aqueles de nós que abusamos desse tesouro, julgando que a riqueza nos é devida por Deus, esquecendo-se de bem aproveitá-la.

Oportuna a indagação, portanto, acerca do que fazemos do nosso tempo. Quantos o aniquilamos de qualquer forma. A própria sabedoria popular já afirma: “matar o tempo”.

E se o mata em futilidades, semeando infelicidade nas alheias vidas e para si mesmo, com fofocas, calúnias e maledicências.

Os que priorizamos os bens materiais, afavoramo-nos à idéia de que “tempo é dinheiro”. Contudo, se nos empenhamos em demasiada nas horas do trabalho que nos concedam maiores lucros, igualmente desprezamos as horas em conversas que não edificam, programas que nada acrescentam ao sentimento nobre ou ao intelecto.

Em quase todos os setores de evolução terrestre, vemos o abuso da oportunidade dos segundos, complicando os caminhos dos homens.

A Lei Divina estabelece, em Sua Sabedoria, que todo excesso merece escassez e todo abuso exigirá restrições, porque em questão de tempo também cada um recebe exatamente o que semeia.

Este o motivo pelo qual alguns que aprendemos o valor do tempo e desejamos muito realizar, na atualidade, percebemos que não dispomos de todo o tempo que desejaríamos para tal, esforçando-nos para agir sem perder a chance dourada dos minutos que passam céleres.

Um dia de doação ao outro, empenho no bem, cultivo da harmonia e iluminação é muito importante para os homens, na sagrada execução das leis divinas. *(A partir da obra Caminho, verdade e vida/Editora FEB/Francisco Cândido Xavier/Espírito Emmanuel – cap.*

1 e da obra *Um presente especial*/Editora Aquariana/Roger Patrón Luján – cap. A verdadeira riqueza).

Observações:

O Apóstolo Paulo de Tarso em sua Epístola aos Romanos assinalou a importância do tempo, afirmando que “Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz”.

Já reconhecia ele que o tempo é igualmente talento que o Pai nos concede, e como qualquer talento, não merece ser enterrado, mas utilizado com sabedoria para que suas bênçãos sejam multiplicadas.

Sugestão bibliográfica:

- 01.FRANCO, Divaldo Pereira.Ante o tempo. In:____. **Momentos de iluminação.** Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1990. cap. 11.
- 02.SIMONETTI, Richard. O grande tesouro. In:____. **Uma razão para viver.** Bauru: SÃO JOÃO, 1989.
- 03.TEIXEIRA, J. Raul. Ilumine suas horas. In:____. **Vereda familiar.** Pelo espírito Thereza de Brito. Niterói:FRÁTER, 1991. cap. 3.
- 04.VIEIRA, Waldo. Perante o tempo.In:____. **Conduta espírita.** 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1961. cap. 38.
- 05.XAVIER, Francisco Cândido. Assuntos de tempo. In:____. **Sinal verde.** Pelo espírito André Luiz. 11. ed. Uberaba:CEC, 1982. cap. 21.



PROVIDÊNCIA DIVINA

- ação de Deus nas vidas humanas
- os amigos, os contratempos, o não de Deus
- a Providência Divina não falha

Texto auxiliar:

Conta-se que o conquistador mongol Genghis-Khan tinha como animal de estimação um falcão. Com ele saía a caçar. Era seu amigo inseparável.

Certo dia, em uma das suas jornadas, com o falcão como companhia, sentiu muita sede. Aproximou-se de um rochedo de onde um filete de água límpida brotava.

Tomou da sua taça, encheu até à borda e levou aos lábios. No mesmo instante, o falcão se jogou contra a taça e o líquido precioso caiu ao chão.

Genghis-Khan ficou muito irritado. Levou a taça novamente até o filete de água e tornou a encher. De novo, antes que ele pudesse beber uma gota sequer, o falcão investiu contra sua mão, fazendo com que caísse ao chão a taça e se perdesse a água.

Desta vez o impiedoso conquistador olhou para a ave e falou:

“Vou tornar a encher a taça. Se você a derrubar outra vez, impedindo que eu beba, você perderá a vida.”

Na mão direita segurando a espada mongol, com a esquerda ele tornou a colocar a taça debaixo do filete de água e a encheu.

No exato momento que a levava aos lábios, o falcão voou rápido e a derrubou.

Agil como ele só, Genghis-Khan utilizou a espada e em pleno ar, decepou a cabeça do falcão, que lhe caiu morto aos pés.

Ainda com raiva, ele chutou longe o corpo do animal.

E porque a taça se tivesse quebrado na terceira queda, ele subiu pelas pedras para beber do ponto mais alto do rochedo, no que imaginou fosse a nascente da fonte.

Para sua surpresa, descobriu presa entre as pedras, bem no meio da nascente, uma enorme cobra venenosa. O animal estava morto há tempo, com certeza, porque mostrava sinais de decomposição.

Neste instante, e somente então, o grande conquistador se deu conta de que o que o falcão fizera, por três vezes, fora lhe salvar a vida, pois se bebesse daquela água contaminada, poderia adoecer e morrer.

Tardamente, lamentou o gesto impensado que o levara a matar o animal, seu amigo.

Assim muitas vezes somos nós. A Providência Divina estabelece formas de auxílio para nós e não as entendemos. Pelo contrário, nos rebelamos. Por vezes, a presença de Deus em nossas vidas se faz através dos sábios conselhos de amigos. Contudo, quando eles vêm nos falar de como seria mais prudente agirmos nesta ou naquela circunstância, nos irritamos. E podemos chegar a romper velhas amizades.

De outras vezes, Deus estabelece que algo que desejamos intensamente, não se concretize. Algo que almejamos: um concurso, uma viagem, um prêmio, uma festa, um determinado emprego. É o suficiente para que gritemos contra o Pai, nos dizendo abandonados, esquecidos do seu apoio.

Raras vezes paramos para pensar e analisar sobre o que nos está acontecendo. Quase nunca paramos para nos perguntar: “Não será a mão de Deus agindo, para me dizer que este não é o melhor caminho para mim?”

Nada ocorre ao acaso. Tudo tem uma razão de ser. Você nunca se deu conta que um engarrafamento que o detém no trânsito por alguns preciosos minutos, pode lhe impedir ser participante de um acidente mais adiante?

Um contratempo à saída de casa, que lhe retarde a tomada do ônibus no momento que você planejava, pode ser a mão de Deus interferindo para que você não se sirva daquela condução, para não estar presente no acidente que logo acontece.

Providência Divina. Esteja atento. Busque entender as pequenas mensagens que Deus lhe envia todas as horas.

Não se irrite. Não se altere. Agradeça. A mão de Deus está agindo em seu favor, em todos os momentos, todos os dias. *(A partir de história de autor desconhecido).*

Observações:

Deus tudo provê, utilizando o próprio homem para tais fins.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Deus. In:____. **A gênese**. 29. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1986. cap. II, itens 20 e 30.
- 02.DENIS, Léon. Ação de Deus no mundo e na história. In:____. **O grande enigma**. 6. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1980. pt. 1, cap. VIII.
- 03.SCHUBERT, Suely Caldas. Nas mãos de Nilson. In:____. **O se-meador de estrelas**. Salvador:LEAL, 1989. cap. 23.
- 04._____. Em um minuto apenas. In:____. **Op. cit.** cap. 24.
- 05.SIMONETTI, Richard. O bem maior. In:____. **Encontros e desencontros**. 7. ed. Bauru:SÃO JOÃO, 1994.
- 06.XAVIER, Francisco Cândido. O velho testamento. In:____. **O consolador**. Pelo espírito Emmanuel. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1970. pt. 3, cap. I, pergs. 278 a 280.



SERVIÇO DESINTERESSADO

- voluntariado no bem
- as formas variadas de realizar o bem
- o bem felicita a quem o pratica

Texto auxiliar:

Você já pensou em se tornar voluntário no bem? Existem muitos que pensam em ser voluntários, mas logo desistem.

Alguns, porque o desejo é muito fraco. É só uma chama que surge de repente e depressa se apaga. Outros, porque não sabem por onde começar.

Contudo, voluntários são bem vindos em toda parte.

Você pode ser voluntário na área de lazer em asilos ou casas de repouso. Quantos doentes em recuperação e idosos sem carinho ficam ali, olhando as horas passarem intermináveis, longas, dolorosas.

Você pode dispor de algumas horas, uma ou mais vezes na semana, para estar com eles e realizar algum lazer. Pode levar a passear aqueles que conseguem caminhar, pode lhes exercitar a mente com um jogo de damas, xadrez. Ou simplesmente, ouvir e conversar. Quase sempre, mais ouvir, porque eles têm muitas e longas histórias de suas experiências para contar. E quase nunca, alguém que os escute.

Se você sabe fazer algum trabalho manual, pode se dispor a ensinar esses que têm tantas horas vazias. Assim, não somente eles se sentirão úteis, como também produzirão utilidades para outros, colaborando ainda com a própria instituição em que se encontram.

Afinal, recursos monetários sempre faltam em todo lugar.

Você pode ser voluntário do bem em creches, centros de saúde, escolas, prisões. Tudo depende das preferências e das habilidades de que disponha. Do tempo que deseje ocupar. Da cota de amor que deseje ofertar.

Você pode servir em instituições religiosas que atendam carentes. Se é mãe, pode repassar as suas experiências de educadora, falando a outras mães do quanto é valioso se ensinar a um pequenino os valores da dignidade, honestidade.

De como um bebê deve ser acarinhado. De como é mais importante um beijo e um abraço de mãe do que muito medicamento.

Você pode ser voluntário na assistência social. Não espere que lhe venham bater à porta e rogar auxílio. Busque os irmãos necessitados e ajude como puder.

Você pode ser voluntário na propaganda do evangelho.

Não aguarde a riqueza para divulgar os princípios da sua fé. Verifique, desde já, os livros, folhetos, jornais, publicações que têm arquivados e guardados em sua casa.

Comece a distribuir a quem se encontra em desânimo. A quem está buscando encontrar Deus e se perdeu nos labirintos do mundo.

Seja voluntário na Seara de Jesus, onde você estiver, sem esperar convite especial. (A partir da obra *O espírito da verdade*/ Editora FEB/Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira/Autores diversos – cap. 58).

Observações:

Vivemos os tempos da renovação. Estamos no limiar de uma nova era e há uma convocação geral do Senhor Jesus para que sirvamos em suas fileiras.

Cada qual pode servir a seu modo.

Alistemo-nos enquanto nos sintamos válidos. Tenhamos iniciativa própria.

Apresentemo-nos em alguma frente de atividade renovadora e sirvamos sem descansar, cultivando espontaneidade nas tarefas do bem.

Mas, não importando o que e onde nos encontremos, o que nos disponhamos a fazer o façamos com muito amor, com alegria, como alguém que guarda a certeza que se encontra semeando estrelas nas estradas da vida, que iluminam a outros e a nós mesmos.

Sugestão bibliográfica:

- 01.FRANCO, Divaldo Pereira. Tua cooperação. In: _____. **Alerta.** Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1981. cap. 8.
02. _____. Com o que você tem. In: _____. **Legado kardequiano.** Pelo espírito Marco Prisco. 2. ed. Salvador:LEAL, 1982. cap. 16.
03. _____. Entre duas atitudes. In: _____. **Luz viva.** Pelos espíritos Joanna de Ângelis e Marco Prisco. Salvador:LEAL, 1985. cap. 19.
04. _____. Plano e ação. In: _____. **Panoramas da vida.** Pelo espírito Ighnotus.2. ed. Salvador:LEAL, 1971. cap. 26.
- 05.SIMONETTI, Richard. A multa maior. In: _____. **Atravessando a rua.** 15. ed. Araras:IDE, 1998.
- 06.XAVIER, Francisco Cândido. A regra de ajudar. In: _____. **Jesus no lar.** Pelo espírito Néio Lúcio. 9. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1979. cap. 30.



JESUS, O HOMEM INTEGRAL

- qualidade do Espírito Jesus
- Jesus, o Mestre, Modelo e Guia
- necessidade do Cristo em nossas vidas

Texto auxiliar:

Certa vez, um espírito sublime deixou as estrelas, revestiu-se de um corpo humano e veio habitar entre os homens.

Porque fosse um exímio artista plástico, habituado a modelar as formas celestes, compondo astros e globos planetários, tomou da madeira bruta e deu-lhe formas úteis.

Durante anos, de Suas mãos brotaram mesas e bancos, onde amigos e irmãos se assentavam para repartir o pão. Para receber os seus corpos cansados, ao final do dia, Ele preparou camas confortáveis e, porque amasse a todos os seres vivos, não esqueceu de providenciar cochos e manjedouras onde os animais pudessem vencer a fome.

Porque fosse artista de outras artes, certo dia deixou as ferramentas com que moldava a madeira, e partiu pelas estradas poeirentas.

Tomou do alaúde natural de um lago, em Genesaré, e ali teceu as mais belas canções.

Seu canto atraía crianças, velhos e moços. Vinham de todas as bandas.

À entonação de sua voz calava o choro dos bebês e as dores arrefeciam nos corações das viúvas e dos desamparados.

As harmonias que compunha tinham o condão de secar lágrimas e sensibilizar corações endurecidos.

Como soubesse compor poemas de rara beleza, subiu a um monte e derramou versos de bem-aventuranças, que enalteciam a misericórdia, a justiça e o perdão.

Porque Sua sensibilidade se compadecia das dores da multidão, multiplicou pães e peixes, saciando-lhes a fome física.

Delicado na postura, gentil no falar, por onde passava, deixava impregnado o perfume de Sua presença.

Possuía tanto amor que o exalava de si aos que O rodeassem. Uma pobre mulher enferma tocou-lhe a barra do manto e recebeu os fluidos curadores que lhe restituíram a saúde.

Dócil como um cordeiro, abraçou crianças, colocou-as em seus joelhos e lhes falou do Pai que está nos céus, que veste a erva do campo e providencia alimento às aves cantantes.

Enérgico nos posicionamentos morais, usou da Sua voz para o discurso da honra, defendendo o templo, a Casa do Pai, dos que desejavam lesar o povo já por si sofrido e humilhado.

Enalteceu os pequenos e na Sua grandeza, atentava para detalhes mínimos.

Olhou para a figueira e convidou um cobrador de impostos a descer a fim de estar com Ele mais estreitamente.

Acreditavam que Ele tomaria um trono terrestre e governaria por anos, com justiça. Ele preferiu penetrar os corações dos homens e viver na sua intimidade, para que eles usufruíssem de paz e a tivessem em abundância.

Seu nome é Jesus, o Amigo Divino que permanece de braços abertos, declamando os versos do Seu poema de amor: “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos e sobrecarregados e Eu vos aliviarei...”

Observações:

O apoio do Cristo é de importância capital para todos nós.

A ajuda de Jesus é essencial para a conquista da nossa harmonia gradativa, nos quadros das lutas humanas, porque, à medida que nos vai auxiliando, vai-nos informando a respeito dos motivos da nossa dificuldade, da perturbação que nos atinge.

O Cristo é, para todos nós, a fonte de alívio para os tormentos, lutas e dores.

Busquemos Jesus, em cada dia, com alegria interior, instalando em nós mesmos os prenúncios da paz que nos vacinarão contra os maus tempos da alma. *(A partir da obra Quem é o Cristo?/Editora Fráter/J. Raul Teixeira/Espírito Camilo – cap. 3).*

Sugestão bibliográfica:

01. KARDEC, Allan. Não vim destruir a lei. In: _____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. I, itens 3 e 4.
02. _____. Os milagres do evangelho. – Superioridade da natureza de Jesus. In: _____. **A gênese**. 29. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1986. cap. XV.
03. FRANCO, Divaldo Pereira. Dias venturosos. In: _____. **Dias venturosos**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador:LEAL, 1998. introdução.
04. _____. O libertador. In: _____. **Op. cit.**
05. _____. Era a despedida. In: _____. **Op. cit.**
06. _____. Jesus e o Evangelho – À luz da psicologia profunda. In: _____. **Jesus e o Evangelho – À luz da psicologia profunda**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 2000. introdução.
07. _____. Ante Jesus. In: _____. **Quando voltar a primavera**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador:LEAL, 1977. cap. 1.



INSTRUMENTO DIVINO, NOSSO CORPO

- corpo, instrumento do espírito
- respeito às necessidades do vaso físico
- veículo do progresso

Texto auxiliar:

Na Terra, é comum se ouvir referências à busca da fortuna. Pensando assim, há os que agem com loucura e perdem os bens em jogos diversos, desejando possuir mais e mais.

Pensa-se em loterias e outras formas fáceis de angariar valores, porque todos desejam ter um grande tesouro.

Entretanto, para todos os que nascem na Terra o Divino Pai concedeu um tesouro inestimável.

É o corpo físico. Carinhosamente concebido na intimidade da mulher, partindo de um ovo minúsculo, ele se transforma num complexo de sessenta trilhões de células quando adulto.

Dentre os tantos órgãos espetaculares que o compõem, o cérebro e só ele é formado por mais de setenta bilhões de neurônios.

Ele comanda todas as funções do organismo.

Se desejamos atravessar a rua, em um local onde não haja semáforo, olhamos para um lado e outro. Se verificamos que um carro aponta na rua, rapidamente é nosso cérebro que calcula, sem que nos demos conta, em fração de segundo, a distância do veículo, a distância que temos para atravessar e determina o ritmo do nosso passo ou nos diz que devemos aguardar a passagem do veículo.

Por se tratar de uma máquina, e uma máquina muito especial, o corpo é dotado de um sistema de auto-reparação. Pede-nos repouso quando necessita, dizendo das horas que necessitamos para a recuperação devida. Pede-nos combustível em forma de ar puro, alimento sadio, acionando mecanismos próprios.

Temos um estômago de tal forma disposto que, se sentimos fome e pensamos em comer uma pizza, logo o estômago se prepara para receber e realizar o processo de digestão de uma pizza. Se, ao contrário, sentimos o aroma de um bife em preparo, todo ele se dispõe de forma diferente, ao ponto de sentirmos “água na boca”.

O sangue, que corre por todo o nosso organismo, viaja por quase cento e setenta mil quilômetros de artérias, veias e vasos para levar alimento a todas as células.

Tal instrumento valioso é forte, para vencer grandes lutas e desafios. Possui uma incrível elasticidade de adaptação. Ao mesmo tempo, se mostra frágil, podendo perecer e se decompor com rapidez.

Por isso mesmo, nos exige cuidados. Nutri-lo sem exageros. Vitalizá-lo com pensamentos dignos, elevados para que ele não se impregne de toxinas que lhe minariam as energias e envenenariam as possibilidades vitais.

Respeitá-lo em público ou a sós, não o exibindo de forma vulgar, porque ele é a casa temporária do espírito.

Utilizá-lo bem, permitindo-lhe longas caminhadas e exercícios físicos, que o ajudem a se manter em forma, contudo não desgastando-o em noites de loucura.

Não o destruamos pelo vício de qualquer natureza, mesmo aqueles que a sociedade considera toleráveis, aceitáveis.

Sirvamo-nos dele de tal forma que nunca tenhamos de nos arrepender, quando a doença nos atingir por nossa própria imprudência.

Um dia, quando o deixarmos na Terra, haveremos de agradecer a Deus pela dádiva que ele foi, pelo tanto que nos permitiu progredir, fazer e realizar.

Amemos, pois, esse instrumento divino, e nos tornemos através dele, um ser de intensa luz, vivendo e aprendendo sempre. (A partir da obra *Sendas luminosas*/Editora Didier/Divaldo Pereira Franco/*Espírito Joanna de Ângelis* – cap. 19).

Observações:

O corpo é instrumento valioso que o Criador concede ao espírito para lhe facilitar o progresso, pelos milênios em fora.

Alguns, por não conhecerem a sua natureza, afirmam que ele é culpado pelas quedas humanas. Em verdade, ele não passa de um instrumento, refletindo e executando as ordens que procedem do comandante, que é o espírito.

Amar o corpo, respeitá-lo, usá-lo com sabedoria é o que nos compete.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Sede perfeitos. In:____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. XVII, item 11.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Tesouro. In:____. **Ementário espírita**.Pelo espírito Marco Prisco. 2. ed. Matão:O CLARIM, 1972.
- 03._____. Na viagem celular. In:____. **Op. cit.**
- 04._____. Corpo somático. In:____. **Estudos espíritas**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Rio de Janeiro:FEB, 1982. cap. 5.
- 05.SIMONETTI, Richard. A estrutura e o funcionamento. In:____. **Uma razão para viver**. Bauru:SÃO JOÃO, 1989.
- 06.XAVIER, Francisco Cândido. Bênção maior. In:____. **Livro da esperança**. Pelo espírito Emmanuel. 9. ed. Uberaba:CEC, 1987. cap. 53.
- 07._____. Engenho divino. In:____. **Op. cit.**



ESTUDO

- a oportunidade do estudo
- necessidade para o espírito
- benefícios do estudo

Texto auxiliar:

Harry Gold sempre fora um garoto ansioso pelos estudos. Cresceu pobre e quando concluiu o segundo grau, arranhou um emprego. A sua renda era indispensável para a família e seu sonho precisou esperar.

Veio a guerra e ele foi parar no Exército. Quando voltou, retornou ao trabalho. Eram tempos difíceis. Ele arranhou um emprego como vendedor-motorista.

Como muitos dos seus clientes tinham ficado com refrigerantes encalhados em suas lojas, durante a guerra, não desejavam nada além de devolver as garrafas vazias e encerrar tudo.

Mas Harry começou a negociar: “Que tal eu lhe trazer os seis dólares que lhe devemos pela devolução das garrafas vazias em refrigerante? Não vai lhe custar nada e a nós dois dará a oportunidade de ganhar algum dinheiro.”

Foi assim que ele começou a subir na empresa. Supervisor, gerente de filial, gerente de vendas.

Então surgiram os sintomas de uma doença rara e progressiva que causa danos às terminações nervosas. Colocou aparelho nas pernas, passou a usar bengala. Sem lamentações.

Em 1993 ele finalmente conseguiu realizar seu grande so-

nho. Ir para a Faculdade. Era um homem maduro. Poderia ser avô daqueles garotos.

Quando chegou para a primeira aula, olhou aqueles jovens de 20 e poucos anos, se perguntou o que ele estava fazendo ali.

Sentia-se deslocado, escrevia de forma irregular por causa dos dedos enrijecidos.

Um dia, um dos colegas de turma se dirigiu a ele e lhe perguntou:

“Por que está fazendo isso? O restante de nós, como você sabe, precisa estar aqui para conseguir um bom emprego.”

Foi o bastante para trazer o lutador de sempre de volta à vida.

“Veja só, eu fiz o contrário. Primeiro precisei conseguir um emprego e depois levei 50 anos para chegar aqui.”

Colocou a mão no ombro do rapaz e acrescentou, com uma forma amiga:

“Descobri que aprender não é apenas uma questão de conseguir um bom emprego.”

Ele se tornou para a turma um tesouro. Ali, na primeira fila, sentava-se uma pessoa que se lembrava dos tempos da depressão nos Estados Unidos, que lutara na Segunda Guerra Mundial e que vivera os anos da guerra fria. Quando ele falava, era possível sentir o peso de suas experiências. *(A partir da revista Reader's Digest Seleções/ março/2000 – artigo O último calouro, de autoria de Lawrence Elliott).*

Observações:

Harry Gold concluiu a sua graduação na C. W. Post, em Long Island. Na festa de formatura, quando lhe perguntaram o que iria fazer em seguida, ele respondeu que estava se matriculando em mestrado.

Porque alguém brincasse, perguntando se depois ele faria um doutorado, a sua foi a resposta sorridente: “Claro.”

A Universidade lhe deu uma bolsa de estudos para o mestrado. Tudo porque todos aprenderam com Harry Gold que não há idade para aprender e nem obstáculos que não possam ser superados.

Para estudar e crescer não importam idade ou condição física. O importante é querer estudar.

Sugestão bibliográfica:

- 01.DENIS, Léon. O estudo. In:____. **Depois da morte**. 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978. pt. 5, cap. LIII.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Necessidade de estudo. In:____. **Crestomatia da imortalidade**. Por diversos espíritos. Salvador:LEAL, 1969. cap. 27.
- 03.PERALVA, Martins. Estudar sempre. In:____. **Mediunidade e evolução**. Rio de Janeiro:FEB, 1980. cap. 7.
- 04._____. Mediunidade e conhecimento. In:____. **Op. cit.** cap. 43.
- 05.SIMONETTI, Richard. O anel. In:____. **Endereço certo**. 6. ed. Araras:IDE, 1993. cap. 5.
- 06.TEIXEIRA, J. Raul. É preciso aprender. In:____. **Correnteza de luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1991. cap. 31.
- 07._____. O espírita e a letra. In:____. **Op. cit.** cap. 32.
- 08._____. Tens estudado? In:____. **Revelações da luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1994. cap. 1.
- 09.VIEIRA, Waldo. Estudo espírita. In:____. **Seareiros de volta**. Por autores diversos. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1968.



PÁTRIA

- o berço do espírito na Terra
- deveres para com a Pátria
- gratidão do espírito – amor ao solo pátrio

Texto auxiliar:

Tem se tornado comum utilizar a bandeira nacional em momentos de comoção, de torcida por jogos mundiais ou lutas partidárias.

Faz-se, então, do símbolo da Pátria um verdadeiro escudo, chegando-se inclusive a enrolá-la no próprio corpo, à guisa de vestimenta.

Agitam-se o verde e o amarelo em dias de euforia ou de profunda tristeza.

Apesar de tais manifestações explosivas, o que se verifica, no dia a dia, é um grande desamor ao solo pátrio.

Não é raro se ouvirem afirmações pejorativas sobre o país, onde as palavras subdesenvolvido, terra de ignorantes e país de terceiro mundo surgem abundantes.

Faz-se referências aos problemas do país, comparando-se com o velho mundo e sua cultura.

Preciso é que não esqueçamos que o Brasil é ainda um adolescente, que acaba de completar 500 anos. O Velho Mundo conta com séculos de experiência. Natural que o adolescente, pela própria fase de auto - afirmação, apresente turbulências e desacertos.

O de que carecemos é assumir verdadeira postura patrióti-

ca, que não significa simplesmente encher a boca e falar: “Sou brasileiro”, quando o País se encontre às vésperas de disputar campeonatos internacionais ou se destaca em algum outro campo.

Importante que tomemos consciência de que o País melhor somente se construirá a partir das consciências individuais esclarecidas e operantes.

Não podemos almejar que a corrupção desapareça do meio público, se em nosso lar, no relacionamento interpessoal agimos como corruptos. Quem pode, em sã consciência, afirmar que trabalha pelo bem da comunidade brasileira?

Que temos feito para melhorar o padrão cultural do povo? Temos nos empenhado em alfabetizar um adulto? Temos nos oferecido para apadrinhar uma criança, permitindo-lhe o livre acesso à escola que a instrua?

Temos nos oferecido como voluntários para aprimorar o padrão de urbanismo em nosso bairro? Colocamos o lixo bem acondicionado em sacos plásticos, para evitar a exalação do mau cheiro, tanto quanto facilitado a tarefa dos nossos conterrâneos lixeiros?

Temos respeitado as leis ou ainda somos dos discípulos da doutrina do jeitinho brasileiro?

O País é sempre o retrato dos que o compõem. Feliz ou infeliz, nobre ou vil, é a soma dos indivíduos que nele se nutrem.

Honrados com a chance de habitar um país tropical, coração do mundo e Pátria do Evangelho, cabe-nos o dever inadiável de realizar o melhor, por mínima parcela de gratidão que seja.

Quando assim procedermos teremos aprendido a lição do amor à Pátria, a terra em que renascemos ou que nos adotou. Nesse

dia, sem medo, nos será permitido cantar com o compositor popular: “Meu coração é verde, amarelo, branco, azul, anil...”

Observações:

Pelo processo da reencarnação habitamos países diferentes, em vidas diversas.

Isto nos dá a nota da fraternidade que deve reger as relações entre os povos.

Também a da gratidão para cada rincão que nos recebe, proporcionando-nos a possibilidade de renascimento que, em síntese, é sinônimo de progresso.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Vida espírita. In: ___. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. VI, perg. 317.
- 02.TEIXEIRA, J. Raul. **Exaltação ao Brasil**. Pelo espírito Sebastião Lasneau. Niterói:FRÁTER, 2000.
- 03.XAVIER, Francisco Cândido. Ciências fundamentais. In: ___. **O consolador**. Pelo espírito Emmanuel. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1970. pt. 1, cap. I, perg. 54.
04. _____. No dia da pátria. In: ___. **Crônicas de além-túmulo**. Pelo espírito Humberto de Campos. 8. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1975. cap. 13.



RIQUEZA E POBREZA

- conceitos de riqueza e pobreza
- a riqueza da saúde, família, harmonia no lar
- a verdadeira riqueza é moral

Texto auxiliar:

Você é uma pessoa que se considera rica ou pobre? Como você mensura a riqueza? Pelo tamanho da mansão? Pelo carro do ano? Pelas roupas importadas ? Pela possibilidade de viagens internacionais de longo período?

Ou você é daqueles que considera a saúde, a harmonia da família como itens de imensa riqueza?

Certa vez, um pai de família muito rico resolveu levar seu filho para viajar para o interior. O seu propósito era mostrar quanto as pessoas podiam ser pobres. Conseqüentemente, como eles eram ricos.

Planejou tudo com cuidado e escolheu uma fazenda de uma família que ele considerava muito pobre. Passaram um dia e uma noite com eles.

No retorno da viagem, em um carro último tipo, brilhante, motor poderoso, o pai orgulhoso pergunta ao filho:

“Como foi a viagem?”

“Muito boa, papai!”

“Você viu como as pessoas pobres podem ser?” continuou a perguntar o pai.

“Sim”, respondeu o garoto.

Ante respostas tão curtas, o pai finalmente questionou:

“Mas, afinal, o que você aprendeu?”

Agora, com entusiasmo, respondeu o menino:

“Muita coisa, pai. Aprendi que nós só temos um cachorro de pelo lustroso, gordo e orgulhoso, como nós. Fica olhando os que chegam como se fossem de outro mundo, com ar de superioridade. Eles têm quatro cachorros, super amigos. Mal cheguei e já estavam rolando comigo pelo chão, correndo atrás de mim, me fazendo subir em árvores e pular cercas.

Recebem os amigos dos seus donos abanando a cauda, latindo festivos e lambendo as mãos.

Nós temos uma piscina enorme, que vai até o meio do jardim e que permanece a maior parte do tempo vazia porque selecionamos demais aqueles que devem entrar nela. Ou ficar ao redor dela, brincando.

Mas eles, aqueles meninos, têm um riacho de água corrente que não tem fim. A água é cristalina, corre por entre pedras, inventa mil curvas pelo caminho e ainda tem peixes.

Nós temos uma varanda coberta e iluminada com luz, com cadeiras especiais, mesas e adornos.

Eles têm a lua e as estrelas. Deitam no tapete aveludado da grama e por mais fiquem contando os astros no céu, não conseguem terminar a conta. Além do que, a lua e as estrelas deles iluminam a estrada, todo o caminho que outros tantos também passam.

O nosso quintal, pai, vai até o portão de entrada eletrônico, com muros, grades fortes e altas. Eles têm uma floresta inteira, cheia de animais diferentes e de surpresas.

Quando entram nela, não sabem se toparão com um veado assustado, uma coruja sonolenta ou pássaros cantantes.”

E ante o assombro do pai, ainda arrematou:

“Obrigado, pai, por me mostrar o quando nós somos pobres!” *(A partir de mensagem de autor desconhecido).*

Observações:

Existem tesouros inumeráveis no mundo, que desfrutamos sem sequer nos mostrarmos agradecidos ao dono de tudo: Deus.

Subimos serras, adentramos o mar e nos maravilhamos com as suas cores, o seu vigor, a riqueza das flores e dos animais.

Viajamos através de estradas mal abertas, respirando o ar puro das árvores que se ergueram há séculos e sustentam o frescor do verde da primavera que apenas despertou.

Refrescamo-nos nos rios de água cristalina, saciamos a sede em fontes naturais, límpidas, desfrutamos do sol, do ar.

É um mundo grandioso de tesouros que se sucedem, sem parar.

Somos verdadeiramente pessoas muito ricas. Para completar a nossa riqueza, somente nos falta a virtude da gratidão de erguer o coração em prece e agradecer, louvando ao Pai de todos nós, pela distribuição farta que nos oferece todos os dias.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan.Vida espírita. In:____. **O livro dos espíritos.**40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. VI, perg. 266.
- 02._____. Lei de igualdade. In:____. **Op. cit.** pt. 3, cap. IX, pergs. 814 a 816.
- 03._____. Não se pode servir a Deus e a Mamom. In:____. **O evangelho segundo o espiritismo.** 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. XVI, itens 9 e 10.
- 04.DENIS, Léon. Orgulho, riqueza e pobreza. In:____. **Depois da morte.** 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978. pt. 5, cap. XLV.
- 05.FRANCO, Divaldo Pereira. Desapego. In:____. **Lampadário espírita.** Pelo espírito Joanna de Ângelis. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1971. cap. 48.
- 06._____. Glórias e insucessos. In:____. **Leis morais da vida.** Pelo espírito Joanna de Ângelis.Salvador:LEAL, 1976. pt. IX, cap. 45.
- 07.TEIXEIRA, J. Raul. Estás pobre? In:____. **Revelações da luz.** Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1994. cap. 20.



A INFÂNCIA

- objetivos do período infantil para o espírito
- responsabilidade dos educadores
- as necessidades das crianças do novo milênio

Texto auxiliar:

As crianças de hoje surpreendem pela sua incrível capacidade de lidar com engenhocas tecnológicas. Assustam adultos de mais de trinta anos que sentem algum desconforto frente ao computador, a botões e máquinas eletrônicas sofisticadas.

Os garotos da atualidade assistem em tempo real ao que ocorre em locais distantes de onde se encontram e estão habituados a conquistas científicas.

Tudo isto leva pais a se considerarem ultrapassados, endeusando os filhos ou considerando-os verdadeiros gênios.

Por mais que ajam com certa autonomia, as crianças de hoje como as de ontem têm necessidade dos adultos para lhes dizer o que fazer e o que não fazer.

Os pequenos gênios fazem birra, esperneiam e até fazem greve para conseguirem o que desejam.

Precisam de um “chega” que interrompa sua diversão com o game quando a hora é a da refeição, do banho ou da escola. Necessitam receber “não” para regular a sua rotina e sua saúde.

Precisam de disciplina. E disciplina se faz com limites.

É um erro tratar as crianças simplesmente como cérebros ansiosos por mais e mais conhecimentos.

Elas necessitam de experiências afetivas, pelo que não podem prescindir das brincadeiras com outras crianças.

Assim como elas precisam da imposição dos limites pelos adultos, necessitam dos conflitos com seus amiguinhos para aprenderem a se relacionar com pessoas e coisas.

Alguns estudos mais recentes sobre o aprendizado indicam que se deve pensar em conteúdos intelectuais somente depois dos sete anos, quando as crianças consolidam sua estrutura neurológica, que as capacita a operar certas informações.

O desenvolvimento emocional deve preceder o intelectual. Proceder de forma contrária, pode causar problemas como o desinteresse, com o passar dos anos, pelos estudos.

O mundo necessita de homens capazes de amar, de respeitar o semelhante, de reconhecer as diferenças, de pensar, muito mais do que de gênios sem moral, frios e calculistas.

A ciência, sem sentimento, tem causado males e tragédias.

Preocupemo-nos, pois, em atender a busca afetiva dos nossos filhos. Permitamos que eles convivam com outras crianças, que criem brincadeiras, usando a sua criatividade.

Ensinemo-lhes, através da experiência diária, os benefícios do afeto verdadeiro, abraçando-os, beijando-os, valorizando seus pequenos gestos, ouvindo-os com atenção.

A criança aprende o que vivencia. O lar é a primeira e fundamental escola. É nele que se forma o homem de bem que ampliará os horizontes do amor, nos dias futuros ou o tirano genioso que pensa que o mundo deve girar ao seu redor e somente por sua

causa. (A partir de artigo do jornal *A Gazeta do Povo*, de 03.01.1999, intitulado *Cérebros e corações para o século XXI*).

Observações:

Mesmo a criança considerada um gênio precisa de cuidados elementares para crescer emocionalmente.

Para se tornar, de fato, uma pessoa com capacidade de criar, produzir e desfrutar junto com os outros, a criança precisa de afeto.

As crianças de hoje não amadurecem emocionalmente mais rápido do que as de antigamente?

Elas continuam a ter medo do desconhecido, a se alegrarem com pequenas coisas, a se sentirem, infinitamente tristes pela perda de um animal de estimação.

São todas experiências importantes para a formação e o aprendizado emocional do ser humano, devendo ser valorizadas em todos os seus detalhes.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. retorno à vida corporal. In:____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. VII, pergs. 379 a 385.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Criança e escola. In:____. **Sementeira da fraternidade**. Por diversos espíritos. 2. ed. Salvador:LEAL, 1972. cap. 56.
- 03._____. Criança e família. In:____. **Terapêutica de emergência**. Por espíritos diversos. Salvador:LEAL, 1983. cap. 13.
- 04.SIMONETTI, Richard. Um curso básico de vida. In:____. **Viver em plenitude**. 3. ed. Bauru:SÃO JOÃO, 1996.
- 05.TEIXEIRA, J. Raul. Sobre a criança. In:____. **Vereda familiar**. Pelo espírito Thereza de Brito. Niterói:FRÁTER, 1991. cap. 10.
- 06._____. Cuidemos das crianças. In:____. **Op. cit.** cap. 11.
- 07._____. Abençoe seu filho. In:____. **Op. cit.** cap. 12.



FILHOS ADOLESCENTES

- mudanças físicas e psicológicas na adolescência
- apoio afetivo e disciplina
- a verdadeira educação

Texto auxiliar:

A adolescência é a fase da vida entre a infância e a juventude. A época se caracteriza por muitas mudanças físicas e psicológicas. Transformações internas e externas.

A menina se vê transformada em mulher, o menino percebe a barba a despontar, aparecem os pelos pelo corpo, a voz engrossa.

Em ambos os sexos, uma intensa atividade glandular, hormonal. Em nível social acentua-se a imitação e o grupo de amigos tende a crescer em importância.

A parte intelectual se apresenta notável. A parte afetiva muito contraditória.

O adolescente apresenta insegurança. Às vezes demonstra ar de superioridade para os adultos, de outras, total dependência.

São anos difíceis para os jovens. E também para os pais. Em especial aqueles que na infância não disciplinaram o filho para receber alguns “não”.

É comum adolescentes de 16 anos, mesmo sem carteira de habilitação, serem vistos a dirigir automóveis. Os seus próprios. Exigem que o pai lhes dê tudo que desejam.

É a roupa da moda, os cd's do momento, carro, moto, combustí-

vel. Vivem a irreabilidade. O que pedem, conseguem.

Não importa que para isso os pais necessitem redobrar as horas de trabalho profissional, se privem de alguns desejos e vontades.

Ocorre que se o adolescente for habituado a ter tudo que solicita, terá dificuldades na escola. Dificilmente aceitará uma nota mais baixa, uma reprimenda.

Se uma menina não lhe corresponder ao anseio afetivo, registrará ele muita dificuldade para tal aceitar.

Têm-se visto pais continuarem a levar à conta da idade, do “logo passa”, “é a fase crítica”, tudo que se refira a desrespeito, malcriação, abusos.

Adolescentes que saem para os programas com amigos, sem horário específico de volta. Talvez pela madrugada. Quicá embriagados. Alguns, para evitarem dissabores de faltar dinheiro na hora de pagar a conta, já dispõem do seu cartão de crédito. Naturalmente, debitado à conta do pai.

Desrespeito que vai ao ponto de dizerem aos pais que “estão por fora”, “são caretas”, “não se cansam de pagar o mico”.

Será este o relacionamento com liberdade que se idealiza? Que seres estamos formando para a sociedade?

De um modo geral, essas situações ocorrem porque, desde a infância, a criança não teve limites, não foi educada.

É importante que no lar cada qual tenha sua tarefa a executar, a atender. Que desde cedo se ensine à criança que nem tudo lhe é permitido.

Que só quem se esforça e realiza a sua parte, tem direitos adquiridos. Não é exatamente essa a relação entre trabalho, produtividade e salário?

Se você está vivendo a fase dos seus filhos adolescentes e reconhece a falta de controle, não espere amanhã.

Comece hoje a estabelecer as novas normas. Com certeza, se na infância você não se preocupou em lhe passar os valores do respeito, da responsabilidade, tudo será mais difícil.

Impossível? Não. O jovem é também suscetível, sensível e justo.

O melhor é começar com uma longa conversa com os filhos. Uma reunião em que você exponha as modificações que serão introduzidas na vida familiar.

Não espere uma aceitação passiva e total. Eles verão as medidas como retaliações, autoritarismo.

Por isso mesmo você deve estar muito seguro, firme do que deseja para os seus filhos.

Pode também acontecer que as mudanças ocorram melhor do que se imagina. Os jovens têm capacidade de analisar novas propostas, desde que apresentadas de forma coerente.

É bom pensar que muitas vezes brigamos, discutimos por bobagens sem importância. Simplesmente porque nos incomodam. São os cabelos longos, o brinco na orelha, tênis sujos. Em contrapartida, descuramos de aspectos reais da educação.

Aqueles em que deveríamos intervir, para o bem dos nossos filhos e da sociedade em que vivemos. (*A partir da obra Uma vida para seu filho/Editora Campus/Bruno Bettelheim - cap. 24*).

Observações:

A primeira visão acerca do que chamamos adolescência só teve lugar no século 18.

A consciência da adolescência tornou-se um fenômeno generalizado só depois do final da Primeira Guerra Mundial.

Até o final do século 19, a vida mesmo nos países mais adiantados do mundo, era bem diferente da atual. Meninas com onze anos eram enviadas para empregos como domésticas. Os meninos para as fazendas, fábricas ou minas.

Ía-se da infância à fase adulta de um salto. Considere-se que a expectativa de vida era de menos de 30 anos, então.

Sugestão bibliográfica:

01.KARDEC, Allan. Retorno à vida corporal. In:____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. VII, perg. 385.

02.SIMONETTI, Richard.Gente acordando. In:____. **Viver em plenitude**. 3. ed. Bauru:SÃO JOÃO, 1996.

03.TEIXEIRA, J. Raul.Conflitos na adolescência. In:____. **Desafios da educação**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1995. pt. 2.

04.BETTELHEIM, Bruno. Os laços que unem. In:____. **Uma vida para seu filho – pais bons o bastante**. 10. ed. Rio de Janeiro:CAMPUS, 1988. pt. 3, cap. 24.

05.MAY, Rollo.A luta para ser. In:____. **O homem à procura de si mesmo**.9. ed. Petrópolis:VOZES, 1982. pt. 2, cap. IV.



A MEDIUNIDADE EM NOSSAS VIDAS

- a mediunidade no cotidiano dos homens
- a intuição e a inspiração
- os médiuns do amor na face da Terra

Texto auxiliar:

Na República Dominicana nasceram duas meninas xifópagas, isto é, siamesas. Unidas pelo fígado, eram ainda portadoras de deficiência cardíaca.

Os médicos chegaram a afirmar que as meninas, de nome Clara e Alta, não viveriam.

A mãe as levou para casa dizendo que tinha certeza que tudo se arranjaria com o tempo. Dois anos depois, as meninas ainda estavam unidas, mas a mãe continuava otimista.

Nessa altura, o cirurgião Everett Koop, em sua residência na Filadélfia, nos Estados Unidos, passou a sonhar que realizava delicada intervenção cirúrgica de separação de duas meninas xifópagas.

O sonho se repetia, com certa regularidade. Ele sentia que alguém lhe mostrava a mesma cena, em sonho. Mas onde?

Num dos seus sonhos ele ficou sabendo que as meninas haviam nascido na República Dominicana. Escreveu ao Consulado Americano e logo nas primeiras pesquisas, confirmou a existência de Clara e Alta.

Os médicos do Hospital de San José de Ocoa mandaram relatórios e até fotografias.

Confirmados os seus sonhos, o cirurgião escreveu diretamen-

te à mãe das garotas.

Ela vibrou de alegria. Era a carta e a oportunidade que ela esperava.

As meninas foram levadas para a Filadélfia. O jornal de Madrid, Espanha, que narra os detalhes diz que durante a operação, o médico deu mostras de faculdades extraordinárias.

Os assistentes disseram: “Atuou de forma impressionante, com uma segurança espantosa. Sua habilidade foi a de sempre. Suas mãos se moviam a grande velocidade. Suas ordens eram precisas. Unicamente, em certos momentos fechava os olhos como a recordar-se de algum detalhe. Em seguida prosseguia.”

A intervenção durou várias horas. No momento crucial, foi feita a separação do fígado.

O cirurgião não se separou um momento das pequeninas pacientes.

Tudo estava bem. As radiografias revelaram o enorme fígado convertido em dois, trabalhando as duas partes perfeitamente, em cada um dos organismos das meninas.

Como se depreende do fato, Deus tem formas extraordinárias de atender os Seus filhos.

À uma mãe dá a certeza do êxito, sem situar no tempo. Ela é paciente e aguarda.

Convoca um exímio cirurgião e através do sonho, o convida à tarefa.

Verdadeiramente, a Providência Divina não teme espaço, tempo ou crença.

E cada criatura no mundo pode lhe ser o instrumento dócil, bastando guardar no coração o desejo de fazer o bem. (A partir da Revista O Espírita de out/dez 1995 – pág. 8).

Observações:

A mediunidade não é privilégio dos que se afirmam espíritas.

É uma faculdade de que são portadores quase todos os homens.

Por isso mesmo, através da intuição, o homem serve a Deus servindo a seu irmão.

Para ser médium do amor basta desejar auxiliar o próximo.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Dos médiuns escreventes ou psicógrafos. In: _____. **O livro dos médiuns**. 53. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1986. pt. 2, cap. XV, itens 180, 182, 183.
- 02.FRANCO, Divaldo Pereira. Mediunidade socorrista. In: _____. **Depoimentos vivos**. Por diversos autores espirituais. Salvador:LEAL, 1975. cap. 15.
03. _____. A grande usina. In: _____. **Op. cit.** cap. 23.
04. _____. Mediunidade. In: _____. **Estudos espíritas**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Rio de Janeiro:FEB, 1982. cap. 18.
05. _____. Exercício consciente da mediunidade. In: _____. **Terapêutica de emergência**. Salvador:LEAL, 1983. cap. 28.
- 06.PERALVA, Martins.Mediunidade com Jesus. In: _____. **Estudando a mediunidade**. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1971. cap. I.
07. _____. Mandato mediúnico. In: _____. **Op. cit.** cap. XXIV.
- 08.XAVIER, Francisco Cândido. Vida. In: _____. **O consolador**. Pelo espírito Emmanuel. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1970. pt. 2, cap. I, perg. 122.



AFLIÇÕES

- lei de causa e efeito – as causas anteriores
- causas atuais das aflições
- a retomada de atitudes e ações

Texto auxiliar:

Toda vez que um problema, uma dificuldade, ou aquilo que habitualmente se conceitua como desgraça ocorre a alguém, é comum se ouvirem referências acerca dos erros da sua vida passada. Isto é, as pessoas dizem que tal coisa lhe aconteceu em função dos erros cometidos em vida ou vidas anteriores.

Tal é a situação de alguém que quebra a perna. Logo surgem os que passam a comentar que aquela criatura, com certeza, deverá ter quebrado a perna de outra pessoa, em vida anterior. Ou ao menos terá dado a ordem para isso.

Se alguém vive desempregado, logo aparecem aqueles que afirmam de forma categórica que assim ocorre com ele devido à forma como tratou seus empregados, numa encarnação anterior. Possivelmente terá sido um patrão desumano, que vivia a demitir seus funcionários por coisas de somenos importância. Quem sabe terá sido um tirano?

É bom se medite que tais eventos do hoje podem, sim, ter ligações com o passado. Mas é oportuno se analise se as aflições e problemas do hoje não são a consequência natural das ações do agora .

Existem os que sofrem acidentes por absoluta imprudência, como dirigir embriagado, praticar esportes perigosos sem a segurança recomendada.

Imaginemos alguém que somente viu esquis pela televisão e em viagem de férias, decide praticar o esporte, sem maiores cuidados ou orientações. Terá muitas possibilidades de, no mínimo, fraturar uma perna.

Assim o que vive desempregado. Quantas vezes defrontamos pessoas que dizem não apreciar serem comandadas, que desrespeitam os superiores hierárquicos, que apenas entram em uma empresa, querem tudo mudar, que não são responsáveis. Vão trabalhar quando têm vontade, não respeitando horários e normas da empresa.

Naturalmente, criaturas desse quilate têm dificuldades para se manter em empregos.

Como se observa, muitas das aflições do hoje têm origem no hoje mesmo.

Quantos casamentos infelizes que são fruto das uniões por interesse. Quantas jovens se apressam para contrair o matrimônio almejando simplesmente, saírem da casa dos pais, serem donas do seu nariz. Casam-se com o primeiro namorado, recém conhecido, sem reflexionar acerca de responsabilidades e necessidades.

Quantos pais se dizem infelizes com seus filhos. Rebeldes sim, mas também que na infância não receberam a esmerada educação, nem jamais aprenderam a ter limites. Tudo lhes foi permitido. Conseqüentemente, na adolescência e na juventude, já habituados a tudo poderem, não respeitam pais, nem normas, nem disciplina.

Examinar nossa forma de pensar e agir, analisar nossas atitudes é primordial para verificarmos a quantas dores e problemas poderemos nos furtar, bastando que se modifiquem as nossas disposições e ações.

Muitas dificuldades serão evitadas, muitas dores amenizadas.

Observações:

No planejamento reencarnatório, antes de se nascer na carne, se definem linhas mestras como a família, a profissão, a religião, o casamento e o gênero de morte .

Os detalhes ficam por conta do reencarnado. Em essência, cada dia podemos construir o nosso dia seguinte mais ou menos feliz. Verificar de tais possibilidades é questão de sabedoria.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Bem-aventurados os aflitos. In:____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987.cap. V, itens 4 e 5.
- 02.DENIS, Léon. Livre arbítrio e providência. In:____. **Depois da morte**. 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978. pt. 4, cap. XL.
- 03._____. As vidas sucessivas. A reencarnação e suas leis. In:____. **O problema do ser, do destino e da dor**. 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1977. pt. 2, cap. XIII.
- 04._____. A lei dos destinos. In:____. **Op. cit.** pt. 2, cap. XIX.
- 05._____. O livre-arbítrio. In:____. **Op. cit.** pt. 3, cap. XXII.
- 06.FRANCO, Divaldo Pereira. Eu que sou brando...In:____. **Trigo de Deus**. Pelo espírito Amélia Rodrigues. Salvador:LEAL, 1993. cap. 4.
- 07.PERALVA, Martins. Espiritismo e livre-arbítrio. In:____. **O pensamento de Emmanuel**. Rio de Janeiro:FEB, 1973. cap. 32.
- 08.TEIXEIRA, J. Raul. Estás aflito? In:____. **Revelações da luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1994. cap. 5.
- 09._____. Sacrificas-te? In:____. **Op. cit.** cap. 7.



PROVAS E EXPIAÇÕES

- escolha das provas
- desafios e resgates
- fórmula para a vitória de ambas

Texto auxiliar:

De que tamanho são os seus problemas? Você acredita que eles sejam maiores do que os de quaisquer outras pessoas?

Habitualmente, quando atravessamos dificuldades, ocorre de as vemos como intransponíveis e insolúveis, o que concorre para estabelecer painéis de maior tristeza e dor.

A propósito, nos recordamos da história de uma garota que costumava desesperar-se ante pequenos contratempos que lhe adviessem.

Preocupado, seu pai convidou-a , certo dia, a dar um longo passeio montanha acima.

A subida íngreme exigiu esforço, compensado pela vista maravilhosa da paisagem, que permitia descobrir velhas árvores coloridas de um verde espetacular, a cachoeira que descia caprichosa, esparramando-se pela encosta, cantando docemente, enquanto lavava as pedras do caminho.

A tudo ia observando a pequena, entre surpresa e extasiada. O pai se permitia, vez por outra, observações ponderadas a respeito da grandeza de Deus, o excelente artista que assim tudo dispusera, naqueles quadros magníficos.

Chegados ao cimo da montanha, o pai convidou a filha a olhar para baixo, falando do que via.

Ela se admirou de ver as pessoas se movendo lá na cidade, quais pequenas formigas. As casas pareciam caixinhas de fósforos, caprichosamente dispostas ao longo de cercas minúsculas.

As árvores tinham o porte de raminhos verdes, espetados na terra. Os carros pareciam brinquedos comandados à distância, por controle remoto.

“Percebeu como as coisas são pequenas, vistas daqui do alto?” - perguntou o pai. “Esta é uma técnica que sempre utilizo quando me vejo em meio a muitos problemas. Subo a montanha e, vendo tudo tão pequeno, começo a pensar que os meus problemas devem ser vistos assim: como alguém que olha as coisas de cima de uma montanha. Tudo então fica mais fácil.”

“Mas quando você sobe, pai, os problemas não sobem junto?”

“Não”, respondeu ele. “Na medida que eu subo, creio que eles não tem resistência, ficam cansados. Quando chego cá em cima, maravilhado com tanta beleza, eles já estão sem fôlego, perdidos pelo caminho. Daí, respiro o ar puro e me disponho a transpirar no trabalho, esforçando-me por superar os obstáculos. Não se esqueça,” finalizou para a filha, “de olhar as coisas difíceis da vida, como quem sobe uma montanha e passa a ver melhor as coisas, lá de cima.”

Semelhantemente ao fato narrado, busquemos olhar nossos óbices de um ângulo mais elevado.

Subamos a montanha da oração, buscando o auxílio superior, e então contemplemos a problemática que nos atinge com olhos diferentes, olhos que traduzam a certeza de que não nos encontramos ao desamparo, em momento algum. Certeza de quem sabe que ao se escalar a montanha da prece, rumando para cima, do alto fulgem bênçãos de socorro, paz e harmonia que nos credenciam à superação dos pesados percalços do caminho. *(A partir da obra O*

Observações:

Ninguém recebe peso maior de dificuldades do que possam arcar os seus ombros.

Jesus prossegue, nos dias da atualidade, convidando os enfermos, aflitos ao seu regaço, dizendo: “Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei.”

Aflitos são os que padecem as dores morais, decepções, tristeza, angústia e sobrecarregados são os que atravessam as dificuldades físicas, doenças, pobreza, aleijumes.

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan. Vida espírita. In: _____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE, 1980. pt. 2, cap. VI, pergs. 258 a 273.
- 02.DENIS,Léon.As provas e a morte. In:_____. **Depois da morte**. 10. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978. pt. 2, cap. XIII.
- 03.TEIXEIRA, J. Raul. Expías? In:_____. **Revelações da luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1994. cap. 3.
- 04.XAVIER, Francisco Cândido.Evolução. In:_____. **O consolador**. Pelo espírito Emmanuel. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1970. pt. 2, cap. V, pergs. 246, 247, 250 a 252.
- 05.XAVIER, Francisco Cândido. Preparação de experiências. In: _____. **Missionários da luz**. Pelo espírito André Luiz. 9. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1973. cap. 12.
- 06._____. Em plena prova.In:_____. **Religião dos espíritos**. Pelo espírito Emmanuel.4. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978.



NATAL

- o Divino aniversariante
- a renovação pelo Amor
- a comemoração do cristão espírita

Texto auxiliar:

Você anda pelas ruas e as cores lhe falam do Natal. Dourado, verde, vermelho. São bolas coloridas, laços vistosos de fitas, arranjos maravilhosamente dispostos nas vitrinas das lojas.

As luzes iluminam as fachadas das casas e transformam as alamedas em estradas de sol, em plena noite.

Tudo traduz alegria. Os apelos comerciais falam de presentes e de ofertas. É a época que antecede o Natal.

As preocupações evoluem do recebimento do 13º salário às compras dos presentes.

As inquietações maiores têm a ver com o que presentear aos afetos, aos amigos, conhecidos e clientes.

É uma época especial. O próprio ar parece envolto em suave aroma, tornando-se mais leve. Na acústica da alma, as baladas melódicas da paz se apresentam em concerto.

É, sim, o Natal que chega de novo. Você já parou para pensar porque existe o Natal?

Em meio a tantas coisas a providenciar, você se deu conta o que irá comemorar?

Não esqueça que Natal é o aniversário de Jesus. Não se es-

queça de lhe preparar uma festa especial.

Uma festa que demanda só um pouco de tempo e disposição. Uma festa que se faz na intimidade da alma e que se traduz na alegria que você propicia a alguém, em nome Dele, o Aniversariante.

Por isso, quando passar pela rua, carregado de pacotes, olhe ao seu redor. Descubra nas esquinas, na frente das vitrinas iluminadas, vários pares de olhos infantis ansiosos. Eles também sonham, com a única diferença que quase nunca os sonhos deles se concretizam.

Descubra nesses olhares perdidos nas terras dos sonhos, os desejos e ansiedades e aproxime-se.

Fale com eles. Converse. Ouça-os. É possível que você não disponha dos recursos amoeitados para lhes concretizar os anseios, mas fale-lhes, em nome de Jesus.

Sorria, pergunte pela família, demonstre interesse. Alongue o braço. Esboçe um gesto de carinho. É Natal.

Lembre ainda que, enquanto você anda de um lado para o outro, entrando e saindo das lojas, consultando preços e catálogos, existem muitos que se encontram imobilizados em leitos de enfermidade e solidão.

Busque-os também. Visite-os, em nome Dele, do Divino Amor que um dia caminhou, em um corpo de homem, pelas vias terrenas. E que ainda hoje, prossegue, meigo e doce, nas velas do mundo, procurando alguém como você.

Alguém que disponha de uns minutos, que O ouça e O interprete para outro alguém com um tempinho, um carinho, um simples “olá”. Especialmente porque esta é a época do Natal.

Observações:

Não perca o tesouro das horas nem a oportunidade de socorrer ao próximo.

Você pode, ainda hoje, estender o agasalho a quem a noite pede perdão por ser longa e fria. Pode aliviar o suplício dos companheiros que a doença consome ou dizer a frase calmante para os que quase enlouquecem no sofrimento.

Se você se dispuser a isso, sentirá que verdadeiramente está vivendo o espírito do Natal, e iluminará a sua vida de amor, transformando os seus dias em um perene dia de Natal. (*A partir da obra O espírito da verdade/Editora FEB/Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira/Autores diversos – cap. 25*).

Sugestão bibliográfica:

- 01.FRANCO, Divaldo Pereira. Natal íntimo. In:____. **Alegria de viver.** Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1987. cap. 20.
- 02._____. Renascimento do Cristo. In:____. **Receitas de paz.** Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1984. cap. 20.
- 03._____. Natal de ação. In:____. **Viver e amar.** Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1985. cap. 20.
- 04.SIMONETTI, Richard. A nostalgia do natal. In:____. **Uma razão para viver.** Bauru:SÃO JOÃO, 1989.
- 05.VINICIUS. Considerações sobre o natal. In:____. **Na seara do mestre.** 4. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1979.
- 06._____. Jesus e o seu natal. In:____. **Em torno do mestre.** 4. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1979. pt. 1.
- 07.XAVIER, Francisco Cândido.Louvor do natal. In:____. **Religião dos espíritos.** Pelo espírito Emmanuel. 4. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978.



LAR – UM LUGAR PARA CRESCER

- a casa e o lar
- gentileza, delicadeza, polidez
- respeito, aconchego e amor

Texto auxiliar:

Certa vez uma criança de sete anos perguntou à sua mãe, que era famosa apresentadora de programa de TV:

“Mãe, por que na tela da televisão você sempre aparece sorrindo e feliz e em casa está sempre séria e nervosa?”

A mãe, pega de surpresa, respondeu:

“É porque na televisão eu sou paga para sorrir.”

No que a filha, mais do que depressa, tornou a perguntar:

“Mãe, quanto você quer ganhar para sorrir também em nossa casa?”

Por que não sorrir no melhor lugar do mundo, que é o nosso lar? Por que não dar para os nossos tesouros mais preciosos, o melhor?

Você já parou para observar um irrigador de grama em funcionamento?

Pois verifique que, girando, ele irriga toda a grama à sua volta. Mas chegue mais perto. Olhe a grama que está próxima do irrigador. Ela certamente estará seca.

O irrigador molha a grama que está distante de si, mas não

consegue molhar a grama que está tão próxima.

Será que em nossa família estamos agindo à semelhança do irrigador de grama?

Se estamos, é hora de mudar com urgência. Verifiquemos que, quando um amigo vem à nossa casa, colocamos um sorriso no rosto.

Procuramos ser prestativos, companheiros, perguntamos como ele está, o que tem feito.

Somos extremamente simpáticos. Nosso rosto é a própria expressão da alegria e da camaradagem.

Batemos carinhosamente em suas costas. Olhamos com respeito e amizade nos seus olhos. Sorrimos e sorrimos muito.

Toda nossa atenção, durante o tempo em que ele está conosco, é para ele. Deixamos das nossas atividades habituais, largamos o jornal, deixamos de assistir o programa de TV que tanto gostamos.

Termina a conversa, o amigo precisa ir embora e despedimo-nos. Acompanhamo-lo até o portão, ficamos acenando até ele desaparecer na rua.

Agora, voltamos para o interior da nossa casa e para nossa família. Como que por um passe de mágica, nosso rosto se fecha, ficamos carrancudos.

Vamos ler nosso jornal em um canto, para que ninguém nos perturbe. Passamos a ser outra pessoa.

Junto ao amigo somos pessoas simpáticas e sorridentes. Jun-

to à nossa família somos pessoas antipáticas e exigentes. Por que?

Será que os nossos amores não merecem a nossa atenção e o nosso carinho? *(A partir da Revista Espírita Allan Kardec, ano XII, nº 44 – artigo intitulado O próximo mais próximo, de autoria de Alkindar de Oliveira).*

Observações:

Se você se deu conta que está agindo mais ou menos como um irrigador de grama, reverta logo a situação.

Ainda hoje, enquanto você está com os seus filhos, sua esposa, seus pais, seja alegre.

Converse. Interesse-se pela vida deles. O que eles fazem, enquanto você está na escola, no trabalho, na rua?

Eles estão com algum problema? Gostariam de contar?

Sorria. Conte histórias de bom conteúdo. Relate fatos de sua experiência. E sorria.

Sobretudo, abrace com carinho, beije com amor.

Agindo assim, nossa casa se transformará em um lar. E ainda hoje seremos mais felizes.

Sugestão bibliográfica:

- 01.FRANCO, Divaldo Pereira. Dentro do lar. In: _____. **Dimensões da verdade.** Pelo espírito Joanna de Ângelis. 2. ed. Salvador:LEAL, 1977.
- 02.SIMONETTI, Richard. Miragens. In: _____. **Endereço certo.** 6. ed. Araras:IDE, 1993.
- 03.TEIXEIRA, J. Raul. Exercícios de paz no lar. In: _____. **Vereda familiar.** Pelo espírito Thereza de Brito. Niterói:FRÁTER, 1991. cap. 4.
04. _____. Devastação de lares. In: _____. **Vozes do infinito.** Por diversos espíritos. Niterói:FRÁTER, 1991. pt. VIII, cap. 30.
- 05.VIEIRA, Waldo. No lar. In: _____. **Conduta espírita.** Pelo espírito André Luiz. 2. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1961. cap. 5.
- 06.XAVIER, Francisco Cândido.Paz em casa. In: _____. **Luz no lar.** Por diversos autores espirituais. 5. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. 62.
07. _____. No recinto doméstico. In: _____. **Sinal verde.** Pelo espírito André Luiz. 11. ed. Uberaba:CEC, 1982. cap. 4.
08. _____. Entre cônjuges. In: _____. **Op. cit.** cap. 5.
09. _____. Experiência doméstica. In: _____. **Op. cit.** cap. 6.
10. _____. Ambiente caseiro. In: _____. **Op. cit.** cap. 8.



MISSÕES DOS ESPÍRITOS

- as várias missões dos espíritos
- a missão do amor
- os missionários anônimos

Texto auxiliar:

Quando se fala em missionário, a primeira imagem que nos acode à mente é a de um religioso devotado ao bem, alguém que dedique seus dias e noites, de forma integral, para o bem dos seus irmãos, para a humanidade.

No entanto, missionários existem de diversos portes. E alguns muito próximos de nós.

Por vezes, pais amorosos que recebem nos braços filhos deficientes e os sustentam por toda uma vida, com seus cuidados e extremada ternura.

De outras, amigos excepcionais que estendem mãos de veludo para aplacar as dores dos espinhos nas carnes alheias.

Filhos dedicados que nascem para iluminar nossas vidas, à semelhança de astros luminíferos em nosso céu borrascosos.

Recordamos de uma família na qual o segundo filho nasceu portador de séria enfermidade que a pouco e pouco lhe foi retirando a mobilidade.

Primeiro foi o andar impreciso, depois somente com amparo forte, até a imobilidade dos membros inferiores.

Da dificuldade de coordenação motora à dependência total para as mínimas necessidades: beber um copo d'água, levar o ali-

mento à boca.

Enquanto o drama era vivido e sofrido pelos pais, a esposa engravidou pela terceira vez.

O diagnóstico nada animador prescrevia um abortamento, dadas as complicações cardíacas da gestante, além da possibilidade do bebê ser portador de microcefalia.

Estribado na fé, o casal aguardou o tempo. O bebê nasceu perfeito. Garoto feliz, demonstrou desde os primeiros momentos o quanto era grato por estar vivo.

Mais de uma vez, deixava dos folguedos para correr ao peçoço da mãe, abraçá-la e dizer: “Eu amo a minha vida, amo a minha casa, amo todos vocês.”

A nota mais interessante começou a ser observada quando o pequeno não tinha mais que ano e meio. Colocava-se em pé em sua cadeirinha e com cuidado ajudava colocar na boca do irmão deficiente a alimentação.

Na sua linguagem infantil, pronunciava: “Eu judo o mano.”

E na medida em que cresceu, a ajuda se tornou mais constante e efetiva.

Hoje, quase aos sete anos, o pequeno é o guardião do seu irmão. Dormem no mesmo quarto, por insistência dele e não são raras as madrugadas em que ele se levanta do leito, atravessa o corredor, se dirige ao quarto dos pais para pedir ajuda para o mano, que necessita alguma atenção maior.

Nenhuma queixa, nenhuma reclamação. Deixa de brincar com os amigos para se dedicar ao irmão. Busca água, conduz a cadeira

de rodas, joga vídeo-game, assiste filmes, comenta futebol.

Dia desses, na sua inocência infantil, olhou para a mãe e lhe disse: “Mãe, sabe por que eu nasci?” E ante a surpresa da genitora, aduziu: “Eu nasci para cuidar do mano.”

Missionários existem, sim, em nossos lares. Anônimos, ocultos, realizam sua tarefa.

Missionário é todo aquele que se entrega em totalidade em tarefa de amor, na obscuridade da estrada ou nos palcos da ciência, da filosofia ou da religião.

Missionário é todo aquele que traz a consciência do seu dever de servir além e acima de qualquer circunstância.

Movido pelo amor, é qual chama ardente que não se extingue. Sol de primeira grandeza que ilumina outras vidas, em barracos infectos ou em mansões suntuosas.

Sua missão é amar e servir. Como a violeta escondida na ramagem do jardim, exala seu perfume e se esconde na capa humilde de servidor.

Observações:

Quem ama, coroa as horas de luz. Quem serve, adorna o coração de ventura imorredoura.

Saiamos na direção do sol para servir. *(A partir da obra Repositório de sabedoria/Editora Leal/Divaldo Pereira Franco/Espírito Joanna de Ângelis/vol. 2 – verbete Servir).*

Sugestão bibliográfica:

- 01.KARDEC, Allan.Ocupações e missões dos espíritos. In:____. **O livro dos espíritos**. 40. ed. São Paulo:LAKE,1980.pt. 2, cap. IX, pergs. 569 a 581.
- 02._____. Bem-aventurados os pobres de espírito. In:____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 97. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1987. cap. VII, item 13.
- 03.SIMONETTI, Richard. Uma única pergunta. In:____. **Viver em plenitude**. 3. ed. Bauru:SÃO JOÃO, 1996.
- 04.TEIXEIRA. J. Raul. Fostes chamado? In:____. **Revelações da luz**. Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1994. cap. 21.



ANO NOVO – PROPOSTA PARA RENOVAÇÃO

- o milênio da paz
- fraternidade e união
- busca da perfeição

Texto auxiliar:

Ao finalizar o ano 1900, muitos pensadores argumentavam que o raiar do século 20 marcaria o fim da fase religiosa da História.

Mas cá estamos, iniciando o Terceiro Milênio e a mensagem do Cristo está bem viva e forte no pensamento e no coração de incontáveis pessoas.

Voltaire, escritor francês do século XVIII, imbuído desse espírito cristão, teve oportunidade de produzir excelentes peças de caráter religioso.

No dealbar do Terceiro Milênio, é importante revermos tais escritos que nos remetem a uma profunda fé em Deus. Exatamente aquele Deus que Jesus nos revelou como o Pai de todos nós. Um pai que ama e por amor nos sustenta os dias.

“Deus de todos os seres, de todos os mundos, de todos os tempos. Se é permitido a frágeis criaturas, não percebidas para o resto do Universo, atrever-se a te pedir algo, a Ti, que tudo nos tens dado; a Ti, cujos decretos são imutáveis e eternos, olha com piedade os erros de nossa natureza. Que esses erros não sejam calamidades. Afinal não nos deste o coração para nos aborrecer e as mãos para nos agredir.

Faze com que nos ajudemos mutuamente a suportar o fardo de uma vida penosa e fugaz. Que as pequenas diferenças entre os trajas que cobrem nossos frágeis corpos, entre nossas insuficientes

linguagens, entre nossos ridículos usos, entre nossas imperfeitas leis, entre nossas insensatas opiniões, entre nossas condições tão desproporcionadas aos nossos olhos e tão iguais diante de Ti; que todos esses matizes, enfim, que distinguem os átomos chamados homens, não sejam sinais de ódio e de perseguição.

Que aqueles que acendem velas em pleno meio-dia para Te celebrar, tolerem os que se contentam com a luz de Teu Sol.

Que os que cobrem seus trajes com tela branca para dizer que devemos amar, não detestem os que fazem o mesmo sob uma capa de lã negra.

Que seja igual adorar-Te em dialeto formado de uma língua antiga e em uma recém-formada.

Que todos os homens se recordem de que são irmãos!

Se os açoites da guerra forem inevitáveis, dá-nos condições de não nos desesperarmos.

Que não nos destrocemos uns aos outros em tempos de paz. Que empreguemos o instante de nossa existência em bendizer em milhares de idiomas, desde o Sião até à Califórnia, Tua bondade que nos concedeu este instante. *(A partir da obra Um presente especial/ Editora Aquariana/Roger Patrón Luján – cap. Oração).*

Observações:

Originados da mesma fonte, amparados pelo mesmo Pai, todos os homens somos irmãos.

Se as fronteiras nos dividem em países e nações, se os idiomas nos criam dificuldades de comunicação, se as distâncias nos

impedem de nos entrelaçarmos, a vibração da fraternidade deve vigorar em nossos corações.

Todos fomos criados por Amor, somos filhos da Luz e destinados à Luz.

Por ora, e somente por agora, nos situamos em painéis diferentes mas um dia, além do corpo, transcorrido todo o caminho, todos chegaremos ao mesmo fim. A Casa do Pai. A perfeição.

Sugestão bibliográfica:

- 01.FRANCO, Divaldo Pereira.Plenificação íntima. In:____. **Desperte e seja feliz.** Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1996. cap. 25.
- 02._____. Necessary despertar.In:____. **Momentos enriquecedores.** Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador:LEAL, 1994. cap. 4.
- 03._____. Realização interior. In:____. **Op. cit.** cap. 8.
- 04._____. Perfil da renovação. In:____. **Perfis da vida.** Pelo espírito Guaracy Paraná Vieira. Salvador:LEAL, 1992. cap. 16.
- 05._____. Educação íntima. In:____. **Temas da vida e da morte.** Pelo espírito Manoel P. de Miranda. Rio de Janeiro:FEB, 1989.
- 06.GODOY, Paulo Alves. Reforma interior. In:____. **Os padrões evangélicos.** 2. ed. São Paulo:FEESP, 1989.
- 07.TEIXEIRA, J. Raul. Tens coragem de mudar? In:____. **Revelações da luz.** Pelo espírito Camilo. Niterói:FRÁTER, 1994. cap. 10.
- 08.XAVIER, Francisco Cândido. Reforma íntima. In:____. **Seara dos médiuns.** Pelo espírito Emmanuel. 3. ed. Rio de Janeiro:FEB, 1978.



Federação Espírita do Paraná

Alameda Cabral, 300 - CEP 80410-210

Fone/Fax: (41) 223-6174 - Curitiba PR

feparana.com.br

fep@feparana.com.br

momento.com.br

livraria@mundoespirita.com.br